

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Um Sesc no Porto

Walter Afonso Rigueti

M
2020



Um Sesc no Porto
Walter Afonso Rigueti



UM SESC NO PORTO

Walter Afonso Rigueti

Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade
de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor Carlos Prata

Novembro/2020

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Carlos Prata, pelas orientações e confiança do desenvolvimento deste exercício acadêmico.

Ao meu companheiro, Cristiano Zan, que desde o princípio me acompanhou nesta caminhada pela FAUP, durante os dois anos do mestrado e no desenvolvimento desta dissertação, dando conselhos, broncas, opiniões e risadas.

À todos os professores da FAUP que fizeram parte desta trajetória do mestrado, pelo conhecimento compartilhado.

Aos amigos Maria Eduarda Neumann, Eduardo Figueiras Carqueja, Ana Francisco, Paulo Lage Silva e Diana Nunes, pela amizade construída nos anos que passamos juntos e pelas boas memórias que guardo deles.

Aos amigos Alessandro Citterio e Rodolfo Ferro, pela amizade e apoio durante o desenvolvimento projetual.

À minha família, sobretudo à minha mãe, quem esteve sempre ao meu lado, mesmo estando do outro lado do Oceano Atlântico, me acompanhando e me dando forças para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação pretende um ensaio acerca da relação entre a arquitetura e o tempo livre destinado ao desenvolvimento pessoal, seja ele físico ou intelectual, e os seus contributos para a sociedade. A coleta de princípios teóricos sobre a compreensão do tempo livre e do lazer colaboraram para o posterior exercício projetual de uma unidade do Sesc implantado na cidade do Porto.

A pesquisa realizada acerca do histórico da instituição em questão, acrescida à análise de duas unidades de referência, foi fundamental para um melhor entendimento sobre como o Sesc atua e quais os seus objetivos à sociedade em que se insere. A proposta da unidade Porto surge com a intenção de trazer à cidade um equipamento sociocultural que ofereça atividades dirigidas ao bem estar e desenvolvimento da sociedade portuense.

ABSTRACT

This dissertation is intended as an essay on the relationship between architecture and free time for personal development, whether physical or intellectual, and its contributions to society. The collection of theoretical principles on the understanding of free time and leisure collaborated for the subsequent project exercise of a Sesc unit implanted in the city of Porto.

The research carried out on the history of the institution in question, added to the analysis of two reference units, was fundamental for a better understanding of how Sesc operates and what its objectives are for the society in which it is inserted. The proposal of the Porto unit was made with the intention of bringing to the city a socio-cultural equipment that offers activities directed to the well being and development of the Porto society.

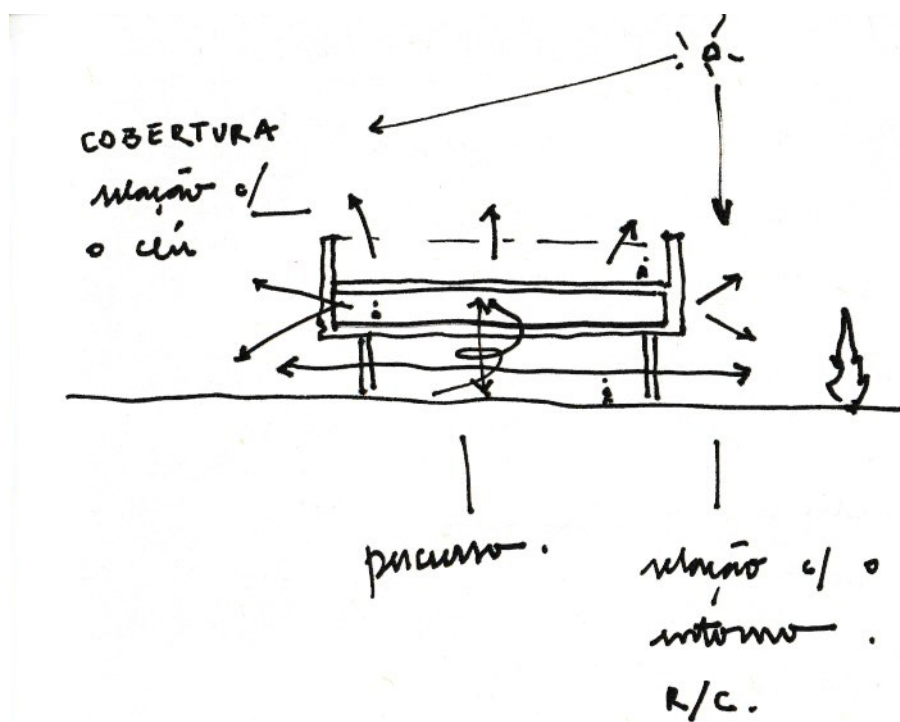
ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. A CULTURA DO LAZER E DO BEM ESTAR SOCIAL	17
2. O MODELO SESC	31
2.1 HISTÓRIA E CONCEITO	33
2.2 O PROGRAMA	45
2.3 UNIDADES DE REFERÊNCIA	48
2.3.1 SESC POMPEIA	48
2.3.2 SESC 24 DE MAIO	62
3. SESC PORTO	75
3.1 ANÁLISE TERRITORIAL E SOCIODEMOGRÁFICA	76
3.1.1 HIERARQUIA VIÁRIA E EDIFÍCIOS DE USO PÚBLICOS	80
3.1.2 REDE DE TRANSPORTES PÚBLICOS	84
3.1.3 ESPAÇOS VERDES E LINHAS DE ÁGUA	88
3.1.4 DEMOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL	92
3.2 O PROGRAMA ARQUITETÔNICO	96
3.3 O TERRENO DO ANTIGO ESTÁDIO DO LIMA	99
3.4 PROJETO SESC PORTO	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
BIBLIOGRAFIA	165

“Quando se projeta, mesmo como estudante, é preciso fazer uma obra que ‘sirva’, que tenha uma conotação de uso, de aproveitamento. É preciso que essa obra não caia do céu sobre os ‘moradores’, mas que exprima uma verdade, uma necessidade. E ela também tem que ser (e isso vai depender da capacidade de cada um) mais ou menos bonita: você sempre procura o objeto ideal, decente, que possa ser chamado pelo termo antigo de ‘beleza’.”

Lina Bo Bardi

INTRODUÇÃO



Croqui do processo projetual.

A presente dissertação tem como objetivo único e direto a implantação de um equipamento de caráter sociocultural no território da cidade do Porto. No entanto, a intensão vai um pouco além de ser apenas mais um edifício público destinado aos habitantes urbanos, ela mergulha na admiração pelo trabalho da instituição brasileira Sesc (Serviço Social do Comércio) – aqui objeto de estudo e trabalho – e se envolve com a cidade do Porto no ponto em que esta última se fez meu admirável posto de morada nos últimos anos e se materializará nesta dissertação através do desejo e consequente desenvolvimento de um projeto de uma unidade para o Porto.

O Sesc, instituição privada mantida pelos empresários do ramo do comércio, serviços e turismo, visa como objetivo primeiro o bem-estar social e o aproveitamento do tempo livre dos empregados e familiares das empresas vinculadas a ele, para além de ser aberta à comunidade em geral. As unidades de atuação estão espalhadas por todo o território brasileiro e possui toda a motivação e direcionamento dos seus esforços em torno das áreas da educação, saúde, lazer, cultura e assistência social. Atualmente já existem muitas unidades do SESC espalhadas por todo o território brasileiro e mesmo assim a instituição continua a crescer e a atender mais pessoas com o passar do tempo. Para que este crescimento possa acontecer, para além da demanda e da viabilização dele, a instituição promove editais de concursos de arquitetura para selecionar um gabinete que será responsável pelo desenvolvimento do projeto para a nova unidade.

Na autenticidade, o projeto a ser desenvolvido pelo escritório eleito é material de extrema importância e responsabilidade para a posterior materialização da unidade. A imagem do edifício do Sesc deve transparecer os principais valores da instituição: Educação, Cidadania, Diversidade, Sustentabilidade e Acolhimento. Deste modo, todo o programa oferecido por eles deve estar presente no projeto arquitetônico de modo a garantir uma unidade no conjunto das obras, sendo: atividades relacionadas à tecnologia e arte; educação em saúde; ações artísticas; educação para a sustentabilidade; valorização social; turismo social; atividades aos idosos; educação para infância e juventude; desenvolvimento físico-esportivo; ações em benefício à diversidade cultural; alimentação e odontologia.

O espaço físico a ser concebido para o programa acima descrito é dividido programaticamente em dois núcleos diversos e complementares: o Núcleo Programático e o Núcleo de Apoio Administrativo. O primeiro, por sua vez, se subdivide ainda em outros três núcleos: o Cultural e Socioeducativo (espaços de convivência, teatro, oficinas, salas multiuso, exposição, brinquedoteca e biblioteca), o Recreativo e Físico Esportivo (campos de jogos, quadras poliesportivas, ginásio, piscinas e sala de dança) e o de Saúde e Alimentação (salas de atendimento odontológico e restaurante/cafeteria); já o segundo

núcleo é único e responsável pelos espaços destinados às funções administrativas e operacionais (administração, central de atendimentos, loja, depósito, almoxarifado, manutenção, circulações, vestiários, sanitários e casas de máquinas).

Relativamente à metodologia de trabalho, em um primeiro momento, este exercício acadêmico, como uma das formas de embasamento e busca pelos contributos atingidos, investigou o surgimento do conceito do lazer, seu significado e como ele está atrelado a ideia do tempo livre. Para este processo, foi realizada consulta bibliográfica em livros, artigos, periódicos e teses acadêmicas; através de meios impressos e digitais.

Em uma segunda fase de trabalho foi observado o modelo Sesc de instituição, como modo de melhor entender o seu conceito, sua história e seu campo de atuação. O seu conteúdo programático também foi percebido a partir do referencial arquitetônico, compreendendo a qualidade espacial dos edifícios existentes da instituição e a forma que eles sedem espaço às atividades programadas. Na sequência, foram analisadas duas unidades de referência: Sesc Pompéia (projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi) e Sesc 24 de Maio (projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha). Para esta fase de trabalho também foi realizada pesquisa bibliográfica e iconográfica.

O exercício projetual propriamente dito se mostrará aqui como o clímax desta dissertação em sua terceira etapa. Todo o conhecimento obtido nas duas primeiras etapas, acrescidos de uma análise territorial sobre a cidade do Porto e do programa arquitetônico pré-estabelecido pela instituição, deram base à elaboração das diretrizes projetuais e consequentemente ao desenvolvimento do projeto em questão. Como metodologia foi necessária uma pesquisa analítica das bases cartográficas e dados sociodemográficos do Porto, e as normas programáticas elaboradas pelo Sesc para a posterior concepção projetual. O material produzido para a compreensão do objeto arquitetônico são: diagramas, plantas, cortes, alçados e modelos tridimensionais digitais.

Ao final de todo o exercício acadêmico e do objetivo alcançado, foram extraídas as considerações finais acerca de todo o trabalho desenvolvido.

1. A CULTURA DO LAZER E DO BEM ESTAR SOCIAL



The Harvesters, 1565 - Pieter Bruegel
Fonte: © The Metropolitan Museum of Art, New York, EUA

O desenvolvimento deste primeiro capítulo é fruto do levantamento e análise de referências essenciais para a formação de um embasamento teórico, fornecendo desta forma o conhecimento científico que habilitará o subsequente desenvolvimento deste trabalho acadêmico acerca da temática proposta.

Antes de entendermos melhor o conceito de lazer e em qual momento histórico podemos afirmar o seu nascimento, julgo necessário um primeiro olhar para as sociedades pré-industriais. Segundo a tese do norte-americano Sebastian de Grazia¹ (1917-2000), um dos autores que mais contribuíram para os estudos acerca do lazer, o tempo fora do trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho. Neste período histórico que antecede a Revolução Industrial o trabalho, então atividade produtora artesanal e manual em sua totalidade, inscreve-se nos ciclos naturais das estações do ano²: sendo mais intenso durante a boa estação e esmorecendo durante a má estação. A duração diária da atividade laborativa em geral se estabelecia da aurora ao pôr do sol. No entanto, ao considerarmos um ciclo anual de trabalho, para além das adversidades naturais acima mencionadas, o seu ritmo é ainda cortado por pausas religiosas aos domingos destinados ao culto e aos festejos a ele associados, pelos feriados impostos pela Igreja e por dias impossibilitados de trabalho devido a doença. Desta forma, o tempo não destinado ao trabalho não será entendido aqui como tempo liberado ou mesmo como lazer pois, estes conceitos possuem traços específicos e característicos da civilização nascida na sociedade industrial; o entenderemos, portanto, como tempo desocupado segundo Vauban³.

No início da Revolução Industrial, em um contexto marcado pela transição das manufaturas e artesanatos pela produção por máquinas, o ensaio escrito por J. Cunningham intitulado *An Essay on Trade and Commerce* (Um ensaio sobre o negócio e o comércio) publicado em Londres no ano 1770, defendia a criação das *ideal workhouses* (casas ideais do trabalho) com o objetivo de eliminar a preguiça da classe produtora e o seu consequente sentimento de independência. Tais casas, ou então fábricas modernas, passariam a ter jornadas de trabalho de 14 horas por dia com apenas 2 horas para as refeições, resultando assim em árduas 12 horas de trabalhos aplicados aos homens, mulheres e crianças.⁴

1 DE GRAZIA, Sebastian - **Of Time, Work, and Leisure**. New York: Twentieth Century Fund, 1962.

2 VARAGNAC, André - **Civilisation Traditionnelle et Genres de Vie**. Paris: Albin Michel, 1948, 404 p.

3 VAUBAN, Sébastien Le Prestre de - **La Dîme Royale**. Paris: Bureaux de la Publication, 1872, VII, 190 p.

4 CUNNINGHAM, J. - **An Essay on Trade and Commerce**. Londres, S. Hooper, 1770.

No ano de 1883, em uma corrente contrária às longas e intensas jornadas de trabalho, o jornalista socialista franco-cubano Paul Lafargue⁵ (1842-1911), em seu capítulo introdutório de *Le Droit à la Faresse* (O Direito à Preguiça), publicado no jornal socialista *L'Égalité*, defini a moral capitalista da sociedade industrial como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina entregando trabalho sem tréguas nem piedade. Nesta mesma sociedade capitalista, na qual o trabalho esgota as forças do indivíduo, causando toda a sua degeneração intelectual e a deformação orgânica; padres, economistas e moralistas ao invés de lutarem contra tamanha desumanidade, consagravam o trabalho.

A presença do trabalho profissional modificou completamente a vida da sociedade, destacando-se das demais atividades. A limitação arbitrária do tempo de trabalho já não é mais regulada pela natureza e sua específica organização fez com que o tempo livre fosse nitidamente separado ou separável dele. É, portanto, devido à esta nova dinâmica industrial, que as atividades sociais deixaram de ser obrigações rituais impostas pela comunidade.

Lafargue, ainda em seu manifesto socialista, se mostra favorável ao lazer dos operários e contrário à mística do trabalho; defendendo a redução das excessivas cargas de trabalho e o consequente aumento do tempo livre.

A conquista da jornada das oito horas de trabalho e do consequente tempo liberado, ou tempo não alienado ao trabalho, proporcionada pelo progresso técnico e o crescente uso das máquinas nas indústrias; traz em conjunto a esperança e a dúvida acerca do tempo liberado: será ele utilizado para o aprimoramento ou para a degradação da personalidade? Como reflexo desta significativa conquista social, realizou-se no início do século XX, o 1º Congresso Internacional acerca do Tempo Livre dos Trabalhadores organizado pelo Bureau Internacional do Trabalho de Genebra como uma forma de organizar o lazer.

Desta forma, podemos dizer que foi no contexto da Revolução Industrial, em meio a uma sociedade não mais ditada pela obrigatoriedade dos cultos e ritos impostos pela Igreja, e em resposta as intensas e fixas jornadas de trabalho desassociadas dos ciclos da natureza, que nasce o conceito do lazer, ou antes, do Tempo Liberado pela redução do trabalho industrial.⁶

5 Paul Lafargue foi casado com Laura Marx, filha de Karl Marx e passou a maior parte de sua vida na França.

6 DUMAZEDIER, Joffre - **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 19.



Tempos Modernos, 1936, EUA. Produzido, escrito, dirigido, editado e encenado por Charles Chaplin.

Fonte: MoMA, disponível em

<https://www.moma.org/explore/inside_out/2010/11/30/charles-chaplins-modern-times/>



Operários, 1933 - Tarsila do Amaral
Fonte: © Governo do Estado de São Paulo, Brasil

Para o escritor e sociólogo italiano Domenico De Masi (1938-), em seu livro *O Ócio Criativo*, o conceito de tempo liberado é apenas uma definição burocrática e sindical da tradição industrial que permitiu à esta sociedade que agisse apenas com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade para expressar-se com a mente⁷. No entanto, o escritor e sociólogo francês Joffre Dumazedier (1915-2002), em seu livro *A Sociologia Empírica do Lazer*, defini o lazer como “o tempo da mais livre expressão de si ou da pior manipulação ou repressão da pessoa. O lazer é anunciado como o futuro substituto do trabalho alienado, ou o trabalho reformado deve reduzi-lo cada vez mais a um passatempo mais ou menos tedioso. Ele será o tempo de uma autoformação permanente e voluntária muito mais séria que a formação imposta pela escola em crise, ou então será reduzido a uma simples recreação pela extensão e pela reforma da educação escolar.”

A tão almejada redução das horas de trabalho foi, ao final de contas, uma conquista para ambos os lados da sociedade. Por um lado, para os pensadores socialistas e os sindicalistas que entendiam a necessidade de um tempo de descanso e florescimento do indivíduo trabalhador e, por outro, para os industriais, que em uma necessidade de reparar o equívoco do início do processo da industrialização perceberam que o escoamento dos produtos dependia de consumidores e de suas incessantes necessidade de consumo.

Considero importante mencionar aqui que o tempo liberado do trabalho profissional, em seu amplo entendimento, nem sempre é destinado ao lazer. As tarefas doméstico-familiares, as atividades espirituais e sócio-políticas, e trabalhos suplementares remunerados também acabam preenchendo parte deste tempo não alienado. No entanto, será no tempo remanescente dedicado ao lazer que entenderemos que o indivíduo possui a sua liberdade de escolha, mesmo que esta seja limitada e já condicionada pela sociedade em que se vive, em como usufruir deste tempo.

Dumazedier, em seu livro *Lazer e Cultura Popular*, nos acrescenta ainda que o lazer é “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recriar-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”⁸

7 DE MASI, Domenico - **O Ócio Criativo** / Domenico De Masi; entrevista a Maria Serena Palieri. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. ISBN 85-86796-45-X1.

8 DUMAZEDIER, Joffre - **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Entendemos até aqui portanto que, o lazer, ou o tempo liberado, só existem e fazem sentido quando falamos do trabalho e o tempo a ele dedicado. O que entra em questão agora é a forma que o tempo liberado é utilizado e como podemos nos beneficiar dele para diminuir e humanizar o tempo alienado ao trabalho. Para Karl Marx o trabalho é a necessidade primeira do homem, no entanto, defende ele que apenas a apropriação coletiva da máquina industrial levará a conquista do tempo livre, em outras palavras a utilização do tempo liberado, ou do lazer, para a auto formação do indivíduo estaria associada ao progresso intelectual dos trabalhadores refletindo diretamente na humanização do trabalho.

“Graças aos lazers e aos meios postos ao alcance de todos, a redução ao mínimo do trabalho social necessário favorecerá o desenvolvimento artístico, científico de cada um”.⁹

Em uma sociedade capitalista, o trabalho se faz a necessidade primeira e básica à medida que ele proporciona o acesso material à nossa subsistência, o capital. Este por sua vez, possibilita o indivíduo trabalhador a se constituir como ser humano à medida que o permite realizar livremente os seus interesses legítimos, mesmo que limitados e condicionados ao preceito da sociedade em que se insere. Chegamos aqui então em uma relação de interdependência entre o trabalho e o lazer, na qual antes de nos tornarmos seres humanos precisamos ser trabalhadores.

A seguinte passagem de De Grazia nos auxilia aqui a entender melhor as relações entre o tempo, trabalho e lazer:

“O tempo é um elemento fundamental, já que o lazer de hoje se mede em unidades de tempo: horas, dias, semanas. Inclui-se o trabalho porque o tempo de hoje é considerado livre quando não está lutando com o trabalho. O trabalho é o antônimo de tempo livre. Mas não do lazer. O lazer e o tempo livre vivem em dois mundos diferentes. Acostumamo-nos a pensar que são o mesmo, mas todo mundo pode ter tempo livre, e não todos podem ter lazer. O tempo livre é uma ideia da democracia realizável; o lazer não é totalmente realizável, e, portanto, é um ideal e não só uma ideia. O tempo livre se refere a uma forma determinada de calcular uma determinada classe de tempo; o lazer é uma forma de ser, uma condição do homem, que

9 MARX, Karl - **Ouvres: Économie**. Paris: Gallimard, t. 1, 1963, 1819 p.; t. 2, 1967, 1970 p.; edição organizada por M. Rubel.

poucos desejam e menos alcançam”. (DE GRAZIA, 1962).

Como já mencionado anteriormente, a redução das jornadas de trabalho e o consequente aumento do tempo livre estava condicionado, em uma de suas causas, à necessidade do consumo e o resultante escoamento do produto industrializado. A lógica da sociedade capitalista remete, portanto, como uma forma de aproveitamento do tempo livre, a compra de bens pela massa trabalhadora por ela mesma produzidos. Tal dinâmica de consumo é ainda estimulada por publicidades, as quais induzem o consumidor à necessidade, por vezes ilegítima, da compra de um produto novo; fortalecendo assim a ideologia da inovação relacionada ao progresso, ciência e democracia. O que talvez não nos apercebemos tão facilmente é a contradição gerada por esta ideologia: o consumidor, estimulado à necessidade do consumo, precisa primeiramente do dinheiro para então consumir e para isto, o trabalho se faz sua necessidade primeira. O consumo, entendido então como ocupação do tempo livre e consequentemente visto como lazer, se traduz, portanto, na necessidade de mais tempo de trabalho com o objetivo de mais consumo.

Sob esta óptica do capitalismo, o consumo não se limitará apenas aos bens materiais, mas atingirá também os campos artísticos e culturais, os quais afetarão diretamente no lazer da sociedade contemporânea. Tal fenômeno foi nomeado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) como a Indústria Cultural¹⁰, o termo definiu um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura: filmes, livros, música popular, programas de televisão entre outros; como mercadoria a ser vendida em massa e estratégia de controle social, uma vez que o conteúdo em questão proporcionava o mínimo de reflexão da população consumidora.

“A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho [...]. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).¹¹

10 Theodor Adorno e Max Horkheimer são dois dos principais expoentes da Escola de Frankfurt, fundada em 1924, na Universidade de Frankfurt, Alemanha.

11 ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max - **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.105.

De um modo geral, podemos perceber que o tempo livre é administrado pelo próprio sistema capitalista, impondo limites e condicionantes à sociedade corrente. O lazer por sua vez, uma das formas de aproveitamento do tempo livre, também será dirigido ao público de modo limitado e condicionado, sendo praticamente uma extensão do próprio trabalho à medida que o consumo e a alienação se fazem presente.

Os indivíduos, formadores da grande massa social em maioria, esgotados após uma jornada de trabalho e ansiosos pelo tempo livre, acabam usufruindo do lazer programado pelo sistema, ou seja, não tem uma atitude autônoma sobre ele, pelo aproveitamento do tempo ou por simplesmente não fazer nada. O lazer passa então a ser um tempo a ser preenchido apenas por uma atividade a ser realizada, resumindo-se basicamente a experiências padronizadas. De tal forma, a existência de momentos legítimos de busca por prazeres, sensações e experiências que contribuem para a formação do intelecto do indivíduo é praticamente inexistente.

O tempo acima descrito, fruto do valor da força trabalho e destinado ao lazer, não é, portanto, gratuito e tão pouco livre uma vez que orientado por determinadas normas da sociedade. No tempo livre, para além do descanso, as atividades desenvolvidas requerem o consumo de objetos e serviços, sendo eles para um mínimo de subsistência ou para fins supérfluos. Somente neste contexto o entendimento da problemática do lazer contemporâneo se faz possível, uma vez que a satisfação das necessidades humanas já não possui mais o seu caráter natural e orgânico e sim econômico e social.

Uma possível solução teórica para tal problemática, tendo por base as ideias expostas por Dumazedier em suas obras, implicaria na livre escolha do lazer, liberada das obrigações institucionais tais como as profissionais, familiares, sócio espirituais e sócio-políticas. Seriam atividades não limitadas e não condicionadas pela sociedade, sem quaisquer interesses subjetivos e sem fins lucrativos ou ideológicos. Seriam, portanto, atividades dedicadas inteiramente à satisfação e ao prazer das necessidades particulares do indivíduo.

Retomando a lógica de que o tempo livre está associado diretamente e inversamente ao tempo de trabalho, somada ao contínuo avanço científico e tecnológico decorrentes às novas demandas da sociedade, o desenvolvimento e introdução de novas máquinas no mercado de trabalho acabam por tomar os postos de muitos operários uma vez que conseguem desempenhar a sua produção em uma proporção de tempo e custo muito mais eficientes quando comparada ao trabalho humano. Ou seja, temos aqui uma confirmação da teoria antes dita por Marx de que a apropriação coletiva da máquina industrial levaria a conquista do tempo livre, o qual por sua vez quando dedicado ao crescimento e florescimento

do intelecto do indivíduo possibilitaria o progresso tecnológico.

A questão que emerge na contemporaneidade acerca deste dilema é qual será o futuro do trabalho e do consequente tempo livre uma vez que o desenvolvimento e avanço tecnológico das máquinas cada vez mais consegue tomar posto de trabalho do indivíduo. A ambição para um futuro do trabalho mais ligado com a emancipação do indivíduo do que com a servidão coletiva. Um futuro não alienado e que nos permita a sermos levados sempre para lugares melhores, tendo tempo livre para nos constituirmos como seres humanos.

Na visão do escritor norte-americano Jeremy Rifkin (1945-), autor do livro *The End of Work* (O Fim dos Empregos), o trabalho do tipo tradicional que conhecemos ainda hoje, está destinado à sua diminuição gradativa ao passo que a tecnologia cada vez mais ganha espaço no campo de trabalho. O desemprego tecnológico, termo utilizado por Rifkin para nomear o processo acima descrito, é então a grande ameaça para a sociedade contemporânea à medida que impõe a ela o dilema entre a possibilidade do ócio proporcionado pela tecnologia ou um grande caos gerado pela convulsão social. Para o autor, o aumento constante dos índices de desemprego e o acúmulo de renda para a classe empresarial geram consequentemente maior tensão e distanciamento entre as classes sociais. A reestruturação deste cenário exige, ao seu ver, a redução das jornadas de trabalho impactando positivamente o índice de empregos uma vez que seriam necessários mais trabalhadores por um menor tempo de trabalho.

A mesma visão é apresentada por De Masi quando ele compartilha o seguinte trecho do artigo “Perspectivas para os Nossos Netos”, escrito em 1930 pelo economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946):

“A eficiência técnica vem se intensificando a um ritmo muito mais rápido do que aquele com o qual conseguimos resolver o problema da absorção da mão-de-obra... A desocupação devida á descoberta de instrumentos que fazem com que se economize mão-de-obra progride a um ritmo mais rápido que o ritmo com que conseguimos criar novos empregos para esta mesma mão-de-obra [...].

Observado numa perspectiva mais ampla, isto significa, que a humanidade está progredindo em direção à solução do seu problema econômico [...].

Expedientes de três horas, com uma carga semanal de quinze horas, podem manter o problema sobre controle por um razoável período de tempo”.

Continua De Masi a desenvolver o pensamento a respeito da redução das jornadas de trabalho com a citação do livro *Elogio ao Ócio* do matemático e filósofo britânico Bertrand Russell (1872-1970), publicado em 1935:

“Eu acho que neste mundo se trabalha demais e que incalculáveis males derivam da convicção de que o trabalho seja uma coisa santa e virtuosa [...]. Mas, em vez disso, o caminho para a felicidade e prosperidade acha-se na diminuição do trabalho... A técnica moderna permite que o tempo livre, dentro de alguns limites, não seja uma prerrogativa de poucas classes privilegiadas, mas possa ser distribuído de forma igual entre todos os membros de uma comunidade”.¹²

Ao considerarmos a diminuição das jornadas de trabalho e o contínuo avanço científico-tecnológico dos meios de produção, colocamos em xeque o sistema educacional tradicional, o qual prepara o indivíduo para toda uma vida de trabalho, que pode estar ficando defasado. Este sistema, seja ele escolar ou familiar, educa de um modo geral para uma vida limitadamente profissional. No entanto, desconsidera-se a necessidade de adaptação frente à flexibilidade do trabalho uma vez que este está em constante transformação e aprimoramento tecnológico e, principalmente, não educa para a grande quantidade de tempo livre que haverá em sua vida.

“Desde 1935, Bertrand Russell sugeria: ‘É essencial que a instrução seja mais completa do que é agora e que procure, em parte, educar e refinar o gosto, de modo que um homem possa gozar, com inteligência, do próprio tempo livre... Uma população que trabalha pouco, para que seja feliz, deve ser instruída, e esta instrução deve levar em conta as alegrias do espírito, além das utilidades diretas derivadas do saber científico.’”¹³

Para De Masi, um dos estudiosos e entusiasta do ócio na contemporaneidade, quem o entende e o explana pelos seus ideais positivos; expõe sua potencialidade em ser “uma arte refinada, uma escolha de vida, uma fonte inesgotável de ideia” (DE MASI, 2000). Em uma de suas respostas à rodada de perguntas do programa de televisão brasileiro ‘Roda Viva’ da TV Cultura, exibido em 21/01/2013, explica sua teoria sobre o ócio criativo, o qual não está atrelada ao tempo livre e tampouco à preguiça e ao não fazer nada, mas sim a um momento

12 DE MASI, Domenico - **O Ócio Criativo** / Domenico De Masi; entrevista a Maria Serena Palieri. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. ISBN 85-86796-45-X1. p 195, 196.

13 DE MASI, Op. cit., p 201.

tríplice de desenvolvimento intelectual no qual se pode trabalhar, estudar e se divertir ao mesmo tempo. É, portanto, o trabalho desenvolvido por um intelectual que consegue simultaneamente criar riqueza, conhecimento e bem estar.¹⁴

Podemos concluir que o ócio seria então mais uma experiência subjetiva do que uma atividade propriamente dita, seria a forma como o sujeito passa, sente e se expressa através da mesma; sendo as suas emoções e a formação do seu intelecto a sua finalidade. Portanto, é necessário educar, enriquecer de significados, para o uso do tempo livre e seus possíveis lazeres; educar não para o modo alienado, possível tanto no trabalho quanto em seu tempo liberado, mas para a busca do crescimento individual, relacionando o trabalho, o tempo livre e o indivíduo em uma mesma experiência construtiva.

14 **Domenico de Masi**. [registro vídeo]. Realização Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 21/01/2013. Disponível em YouTube pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=MSEUPqHnv14&t=149s> (78 min).

2. O MODELO SESC



João Daudt d'Oliveira, primeiro presidente da CNC, entre empresários, assina a Carta da Paz Social.
Fonte: CNC, disponível em: <<http://www.cnc.com.br/timeline/carta-da-paz-social>>

Para a elaboração deste capítulo e melhor compreensão sobre o Sesc, Serviço Social do Comércio, muitos dados e informações aqui mencionados foram coletados diretamente do banco de dados da própria instituição, acessível através de seu portal virtual www.sesc.com.br. Os demais dados coletados a partir de outras referências bibliográficas seguem devidamente citados.

2.1 História e Conceito

Na metade da década de 1940 o clima do pós guerra era de esperança, o ocidente ainda vibrava com a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. O momento era de grandes desafios e o caminho para a reconstrução física das cidades em várias nações, de suas economias e da sociedade como um todo era imprescindível para a melhoria de vida e o reestabelecimento do bem estar social da população. Nasce neste período um dos programas de maior importância para as sociedades: o “*Welfare State*”, ou Estado do Bem Estar Social¹, na qual o Estado assume o papel de promotor social e organizador de sua economia, garantindo assim à população sua proteção e acesso aos serviços públicos para satisfazer as suas necessidades. Neste cenário também ganha destaque o Plano Marshall, financiado pelos Estados Unidos e destinado à reconstrução dos países europeus e ele aliados durante a guerra, garantindo desta forma o crescimento e a estabilidade social destas nações.

No Brasil a queda do Estado Novo² e a promulgação da Constituição de 1946 colocavam o país nos trilhos da sua redemocratização, dando novas diretrizes à política, economia e sociedade brasileiras.

Foi então neste contexto histórico, em 1º de maio de 1945, que um grupo de importantes empresários brasileiros, das áreas do comércio, da indústria e da agricultura se reuniram em Teresópolis-RJ, na primeira Conferência das Classes Produtoras (I

1 O Estado é o agente regulamentador da vida e saúde social, política e econômica do país, em parceria com empresas privadas e sindicatos.

2 Caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo; o Estado Novo, período também conhecido como ‘Era Vargas’, foi o regime político brasileiro instaurado pelo presidente Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 31 de janeiro de 1946.

CONCLAP), para discutir o crescimento e o desenvolvimento do país frente aos desafios existentes. Tal encontro deu origem em 1946 ao documento intitulado Carta da Paz Social, na qual os empresários assumiram para si a responsabilidade de contribuir para a construção de medidas favoráveis à melhoria de vida e ao bem estar da sociedade.

O então presidente desta Conferência, João Daudt d'Oliveira, quem foi o primeiro presidente do Conselho Nacional do Sesc, disse a respeito da Carta da Paz Social:

“É um documento altamente expressivo do espírito de solidariedade e do realismo amadurecido dos homens de empresa brasileiros desta geração. Ela deverá contribuir para harmonizar e pacificar o capital e o trabalho em nosso país, em um plano superior de entendimento recíproco. Com ela, nos apresentamos ante os empregados, convidando-os a fundar, sobre base sólida, uma política de mútua compreensão e de respeito recíproco.”³

A criação do Serviço Social do Comércio, o Sesc, é descrita pela primeira vez na Carta da Paz Social como um Fundo Social, destinado ao atendimento das necessidades mais urgentes da sociedade, proporcionando-a maior bem estar e igualdade de oportunidades à medida que promove meios para o aperfeiçoamento cultural e profissional dos trabalhadores. A Carta previa ainda a criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), ambos com cursos dirigidos ao aperfeiçoamento técnico. No dia 13 de setembro de 1946, um ano após a fundação da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC)⁴, através do decreto-lei nº.9853 assinado pelo então presidente da República Eurico Gaspar Dutra⁵ nasceu o Sesc, uma entidade destinada ao atendimento e prestação de serviços de saúde, nutrição e lazer aos trabalhadores do comércio e seus familiares.

A inauguração da primeira unidade do Sesc aconteceu no dia 03 de outubro do mesmo ano na cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal. Nos primeiros anos o foco de atuação era a área da saúde, principalmente no combate à mortalidade infantil e à tuberculose, doença que atingia milhares de brasileiros.

3 SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional, Assessoria de Divulgação e Promoção – **Carta da Paz Social**. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: SESC, fevereiro 2012.

4 Fundada em 4 de setembro de 1945, a CNC é a entidade sindical de um dos principais setores da economia do País. Representante máxima dos cerca de 5 milhões de empresas do comércio de bens, serviços e turismo. Juntas, essas categorias respondem por cerca de 1/4 do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

5 Presidente do Brasil de 31 de janeiro de 1946 à 31 de janeiro de 1951.



1ª Marca Sesc, 1946.

Fonte: Sesc, disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/>

Entre os anos de 1947 a 1949 o Sesc expande a sua atuação de norte ao sul do país. Os estados de Alagoas, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraná ganham suas primeiras unidades executivas, que hoje são chamadas de Departamentos Regionais. O estado de Minas Gerais recebe um hospital com foco no tratamento da tuberculose. São inauguradas também as primeiras colônias de férias: em Bertioga no litoral do estado de São Paulo e Garanhuns, no estado do Pernambuco.

De acordo com Camila de Aguiar Pompolo, em sua dissertação intitulada '*Um percurso pelos Sesc's: uma leitura das transformações tempo-espaciais*', as principais atividades desenvolvidas pela entidade nesta época eram predominantemente na área da saúde como uma resposta à escassez de recursos disponibilizados pelo governo na altura. O objetivo era garantir à população seu desenvolvimento físico de modo saudável, tornando-a "mais apta ao trabalho e à vivência urbana".⁶

O início dos anos 50 foram marcados por um agitado cenário político e social com o retorno de Getúlio Vargas à presidência do país e o crescimento da crise político-econômica. Em resposta, o Sesc ampliou sua atuação para as seguintes áreas: odontologia, nutrição e farmácia; também tiveram início as primeiras atividades culturais. Com infraestrutura baseada na educação, cultura, recreação e saúde, são abertos os primeiros

6 POMPOLO, CAMILA DE AGUIAR – **Um Percurso pelos SESC'S: uma leitura das transformações tempo-espaciais** / Camila de Aguiar Pompolo; orientador Gelson de Almeida Pinto. 2007. EESC/USP. São Carlos, Brasil, p. 50.



O novo grafismo da marca Sesc representa sua atuação voltada à família, 1959.

Fonte: Sesc, disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/>

centros de atividade do Sesc. Em 1951, a Convenção Nacional dos Técnicos do Sesc, reunida em Bertioga-SP, recomendou que a educação e a recreação passassem a ser atividades prioritárias na instituição. Os anos seguintes, durante o governo do presidente Juscelino Kubistchek⁷, foram transformadores para o país. A década ainda ficou marcada pela construção de hotéis e colônias de férias do Sesc, e o início do funcionamento das bibliotecas móveis através de veículos adaptados que levam ações educativas para todos os cantos, o 'BiblioSesc', percorrendo as comunidades e levando uma verdadeira biblioteca sobre rodas para incentivar a leitura e democratizar o conhecimento. Em 1959 uma nova marca, o grafismo representa a atuação da instituição voltada para a família.

Em uma reflexão podemos perceber a atuação do Sesc, através das suas diversas áreas de atuação principalmente dos cursos extracurriculares, dos jogos esportivos e dos festejos organizados; a educação social que a instituição proporcionava à população. O uso do tempo livre como um agente enriquecedor moral do indivíduo, proporcionando a ele novos hábitos e valores.

No início dos anos 60, durante o governo de Juscelino Kubistchek, a capital do país é transferida do Rio de Janeiro para a recém inaugurada Brasília de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O Brasil vive tempos de crescimento econômico e de desenvolvimento do seu parque industrial. Novas tendências de moda e comportamento entre os jovens marcam

7

Presidente do Brasil de 31 de janeiro de 1956 à 31 de janeiro de 1961.



Juscelino Kubitschek no dia da inauguração de Brasília, 21 de abril de 1960.
Fonte: disponível em: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1257>>

este período. Os governos subsequentes, primeiro do presidente Jânio Quadros⁸ e depois do presidente João Goulart⁹ foram marcados pelos inúmeros conflitos sociais, as greves operárias e movimentos populares. O Sesc, entre os anos de 1963 e 1964, inova com uma ação pioneira, o trabalho social com idosos, resgatando os seus valores junto à sociedade.

Em meados da década de 60 o Sesc continuou sua atuação com as populares “Unimos”, unidades móveis de orientação social, levando cursos, espetáculos e atividades esportivas para as cidades do interior e periferia dos grandes centros urbanos aonde as unidades fixas da instituição ainda não existiam. Em 1964 o então presidente João Goulart é deposto e tem início o período de Ditadura Militar¹⁰ no Brasil. “Ao mesmo tempo em que dissolveu os partidos políticos, cassou parlamentares, interveio nos sindicatos e cancelou os direitos políticos e constitucionais da população, instaurando um período de violenta repressão às liberdades individuais e associativas, a ditadura buscava a modernização do Estado brasileiro, introduzindo no país uma nova estratégia de desenvolvimento econômico, que culminou no chamado ‘Milagre Econômico.’” (POMPOLO, 2007, p. 123).

Na década de 70 o Brasil ganha novos rumos com o avanço econômico expandindo seu comércio exterior, a fundação de novas universidades e o desenvolvimento das telecomunicações. A educação era uma área de desenvolvimento com grande importância para o governo pois, uma vez que a população fosse instruída e capacitada contribuiriam mais para o desenvolvimento nacional e consequentemente para sua política econômica. No entanto, o país ainda sofria com infraestrutura precária em diversos setores. O Sesc, que em um primeiro momento não compartilhava as diretrizes do regime, aos poucos descobriu uma nova forma de atuação que seria satisfatória ao governo: intensificando as atividades na área da educação e da saúde, com o combate à desnutrição infantil e o atendimento odontológico, principalmente nas cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos. Enquanto isso, a necessidade nas grandes cidades era pelo lazer, e para satisfazê-la o Sesc criou os Centros de Atividades e Centros de Turismo e Lazer, tornando-se conhecidos por seus ginásios, piscinas e quadras esportivas. Por todo o país foram inaugurados hotéis e estâncias para a promoção do turismo social, proporcionando aos comerciários mais opções de lazer.

8 Presidente do Brasil de 31 de janeiro de 1961 à 25 de agosto do mesmo ano, quando renunciou ao cargo.

9 Presidente do Brasil de 7 de setembro de 1961 à 1 de abril de 1964.

10 Regime de caráter autoritário e nacionalista instaurado em 1 de abril de 1964 com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.



Unimos - Unidades móveis de orientação social.

Fonte: Sesc, disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/>

O lazer, passa a ganhar destaque em meio às diretrizes funcionais do Sesc uma vez que ele é entendido como elemento integrante para a educação social. A atuação em sua área promoveu uma mudança na metodologia de atuação da entidade, “desde a programação de suas atividades até os espaços dos novos equipamentos” (POMPOLO, 2007, p. 133). As atividades socioeducativas direcionadas ao lazer são vistas, portanto, como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento cultural e social dos trabalhadores, certamente de acordo com os interesses do regime ditatorial da época, culminando no bem-estar da população.

O início dos anos 80 no Brasil, sob o governo do presidente militar João Figueiredo¹¹, foram marcados por uma grande recessão econômica, o crescimento desenfreado da inflação e o aumento dos índices de desemprego no país; para além, a flexibilização da censura, a libertação de presos políticos e a formação de novos partidos políticos, anunciavam o declínio do regime militar. Entre os anos de 1983 e 1984, o movimento civil ‘Diretas Já’ reivindicavam eleições diretas para a escolha do próximo presidente, acirrando ainda mais as tensões sociais. Neste período, frente às mudanças sociais e início da abertura política, o Sesc investe em ações culturais através de projetos direcionados ao teatro, cinema, artes plásticas, música e literatura; assumindo desta forma a responsabilidade de utilizar diversas linguagens como instrumento de transformação e de preservação das tradições regionais.

11 Presidente do Brasil de 15 de março de 1979 à 15 de março de 1985, marcando o fim da Ditadura Militar no Brasil.

Finalmente, em 1985, o Brasil volta a respirar ares de democracia com o fim da Ditadura e a eleição de Tancredo Neves para a presidência da República, quem faleceu antes mesmo de ocupar o cargo. Em consequência, assume o seu vice-presidente, José Sarney¹². No ano seguinte, em 1986, o Sesc desenvolveu pela primeira vez o seu Plano de Ação Nacional com o objetivo de orientar as ações da entidade no desenvolvimento de atividades mais estáveis e menos subordinadas às mudanças políticas do Estado, buscando desta forma delimitar seus campos de atuação e consolidar sua imagem como uma instituição referência.

“Para atingir estes objetivos, O Plano de Ação da entidade fixou nove atividades prioritárias: desenvolvimento físico-esportivo, assistência odontológica, refeições, temporada de férias, recreação infantil, recreação e participação social, biblioteca, cursos de atualização e conhecimentos e expressões artísticas. Além destas atividades prioritárias, o Sesc colocou como campos principais de sua atuação, a cultura e os cuidados com a saúde.” (POMPOLO, 2007, p. 218)

Em 1988 foi promulgada a nova Constituição da República Federativa do Brasil¹³, sendo ela a lei suprema e fundamental do país até os dias atuais. Nela, em seus Artigos 215 e 216, ficam assegurados ao cidadão os direitos de acesso à cultura e a obrigação do Estado no incentivo, valorização e promoção das manifestações culturais.¹⁴

Anos 90, o Brasil viva uma época de instabilidade em sua política e economia. O presidente da república em exercício, Fernando Collor¹⁵ renunciou ao cargo antes de sofrer um processo *impeachment* devido ao seu envolvimento em escândalos de corrupção. Durante o governo de seu sucessor, Itamar Franco¹⁶, o país vivenciou a implantação do Plano Real¹⁷, responsável por uma maior estabilidade econômica, e a modernização da indústria e do comércio. No entanto, a fragilidade da economia procedente havia acentuado as desigualdades sociais e a pobreza. Neste contexto, o Sesc segue dando continuidade às

12 Presidente do Brasil de 15 de março de 1985 à 15 de março de 1990.

13 Aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988.

14 Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Acessado em 16 de setembro de 2020: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

15 Presidente do Brasil de 15 de março de 1990 à 29 de dezembro de 1992, quando renunciou ao cargo.

16 Presidente do Brasil de 29 de dezembro de 1992 à 1 de janeiro de 1995.

17 Um conjunto de reformas econômicas implementadas em 1994 dedicadas ao combate à hiperinflação que o Brasil atravessava no período. Foi também a origem do Real, moeda da economia brasileira existente até hoje.



Promulgação da nova Constituição Federal em Brasília, 22 de setembro de 1988 - “Declaro promulgado o documento da liberdade, da democracia e da justiça social do Brasil”, disse Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Nacional Constituinte no período. O Brasil anulava de vez a Constituição de 1967, elaborada durante o regime militar.

Fonte: Arquivo Agência Brasil, disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2013-10-04/constituicao-de-1988-completa-25-anos#>>

suas ações educativas infantis e recreação para os idosos e, em decorrência da realização do segundo e terceiro Plano de Ação Nacional do Sesc, no âmbito de uma melhoria da qualidade de vida, suas diretrizes nos campos da cultura e da saúde são eleitas como prioritárias.

Com o objetivo de ampliação de sua área de abrangência no interior do país, novas unidades são inauguradas em regiões mais carentes, nos estados do Acre, Roraima e Tocantins. Na Paraíba, a cidade de Esperança é a primeira a receber o ‘OdontoSesc’, um veículo adaptado que dá espaço à um programa que cuida do sorriso de quem não pode ter acesso à serviços odontológicos. A década é marcada ainda pela expansão do turismo social com a inauguração da Estância Ecológica SESC Pantanal, que possui a maior reserva do patrimônio natural do país com 106.000 hectares; segundo dados extraídos do próprio portal do Sesc.

Os anos 2000 são marcados pela celebração dos 500 anos do Brasil e pelo avanço da tecnologia da informação devido ao aumento desenfreado da compra e uso de aparelhos celulares e computadores. Já o cenário político é marcado pelo exercício de um governo de esquerda no país com a ascensão de Luís Inácio Lula da Silva¹⁸, um ex-metalúrgico e ex-sindicalista, à presidência da república. No início de seu mandato, em 2003, a fome entra em pauta no governo e nasce o Mesa Brasil Sesc, uma rede nacional no combate à fome e ao desperdício de alimentos na qual, a distribuição deles é fruto da parceria do programa com comércios e indústrias alimentícias. Em 2005 as unidades móveis ‘BiblioSesc’ começam a rodar novamente levando milhares de livros, proporcionando o incentivo à leitura e a democratização do conhecimento, a todo o país. Em 2008 a Escola Sesc de Ensino Médio abre as portas, uma experiência inovadora no Brasil, ensino de excelência em escola-residência inteiramente gratuita que recebe aluno de todos os estados. Em 2012 uma nova marca do SESC traduz a transformação promovida pela evolução de seu trabalho e sua atuação em todo o território nacional.

Em 2015 a publicação do documento intitulado Diretrizes para o Quinquênio 2016-2020 trouxe à luz as últimas diretrizes traçadas pelo Sesc:

“A ênfase é dada no potencial do Sesc de prover uma resposta efetiva e integral às demandas sociais, por meio de uma atuação plena nos seus diferentes campos de atuação, em que se recomenda buscar a eficácia, a qualidade técnica, a inovação tecnológica e metodológica, a acessibilidade, a inclusão e o respeito ao meio ambiente e à diversidade cultural, recusando

18 Presidente do Brasil de 1 de janeiro de 2003 à 1 de janeiro de 2011.



Em 2000, uma nova marca.

Fonte: Sesc, disponível em: <https://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/>

práticas discriminatórias. Essa é a visão que anima a escolha dos rumos a serem tomados no próximo quinquênio.”¹⁹

Ao longo dos mais de 70 anos de sua história, o Sesc teve um aprimoramento contínuo nos seus serviços de atendimento social e em seus critérios assistenciais trazidos desde os meados da década de 1940, inovando ao introduzir novos modelos de ação cultural e, na década de 1980, enfatizando a educação como intento à transformação social. Educação para transformar vidas, para o desenvolvimento pessoal, formação de senso crítico e consequentemente para uma transformação social. Educação que se inicia nas salas de aula desde a educação infantil, fundamental indo até o ensino de jovens e adultos; e que também se estende para todas as demais atividades, traduzindo uma grande troca de saberes, de olhares, de pensamentos e de linguagens. A concretização desse objetivo foi possibilitada devido à sua intensa atuação nas diversas áreas sociais abrangidas pela instituição, destinadas a todos os públicos, em diversas faixas etárias e estratos sociais. Cumprindo desta forma o compromisso com o bem estar social, com a ética e com a cidadania.

Atualmente, as ações do Serviço Social do Comércio, o Sesc, alcançam mais de 2000 municípios brasileiros através de suas 389 unidades físicas e os cantos mais remotos do país com as unidades móveis. A instituição atua na promoção da saúde incentivando hábitos que garantam um estilo de vida saudável. Na área da cultura atua na difusão do artista, na formação de público e no incentivo à cultura brasileira; além de sua rede de teatros desenvolve ações itinerantes levando o cinema às praças e o teatro para às ruas, promovendo shows, exposições e festivais. Incentiva a prática de esportes e recreação para todas as faixas etárias. Promove turismo social e sustentável. Oferece educação de qualidade, da educação infantil ao ensino médio.

Em síntese, podemos compreender que o Sesc desempenha um papel de estrutura intermediária entre a sociedade, a cultura e a população. Complementa a estrutura escolar

19 SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional – **Diretrizes para o Quinquênio 2016 - 2020**. Rio de Janeiro: SESC, 2016, p. 6.



Em 2012, o Sesc altera sua marca para esta que se mantém até hoje.

Fonte: Sesc, disponível em: <<https://www.sesc-sc.com.br/blog/institucional/uma-nova-marca--o-sesc-de-sempre>>

uma vez que otimiza padrões educativos. Suas ações legitimam conhecimentos e aprendizados importantes no âmbito extraescolar. Possui propostas diferenciadas de formação de jovens e adultos, que servem de estímulo ao discernimento e reflexão autônoma. A ação sociocultural adotada pelo Sesc busca impedir que a cultura esteja voltada para uma minoria dentro de uma sociedade urbana, criando meios democráticos para que a participação na cultura seja alcançada a todos os meios sociais.

Para efeito de políticas culturais, o lazer é uma entre várias formas de se oferecerem atividades culturais. A ação do Sesc possibilitou, além do desenvolvimento de uma metodologia particular, a instituição de um modelo para diversos Centros Culturais, tanto em arquitetura e espaço quanto em conteúdo sociocultural. Partindo dessas considerações teóricas e técnicas, podemos compreender que o lazer é o tempo privilegiado dos trabalhadores e consequentes usuários do Sesc, implementando em suas vidas o bem estar e a qualidade social.

No Sesc se emprega a definição de lazer que o define como tempo destinado à realização pessoal, como tempo livre para si, assim como defendeu Dumazedier. O lazer, como tempo liberado tanto das obrigações pessoais quanto familiares, é um valor social que acompanha as transformações econômicas e culturais e pode ser traduzido como um tempo cuja finalidade é a satisfação própria. Esse tempo livre, expressos no lazer do fim do dia, no fim de semana, no descanso anual das férias e na aposentadoria; remetem a um conjunto de atividades ligadas às necessidades do corpo e da mente. São os lazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais, dentro dos limites econômicos, políticos e culturais próprios à sociedade.

Desta forma podemos reconhecer que na sequência da análise feita no primeiro capítulo deste trabalho acadêmico, acerca do tempo livre, do lazer e de bem estar social; o SESC não tem a pretensão de se enquadrar apenas como uma forma de lazer programada

pela sociedade e a ela mesma destinado. O lazer, por ele objetivado e traduzido pelas suas diversas atividades socioculturais, continua evidente como busca de um estado de satisfação de seu público.

2.2 O Programa

Do ponto de vista organizacional o Sesc possui um documento normativo, intitulado Referencial Programático do Sesc, o qual visa orientar todas as ações da instituição em âmbito de seus Departamentos Nacional e Regionais de forma a manter a sua unidade nacional e o alinhamento de seu conteúdo programático. Para além, o documento frisa a busca contínua da entidade por seu aperfeiçoamento de acordo com as circunstâncias internas e externas a ela.

“[...], o Referencial Programático tem a função de traduzir na prática o que foi definido nas Diretrizes como papel social do Sesc. Sua redação visa manter e qualificar em bases unificadas as interpretações da Estrutura Programática, bem como estabelecer parâmetros e critérios para registro da produção, que contribuam para a mensuração de desempenho.”²⁰

A partir das deliberações tomadas em etapa estratégica são desenvolvidas as atividades programáticas de modo a satisfazer as diretrizes previamente elaboradas e a cumprir a missão institucional de caráter social. As ações, definidas sempre a partir de repostas obtidas através de metodologias de análise, abrangem as áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência.

Tais diretrizes estratégicas quando aplicadas à entidade e destinada aos seus usuários tem em vista o seu desenvolvimento cultural, sua melhoria da vida, das relações sociais, seu aperfeiçoamento físico e à sua expressão pessoal. A aplicação prática e operacional, dada através de um conjunto de realizações em todas as suas áreas de abrangência, é nomeada pelo Sesc como atividade sociocultural. Atividades, que por um viés educativo, acentuam a

20 SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional – **Referencial Programático do Sesc**. Rio de Janeiro: SESC, 2015, p.10.

sua ênfase nos aspectos sociais, ou na dimensão social da cultura, traduzida pelo conjunto dos conhecimentos adquiridos dos costumes, das tradições, das crenças, dos padrões morais, das manifestações artísticas e intelectuais.²¹

As atividades podem estar direcionadas tanto ao público quanto aos espaços físicos da entidade, no primeiro caso a ação do técnico traduz-se por uma relação direta com os usuários, trazendo interação à vida dos grupos e dos indivíduos. Os trabalhos com grupos, os cursos, os seminários, debates, oficinas, são exemplos dessa modalidade de animação. No segundo caso é o espaço que faz a intermediação entre a entidade e o seu público. As atividades que nele ganham lugar pressupõe o seu uso criativo e atraente, seja através de instalações ou do uso de um mobiliário rico e diversificado. As exposições, instalações e espetáculos constituem exemplos de atividades de espaços. Estes dois modos de realização das atividades do Sesc, para além de suas capacidades de exercício autónomo, também podem ser complementares quando integradas uma à outra.

De modo geral, as ações programáticas do Sesc e suas atividades podem ser resumidas em três linhas de atuação, sendo:

Linha de ação cultural – “Conjunto de atividades voltado para a transformação social por meio do desenvolvimento e difusão das artes, do conhecimento e da formação dos agentes culturais, respeitando a dinâmica dos processos simbólicos e fomentando a tradição, preservação, inovação e criação.” (SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2015, p. 111). Para implementar tais interesses a instituição dispõe de uma programação que engloba áreas como a música, o cinema, o teatro, a dança, a literatura, as artes plásticas, visuais e a cultura digital. No âmbito musical são realizadas apresentações sinfônicas, espetáculos teatrais, de dança ou mesmo a união destas atividades que usualmente tem lugar nas salas de teatro ou auditórios. Este último é também lugar destinado às mostras de cinema e audiovisual. Os espaços amplos e multifuncionais são essenciais para dar espaço às intervenções e exposições artísticas, fotográficas, e de artesanato popular. As oficinas de uso múltiplo são fundamentais para abrigar os mais diversos cursos destinados à produção cultural que são oferecidos pela instituição, podendo ser diverso entre as várias unidades. Os acervos de livros, jornais, revistas, manuscritos etc. podem ser acessados diretamente nas bibliotecas. E por último, na esfera da cultura digital, áreas adaptadas destinadas ao uso de internet e tecnologia objetivam a inclusão digital dos usuários do Sesc.

21 “cultura”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/cultura> [consultado em 17-09-2020].

Linha de ação socioeducativa e para a saúde – “Conjunto de atividades que abrange processos formativos voltados à educação básica e complementar, ao progresso no trabalho e à educação permanente. [...] Conjunto de atividades que busca contribuir para a melhoria da qualidade de vida, por meio da promoção, prevenção e recuperação da saúde do indivíduo e da coletividade, considerando o princípio da integralidade e os fatores determinantes do processo saúde-doença-cuidado.” (SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2015, p. 19 e 81). O conteúdo programático que abarca estes interesses é integrado por atividades de educação infantil à idosos, nutrição, segurança alimentar, assistência odontológica e educação ambiental. Os espaços destinados à educação vão desde salas e oficinas de uso múltiplo até as áreas livres e os espaços destinados à prática esportiva. Nos setores alimentar e da medicina dentária, instalações específicas e uma equipe de profissionais técnicos são responsáveis pela prestação de serviços ao público através dos restaurantes, cafeterias, e consultórios odontológico. As atividades destinadas à educação ambiental podem variar de unidade para unidade de acordo com sua localidade e seus espaços físicos e foco de atuação, indo desde estações de tratamento de esgoto à mini usinas de compostagem.

Linha de ação para a recreação e a atividade físico-esportiva – “Conjunto de atividades que objetiva contribuir para o direito ao lazer; a melhoria da qualidade de vida, no âmbito individual e coletivo; a ampliação de experiências e conhecimentos e o desenvolvimento de valores, por meio da oferta de conteúdos físico-esportivos, socioculturais, turísticos e da natureza.” (SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2015, p. 161). Tanto a recreação de forma livre quanto a dirigida, assim como as atividades esportivas, são uma demanda de todas as faixas etárias. As quadras poliesportivas, ginásios, canchas de areia, complexo aquático e as áreas livres são essenciais para suprir estes anseios. Os cursos de desenvolvimento físico dirigidos ao público, são realizados em grupos e objetivam, não o culto excessivo ao corpo, mas a boa saúde e o bem-estar físico e mental.

Guiado pelas diretrizes da ação sociocultural e do lazer, praticado nas três linhas principais de atuação, o Sesc tem baseado a expansão de suas unidades nas últimas décadas no princípio democrático da prestação do serviço de qualidade acessível à todas as pessoas, livre de qualquer discriminação e visando sempre o bem estar social.

2.3 Unidades de Referência

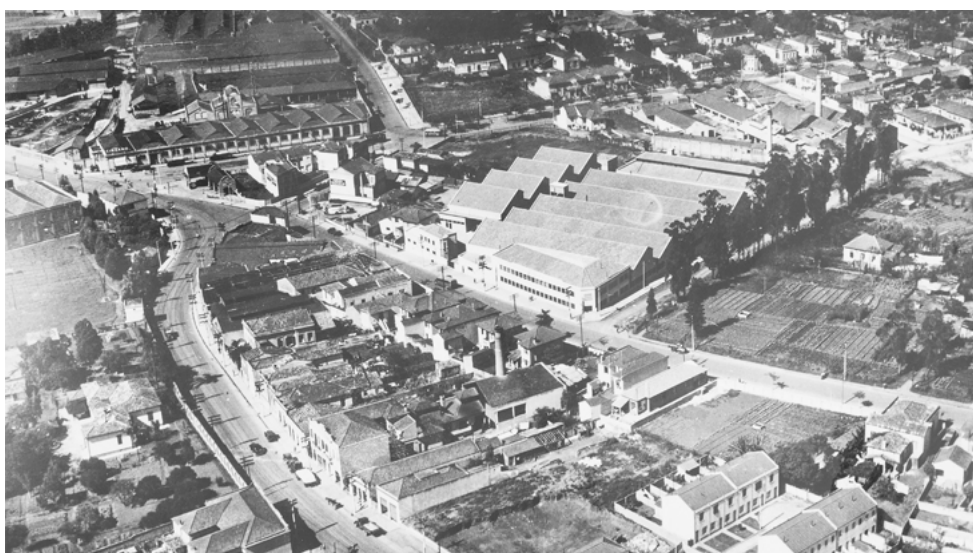
Para ilustrar a teoria, as diretrizes e as atividades programáticas desenvolvidas pelo Sesc até aqui descritas, a apresentação de duas unidades de referência da instituição, os Sescs Pompéia e 24 de Maio, se farão a seguir:

2.3.1 Sesc Pompéia

Este centro dedicado ao lazer e ao esporte, também conhecido como Sesc Fábrica da Pompéia, fica localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, no bairro operário da Vila Pompéia. A unidade ocupa a antiga fábrica de tambores dos irmãos Mauser, originalmente construída em 1938, e que em 1945 viria a ser adquirida pela Indústria Brasileira de Embalagens Ibesa quem posteriormente instalaria ali a fábrica de geladeiras à querosene, Gelomatic. Na década de 1960 o terreno com a fábrica foram comprados pelo Sesc, que por sua vez convidou a arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, juntamente com os arquitetos colaboradores Marcelo Ferraz, André Vainer e Marcelo Suzuki, para elaborar o projeto de transformação da antiga fábrica.

“Entrando pela primeira vez na então abandonada Fábrica de Tambores da Pompéia, em 1976, o que me despertou curiosidade, em vista de uma eventual recuperação para transformar o local em centro de lazer, foram aqueles galpões distribuídos racionalmente conforme os projetos ingleses do começo da industrialização europeia, em meados do século XIX. Todavia, o que me encantou foi a elegante e precursora estrutura de concreto. Lembrando cordialmente o pioneiro Hennebique²², pensei logo no dever de conservar a obra.

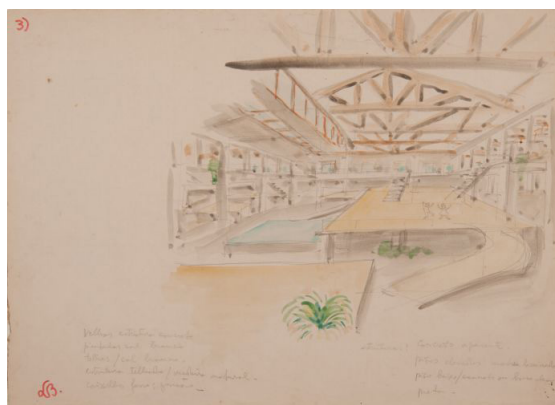
22 François Hennebique (1842-1921) foi um engenheiro francês que desenvolveu seu sistema pioneiro de construção em concreto armado, integrando elementos horizontais e verticais, como coluna e viga, em um único elemento monolítico.



Superior: Vista aérea da antiga fábrica de tambores antes da intervenção.

Inferior: Vista interna da fábrica.

Fonte: Acervo Sesc São Paulo/ Fotos: Peter Scheier



Perspectivas da rua interna e do galpão.

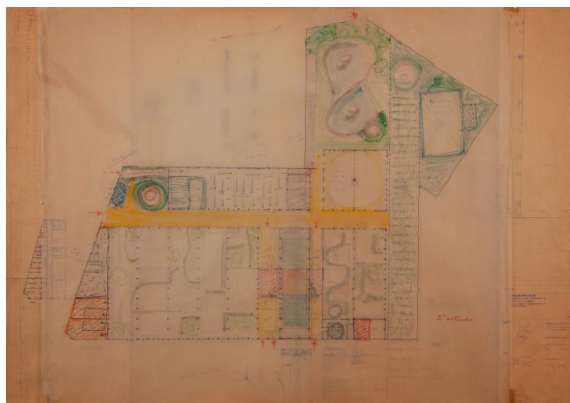
Fonte: © Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fotos: Henrique Luz

Na segunda vez que lá estive, um sábado, o ambiente era outro: não mais a elegante e solitária estrutura hennebiqueana, mas um público alegre de crianças, mães, pais e anciãos que passava de um pavilhão a outro. Pensei: isso tudo deve continuar assim, com toda essa alegria.

É aqui que começa a história da realização do centro Sesc Fábrica da Pompéia.”²³

Para além da beleza estética do conjunto encontrado um outro motivo foi fundamental para a decisão em manter a pré-existência foi o processo de descaracterização do antigo uso fabril, destinado ao trabalho árduo e alienado dos trabalhadores, em um

23 BO BARDI, L. apud SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Administração Regional no Estado de São Paulo – **Sesc Pompeia**. São Paulo: Sesc Pompeia, 2013, p. 10.



Planta do conjunto.

Fonte: © Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Foto: Henrique Luz

centro de ócio e lazer sem perder suas características industriais. Opostos programáticos que mantém viva as memórias e os valores sociais que o conjunto possui.

Em 1977 a arquiteta e sua equipe estabeleceram seu escritório dentro da antiga fábrica, onde permaneceram durante todo o período da obra num total de nove anos. A primeira fase, que incluía a transformação dos espaços pré-existentes em áreas socioculturais, foi concluída e inaugurada em 1982. A conclusão da segunda fase ocorreu em 1986, e foi marcada pela construção das duas novas torres em concreto destinadas ao conjunto esportivo e da terceira torre, uma caixa d'água em formato de chaminé industrial.

Como uma diretriz projetual para manter a identidade industrial de todo o conjunto, Lina Bo Bardi estabelece que os materiais antigos deveriam estar à vista assim como os novos deveriam obedecer a mesma ideia. “Para isto, buscou-se ao máximo manter à vista os materiais de construção original: retiraram-se os revestimentos das paredes de tijolos e da estrutura de concreto; mantiveram-se as telhas de barro e vidro e colocou-se pedra goiás no piso das áreas de exposições, estar e convivência.”²⁴

“Toda a restauração foi feita com elementos industriais, utilizando materiais fortes e duradouros (os pisos, os grandes portões de madeira, os móveis em laminados maciços de madeira), objetivando o uso por parte da população de forma mais ampla possível, em todas as suas dependências.

24 FUENTES SUÁREZ, María Belén – **Intervenção em edificação preexistentes: o projeto de Lina Bo Bardi para o SESC Fábrica da Pompeia** / María Belén Fuentes Suárez; orientador Rodrigo Cristiano Queiroz. 2016. FAU/USP. São Paulo, Brasil, 2016, p. 27.

A ideia inicial de recuperação foi a de ‘arquitetura pobre’, isto é, não no sentido da indigência, mas no sentido artesanal que exprime Comunicação e Dignidade máxima através dos menores e humildes meios.”²⁵

O trabalho meticuloso realizado na rua interna do Sesc, que se alonga por toda a extensão da unidade, indo de sua entrada até o complexo esportivo, conectando os diversos espaços e atividades; de reposicionamento dos paralelepípedos existentes, permitiu o crescimento de grama entre eles, trazendo desta forma a natureza, vida, para o cenário fabril.

A extensão da unidade, em adição à antiga fábrica, foi desenvolvida através das duas torres em concreto aparente, a maior destinada a todo o complexo esportivo e a menor aos vestiários. As expressivas janelas em formatos orgânicos e irregulares da fachada aludem às cavernas pré-históricas. A conexão entre ambas as torres é feita através de passarelas em concreto protendido que, para além de marcarem a paisagem paulistana, dão ao Sesc Pompéia uma identidade única.

Já a caixa d’água, torre cilíndrica com 70 metros de altura, também em concreto aparente, foi construída como uma forma de restituir o aspecto fabril e a memória da chaminé da antiga fábrica, já destruída. Criou-se desta forma uma imagem-símbolo para o Sesc que viria a ser usado em seu primeiro logotipo, desenhado também pela arquiteta Lina Bo Bardi, na qual a “chaminé” ao invés de liberar fumaça, liberava flores.

Em livre tradução, os editores do livro *Access for All, São Paulo’s Architectural Infrastructures*: Andres Lepik e Daniel Talesnik, descreveram as atividades programáticas do Sesc Pompéia em: restaurante, bar e café com capacidade de atendimento para 800 pessoas, loja de souvenir, livraria, bilheteria, foyer, teatro com 746 lugares, sala de exibição, oficina de artes e artesanatos (para participar das oficinas é necessário se matricular e pagar por elas, no entanto a sala é aberta à todo o público e temporariamente abriga exposições), espaço interno de recreação infantil, espaço de leitura e estudo, biblioteca, administração, cinco clínicas odontológicas (apenas para trabalhadores do comércio e serviços com credenciais Sesc). Conjunto esportivo (acesso apenas para credenciados Sesc): piscina para 600 pessoas, três quadras poliesportivas, academia e salas de ioga. Espaço aberto (acesso para todos): rua interna e deck-solário.²⁶

25 BO BARDI, L. apud SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2013, p. 23.

26 LEPIK, Andres; TALESNIK, Daniel – **Access for All, São Paulo’s Architectural Infrastructures** / Andres Lepik e Daniel Talesnik; fotografias Ciro Miguel. Zurich: Park Books, 2019, p. 40.



1º Logotipo Sesc desenhado por Lina Bo Bardi.
Fonte: © Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Foto: Henrique Luz



Superior: Rua interna do Sesc.
Inferior: vista interna do espaço de lazer / exposições.
Fotos: © Nelson Kon



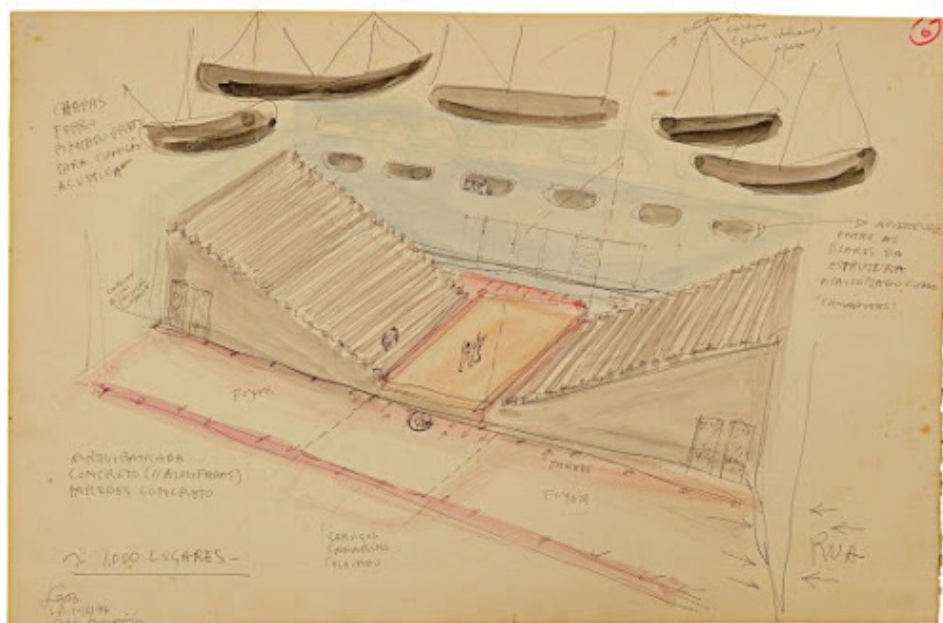
Oficinas.
Foto: © Nelson Kon



Superior: grande espaço de estar.

Inferior: foyer do auditório.

Fotos: © Nelson Kon



Croqui do auditório.

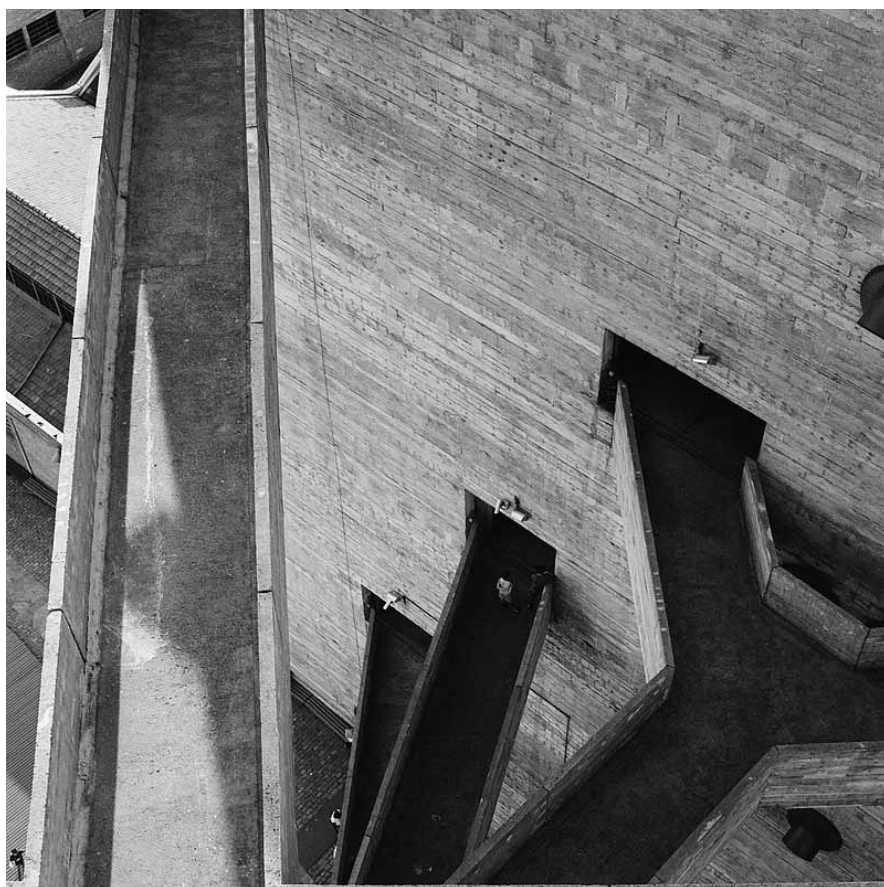
Fonte: © Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Foto: Henrique Luz



Auditório
Foto: © Nelson Kon



Vista exterior do solarium e do complexo esportivo ao fundo.
Foto: © Nelson Kon

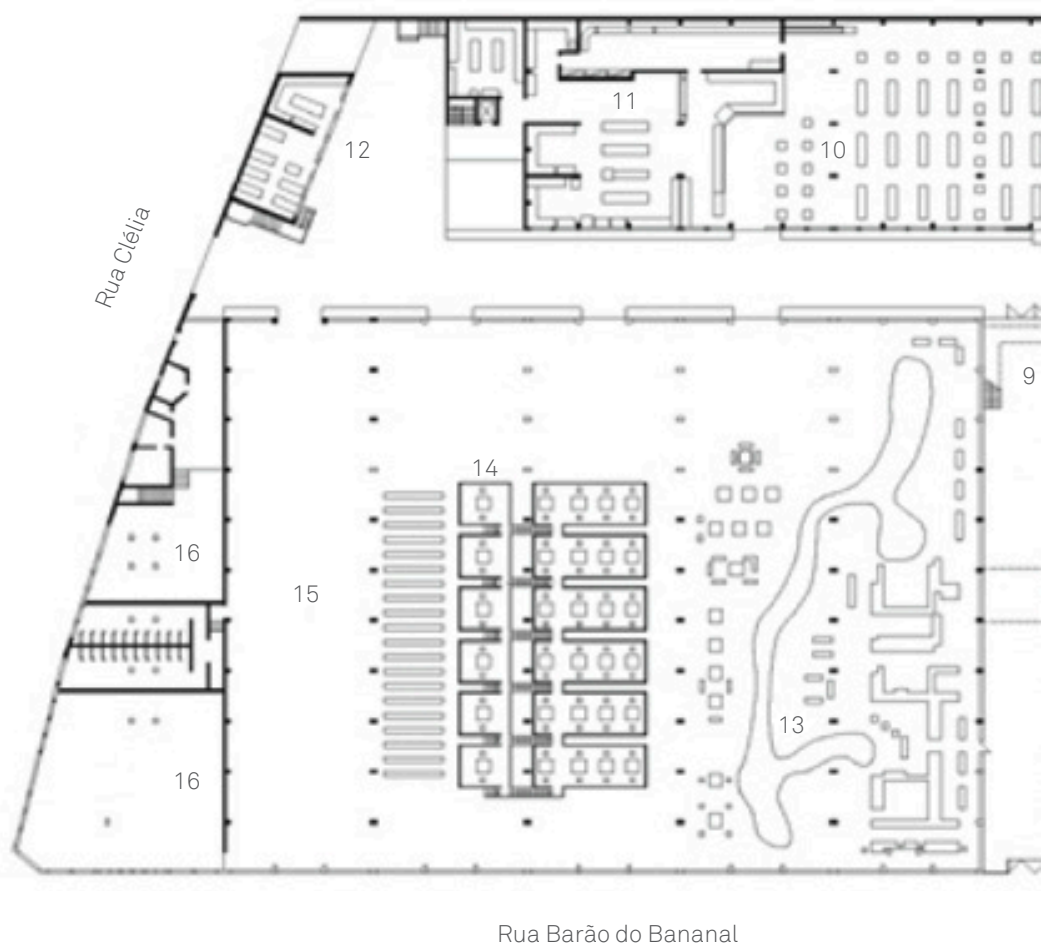


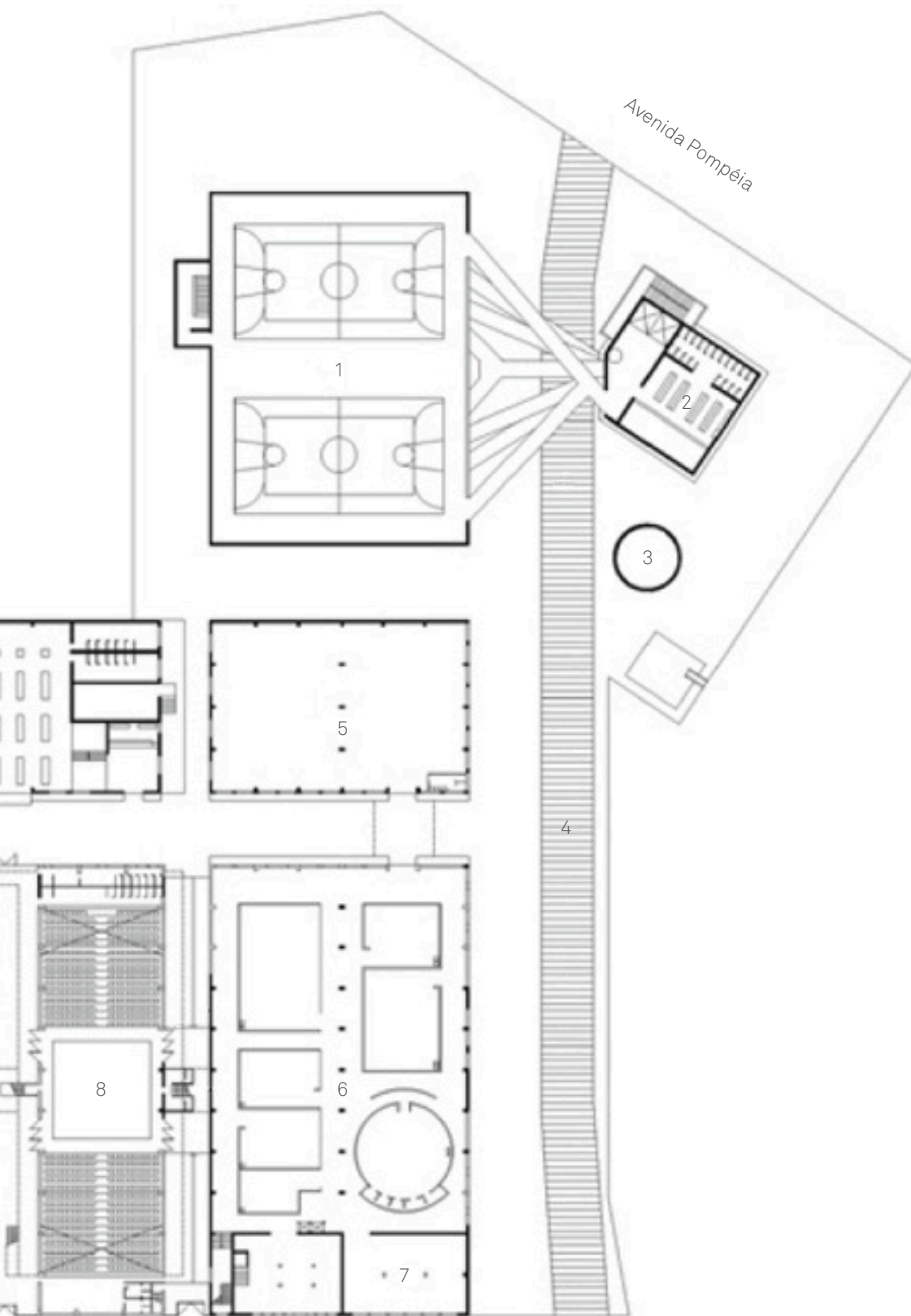
Passarelas.
Foto: © Pedro Kok



Janela complexo esportivo.
Foto: © Nelson Kon

- 1- Conjunto esportivo com piscina, ginásio e quadras (5 pavimentos duplos).
- 2- Lanchonete, vestiários, salas de ginástica, luta e dança (11 pavimentos).
- 3- Torre da caixa d'água.
- 4- Grande Deck / Solarium com espelho d'água e cachoeira.
- 5- Almoxarifado e oficinas de manutenção
- 6- Ateliês de cerâmica, pintura, marcenaria, tapeçaria, gravura e tipografia.
- 7- Laboratório fotográfico, estúdio musical, sala de danças e vestiário (3 pavimentos).
- 8- Teatro com 746 lugares.
- 9- Vestíbulo coberto do teatro para espetáculos.
- 10- Restaurante self-service e choperia (noite).
- 11- Cozinha industrial.
- 12- Vestiário e refeitório dos funcionários (2 pavimentos).
- 13- Grande espaço de estar, jogos e salão, espetáculos e mostras expositivas.
- 14- Biblioteca de lazer, espaços de leitura e videoteca.
- 15- Galpão de exposições.
- 16- Administração geral (2 pavimentos).





20
J



Planta geral Sesc Pompéia.
Fonte: Archdaily

2.3.2 Sesc 24 de Maio

Esta é uma das unidades mais novas da família Sesc, inaugurada em 19 de agosto de 2017. Este complexo, destinado à recreação e aos serviços socioculturais, está localizado no centro da cidade de São Paulo, próximo à Praça da República e a outros importantes edifícios históricos da cidade como o Theatro Municipal, a Praça das Artes, a Biblioteca Mário de Andrade, a Galeria Olido e a Galeria do Rock. A unidade ocupa o prédio da antiga loja de departamentos Mesbla, originalmente construído em 1941, a qual abrigava sua loja no rés de chão e mezanino enquanto os demais oito pavimentos do edifício se dividiam entre usos comerciais e residenciais. No final dos anos 1990, com o encerramento das atividades do grupo Mesbla, as instalações foram adquiridas pelo Sesc. Para o processo de intervenção e requalificação do edifício o Sesc convidou o arquiteto Paulo Mendes da Rocha e o escritório de arquitetura MMBB, dirigido por Fernando Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga, para a elaboração do conceito arquitetônico.



Antiga loja Mesbla no centro de São Paulo.

Fonte: Vitruvius, disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/19.075/7107?page=3>>

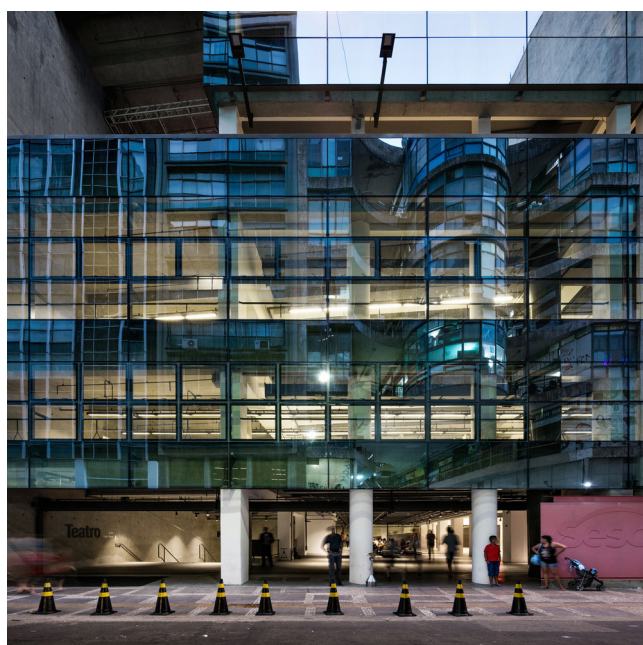
A pré-existência, esquina das Ruas 24 de Maio e Dom José de Barros, ocupava um lote praticamente retangular de quarenta por quarenta metros, completamente construído. Durante a visita do arquiteto às instalações, ele sugeriu a possibilidade de apenas reformar o antigo edifício ao invés de destruí-lo por completo e construir um novo no local. A viabilização seria a compra do terreno vizinho ao edifício em questão, de sete metros por vinte, o qual daria lugar à um edifício-anexo ao corpo principal do projeto, acomodando os banheiros, depósitos, instalações para funcionários e áreas técnicas.

“A condição do prédio era horrível, porém, por contradição, a construção tinha uma virtude inicial. Ela tinha um vazio interno, que se chama poço de ventilação ou poço de iluminação de quatorze metros por quatorze, quadrado perfeito. Eu imediatamente vi a hipótese de você enfiar um pilar em cada canto desse quadrado, em cada vértice, independente completamente da estrutura, sem prejudicar nada, para amparar uma vez ou outra o andar completo. [...]. O teatro que nós fizemos lá embaixo, aonde os pilares chegam no chão, nós aprofundamos mais para poder escavar e é justamente a plateia do teatro. Lá em cima, apoiado nos quatro pilares, uma estrutura especial que vai além dos quatorze por quatorze, uma piscina de vinte e cinco por vinte e cinco metros, que não é pouco [...].”²⁷

27 **Sesc 24 de Maio – Paulo Mendes da Rocha + MMBB Arquitetos.** [registro vídeo]. Realização Galeria da Arquitetura. São Paulo, 06/02/2018. Disponível em YouTube pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=VfkeBvKc_il (4min40s.)

O ingresso ao complexo tem acolhimento em uma praça pública coberta em seu rés de chão, aberta à rua. A circulação vertical pelo edifício ocorre, para além dos elevadores, através do novo conjunto de rampas sucessivas, implantado de modo a garantir o acesso aos andares superiores em uma forma de percurso, percorrendo todas as atividades realizadas na instituição. O fim deste trajeto é a nova cobertura acrescida ao edifício existente, aonde está localizada a piscina. A paisagem do centro paulistano fica marcada à medida que este elemento água cria um cenário de clube, de praia, em meio a uma área completamente urbanizada da cidade.

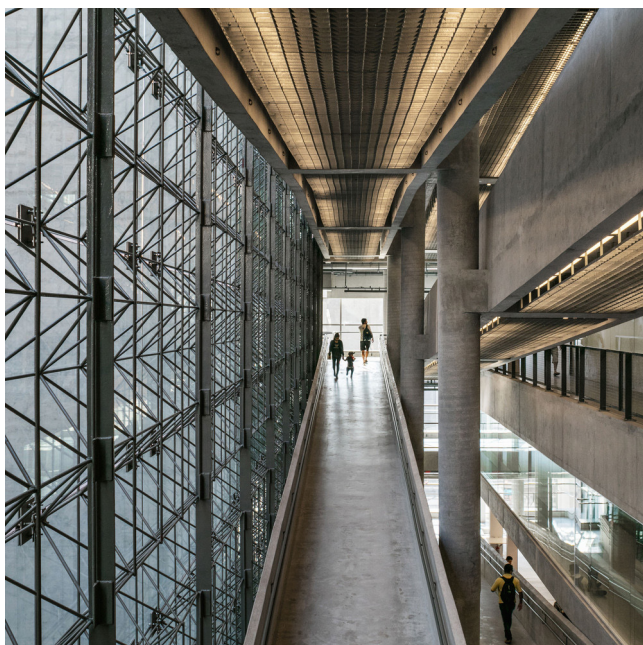
Em livre tradução, Andres Lepik e Daniel Talesnik, descreveram as atividades programáticas do Sesc 24 de Maio em: um teatro com 216 lugares, foyer e café no subsolo; no rés de chão uma praça com serviços administrativos voltados aos usuários da instituição; escritórios da administração, restaurante, no terceiro andar uma praça aberta como área de lazer, biblioteca, área de exposições, oficinas, consultórios odontológicos (apenas para trabalhadores do comércio e serviços com credenciais Sesc); quadras poliesportivas, academia e salas de dança (acesso apenas para credenciados Sesc); no décimo primeiro andar uma praça aberta com um café e um espelho d'água; vestiários e piscina aberta na cobertura com capacidade para 400 pessoas (acesso apenas para credenciados Sesc).²⁸



28 LEPIK, Andres; TALESNIK, Daniel – **Acess for All, São Paulo's Architectural Infrastructures** / Andres Lepik e Daniel Talesnik; fotografias Ciro Miguel. Zurich: Park Books, 2019, p. 64.



A esquerda: acesso Rua 24 de Maio.
Nesta página: vista aérea Sesc 24 de Maio.
Fotos: © Nelson Kon



Superior: Auditório.
Inferior: Conjunto de rampas.
Fotos: © Nelson Kon



Superior: Restaurante.
Inferior: Sala de dança.
Fotos: © Nelson Kon

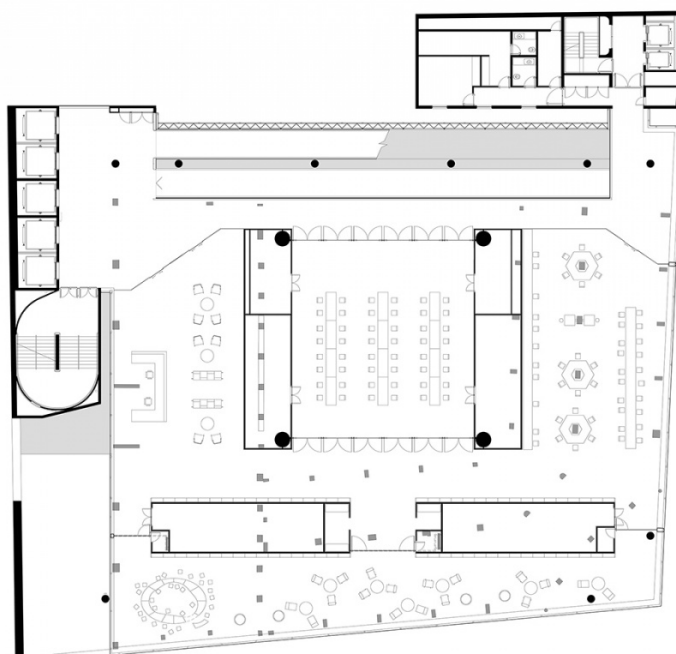
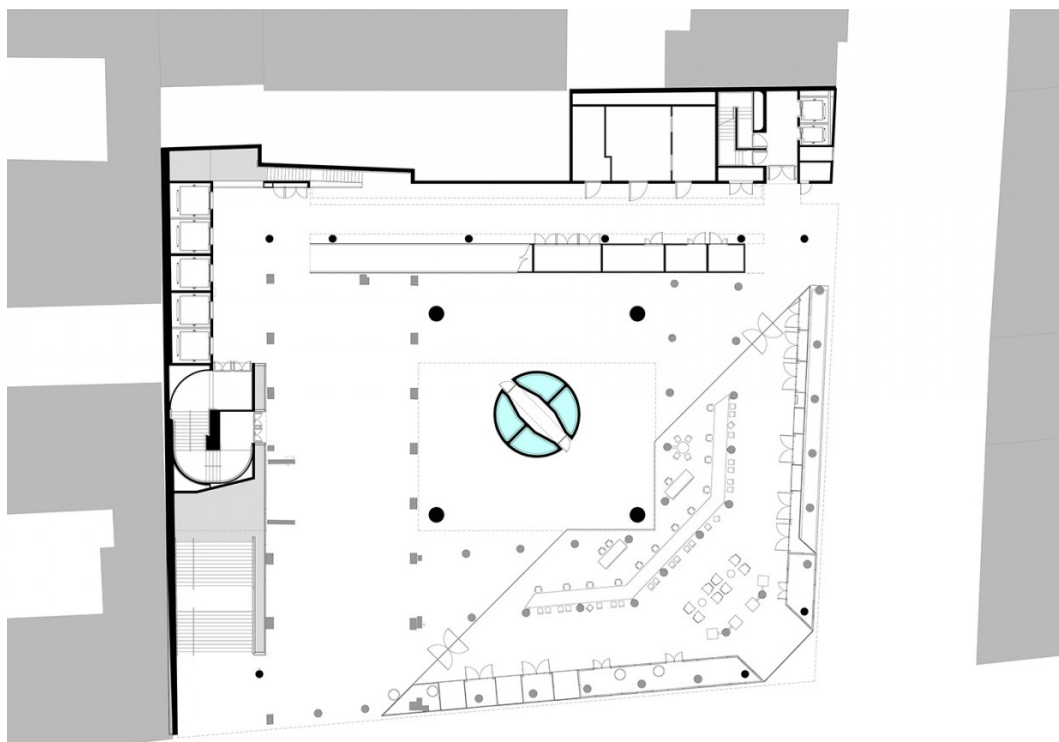




A esquerda: Praça aberta no décimo primeiro andar.

Nesta página: Piscina da cobertura.

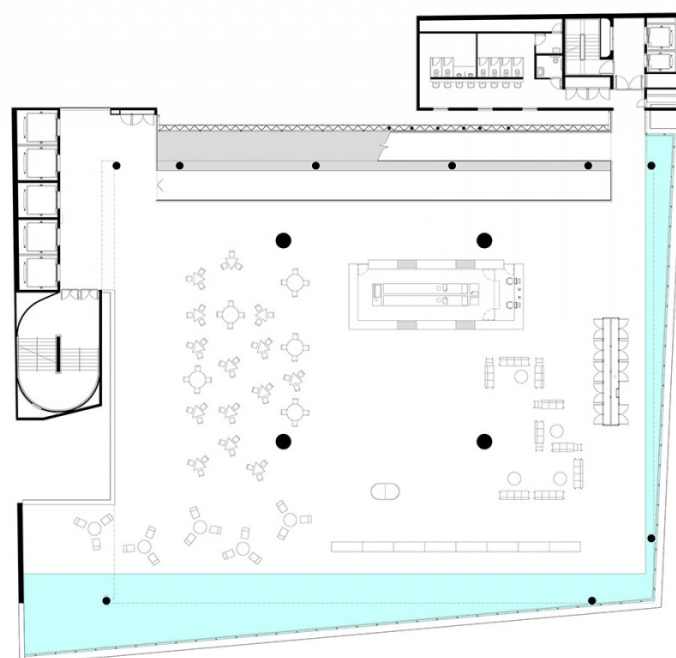
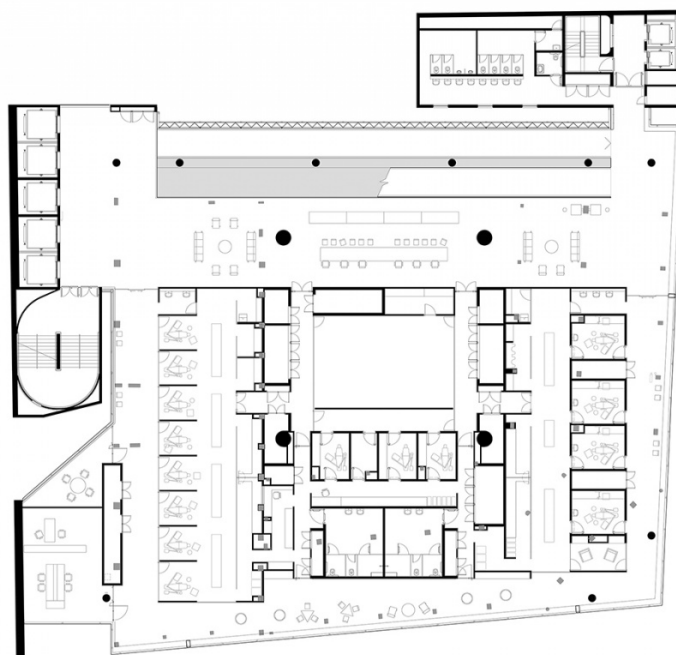
Fotos: © Nelson Kon



Superior: Planta acesso (rés de chão).

Inferior: Planta biblioteca (4º Pavimento).

Fonte: © MMBB, disponível em <<https://www.mmbb.com.br/projects/details/45/2>>

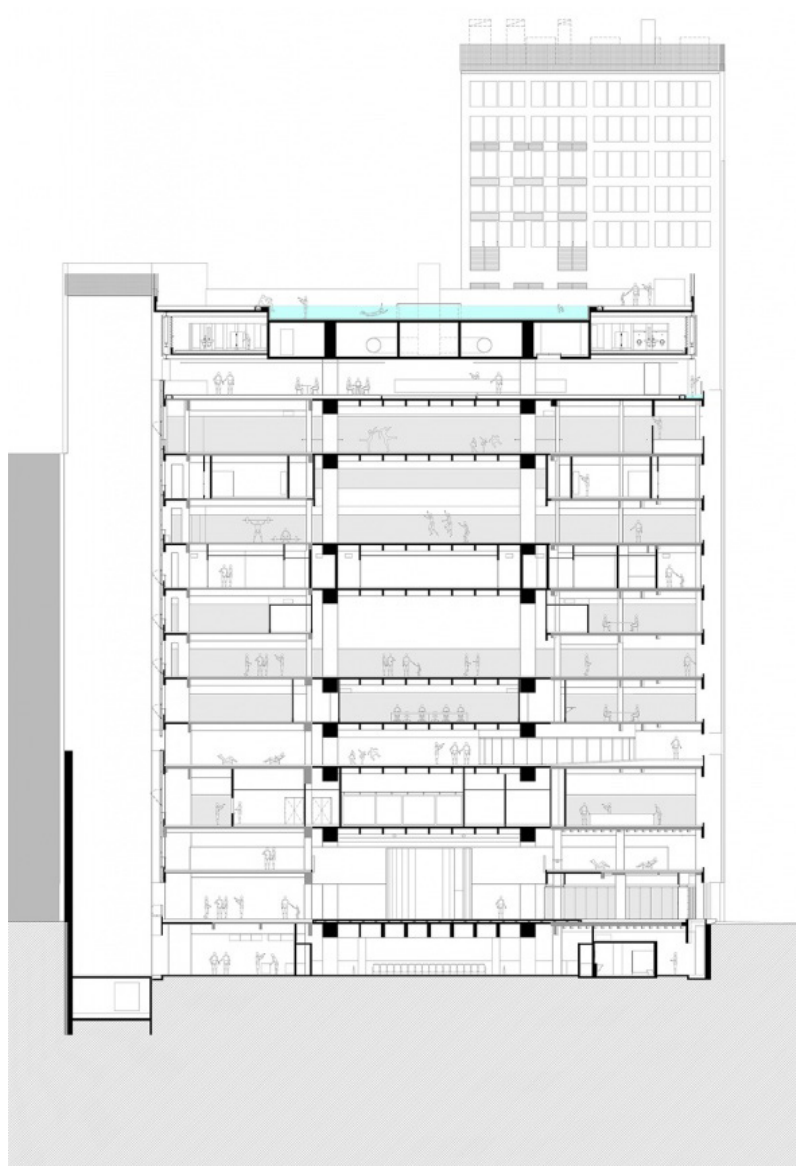


2 10



Superior: Planta consultórios odontológicos (7º Pavimento).
Inferior: Planta praça aberta / cafeteria / espelho d'água (11º Pavimento).

Fonte: © MMBB.



2 10

Cortes.

Fonte: © MMBB, disponível em <<https://www.mmbb.com.br/projects/details/45/2>>

3. SESC PORTO

A implantação de uma unidade Sesc em território português traduz a admiração pelo trabalho realizado pela instituição, através de suas atividades socioculturais destinadas à educação e ao enriquecimento de conhecimento pessoal, e pela cidade do Porto, que se fez meu admirável posto de morada entre os anos de 2016 a 2019. Os contributos almejados com tal intervenção se resumem a proposta de um equipamento destinado ao bem estar social, ao melhor aproveitamento do tempo livre e na oferta de diversidade formas de lazer à sociedade Portuense.

3.1 Análise Territorial e Sociodemográfica

A leitura territorial se trata de uma caracterização prospectiva da cidade e do território objeto ao exercício do projeto em questão. Uma operação conceitual de aproximação à escala urbana, de identificação dos elementos urbanos pré-existente e a definição de uma estratégia de intervenção a partir dos objetivos e programas traçados neste exercício projetual.

Um estudo gradual através de uma aproximação sucessiva de escalas territoriais foi realizado com o propósito do melhor conhecimento da área de intervenção e como ela interage com o território na qual está inserida. O ponto de início desta análise é marcado por um esquema geral da região metropolitana da cidade do Porto, ressaltando não apenas o posicionamento geográfico da cidade, mas as suas dinâmicas gerais: os principais eixos estruturantes que a conectam com as demais municipalidades ao redor; o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, o qual conecta o grande Porto aos demais países europeus, e também à África, América, Ásia e Austrália; e o Porto de Leixões, maior infraestrutura portuária da região norte de Portugal destinada tanto aos navios de carga quanto de passageiros.

A continuidade desta análise se desenvolve para um enfoque mais aproximado à cidade do Porto e a porção norte de Vila Nova de Gaia. No quesito deslocamento são enfatizando os eixos rodoviários, estruturantes e complementares em escala local, assim como os sistemas de transporte através do metro, elétrico e ferry como principais mecanismos de circulação da população pela cidade do Porto e sua transposição do Rio Douro. São também destacadas as áreas verdes, representadas pelos parques e praças de maior importância para a dinâmica social do Porto.



 Eixo estruturante | Ligação intermunicipal

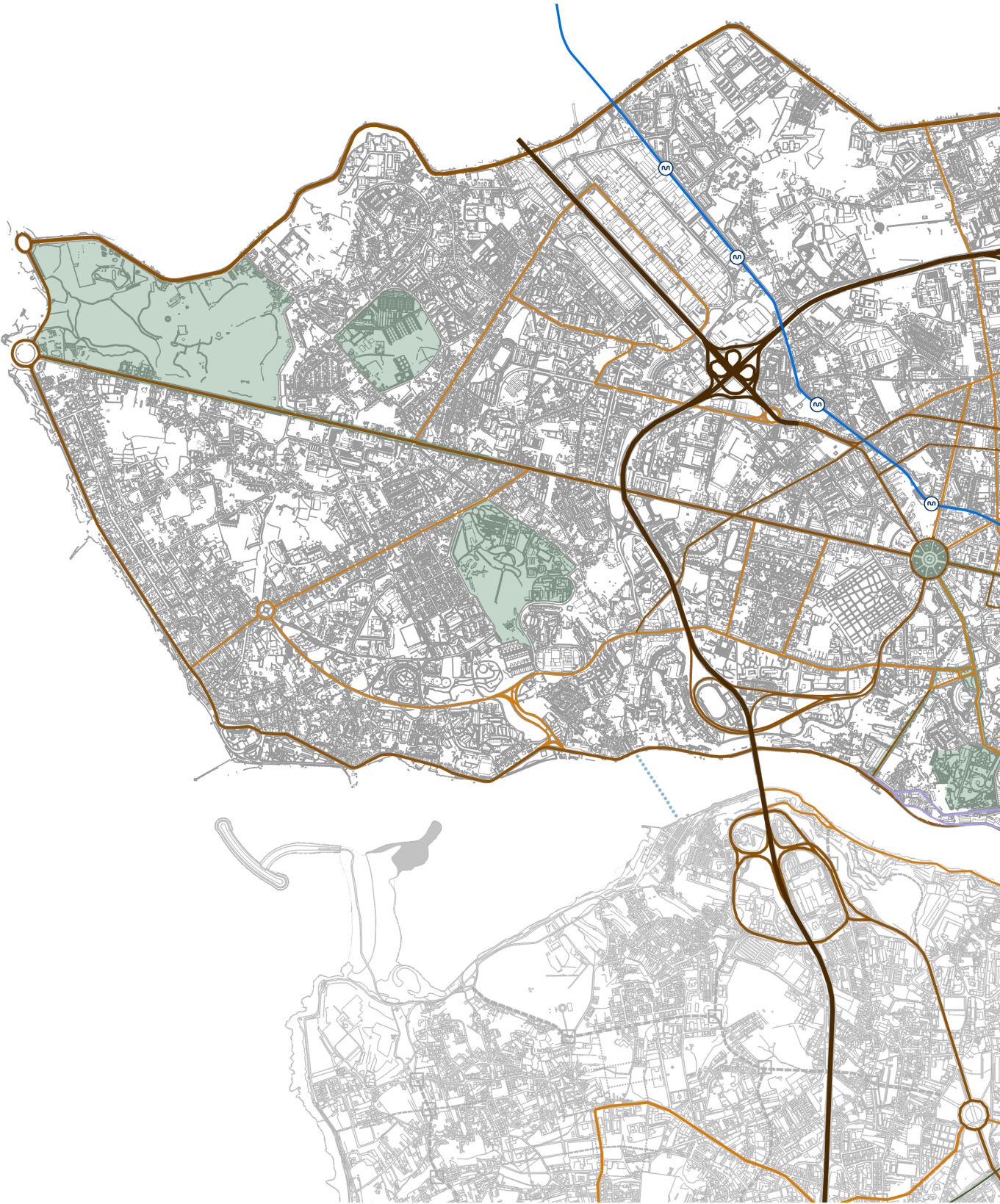
 Auto-estrada

 Aeroporto Francisco Sá Carneiro

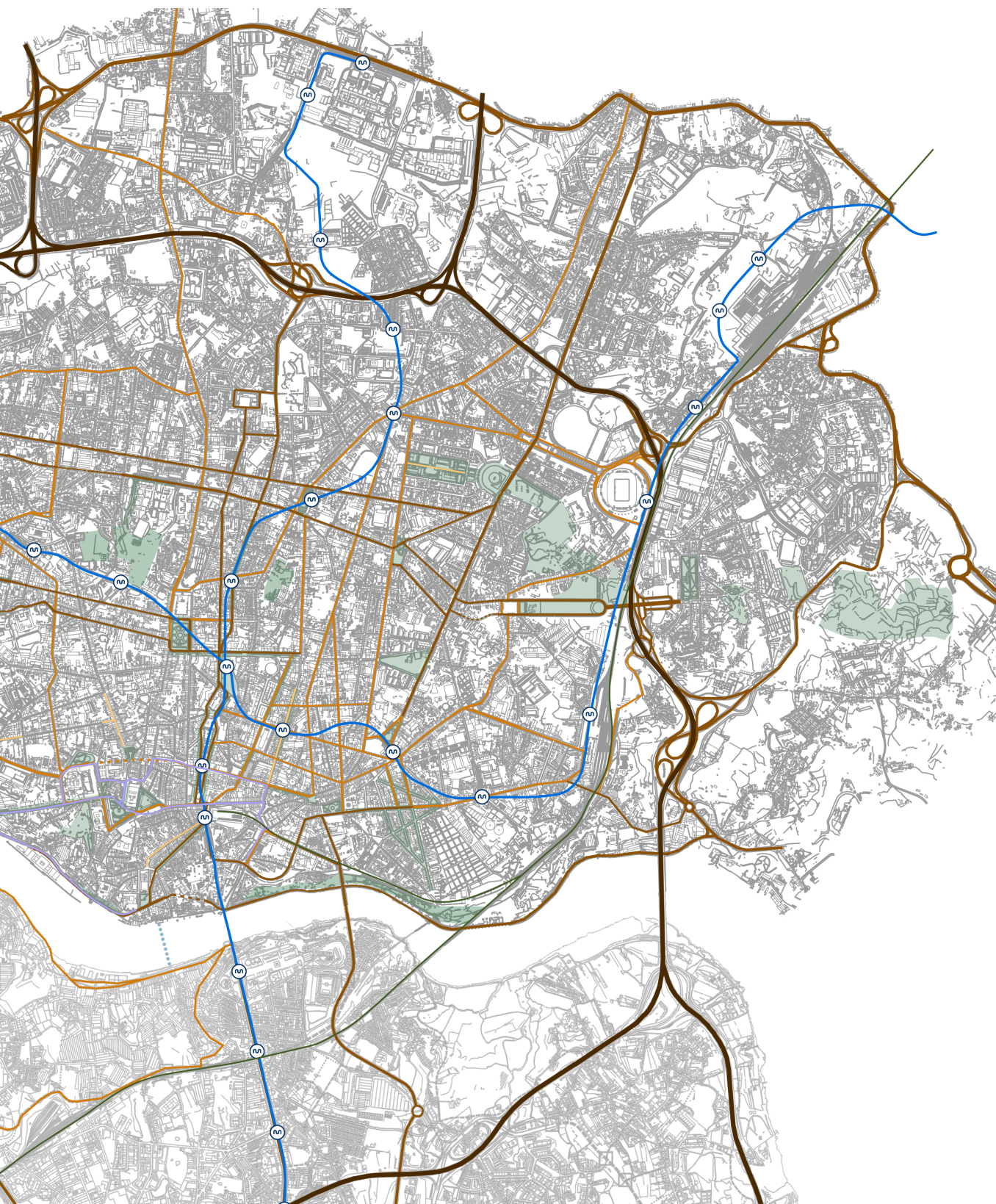
 Porto de Leixões

 s/ escala

Imagem aérea do Grande Porto.
Fonte: Google Maps



250 1000



Cartografia Porto.
 Fonte: Mapa desenvolvido em grupo (C3) de estudo Projeto V - 2017/2018

A etapa seguinte de análise procura focar na região central da cidade do Porto, fundamentada em três aspectos distintos: a hierarquia viária e a classificação dos edifícios de uso público, observando como estes estão inseridos na cidade e quais os principais eixos de deslocamento; a rede de transportes públicos, destacando os seus diferentes meios e a forma como eles se ordenam formando um conjunto à malha urbana; e por fim os espaços verdes e as linhas de água que compõem a cidade, caracterizando os aspectos naturais presentes no território.

3.1.1 Hierarquia Viária e Edifícios de Uso Público

A elaboração gráfica e sistemática da rede viária da região central do Porto, considerando a sua distribuição, hierarquização e ordenamento, foi possibilitada a partir da leitura da Carta de Hierarquia da Rede Rodoviária do Plano Diretor Municipal (PDM) do Porto¹, de setembro de 2012, acrescida à vivência pessoal no meio urbano.

A primeira classificação engloba avenidas, ruas e vias que são essenciais aos maiores deslocamentos realizados na cidade de modo a constituir eixos axiais de Norte à Sul e Leste à Oeste. De carácter intramunicipal, estes eixos são responsáveis por conectar diferentes polaridades urbanas, tais como zonas residenciais à comerciais, ou mesmo da região mais antiga e histórica da cidade a zonas de urbanização mais recentes. Os parâmetros verificados para esta classificação das vias de maior movimento foram: o grande fluxo de veículos particulares, coexistentes com veículos de maior porte destinados ao transporte público e a grande presença e movimentação de pedestres.

Em sequência hierárquica foram examinadas as ruas que estão compreendidas entre os eixos principais e estruturantes, as quais desempenham função de conexão entre eles e possibilitam o deslocamento entre diferentes zonas da cidade. A maior concentração destes eixos viários de escala local está na região central da cidade aonde o território é mais consolidado, principalmente por edifícios datados da metade do século XIX com tipologia de uso comercial ou de serviço no rés de chão, e residencial nos pavimentos superiores.

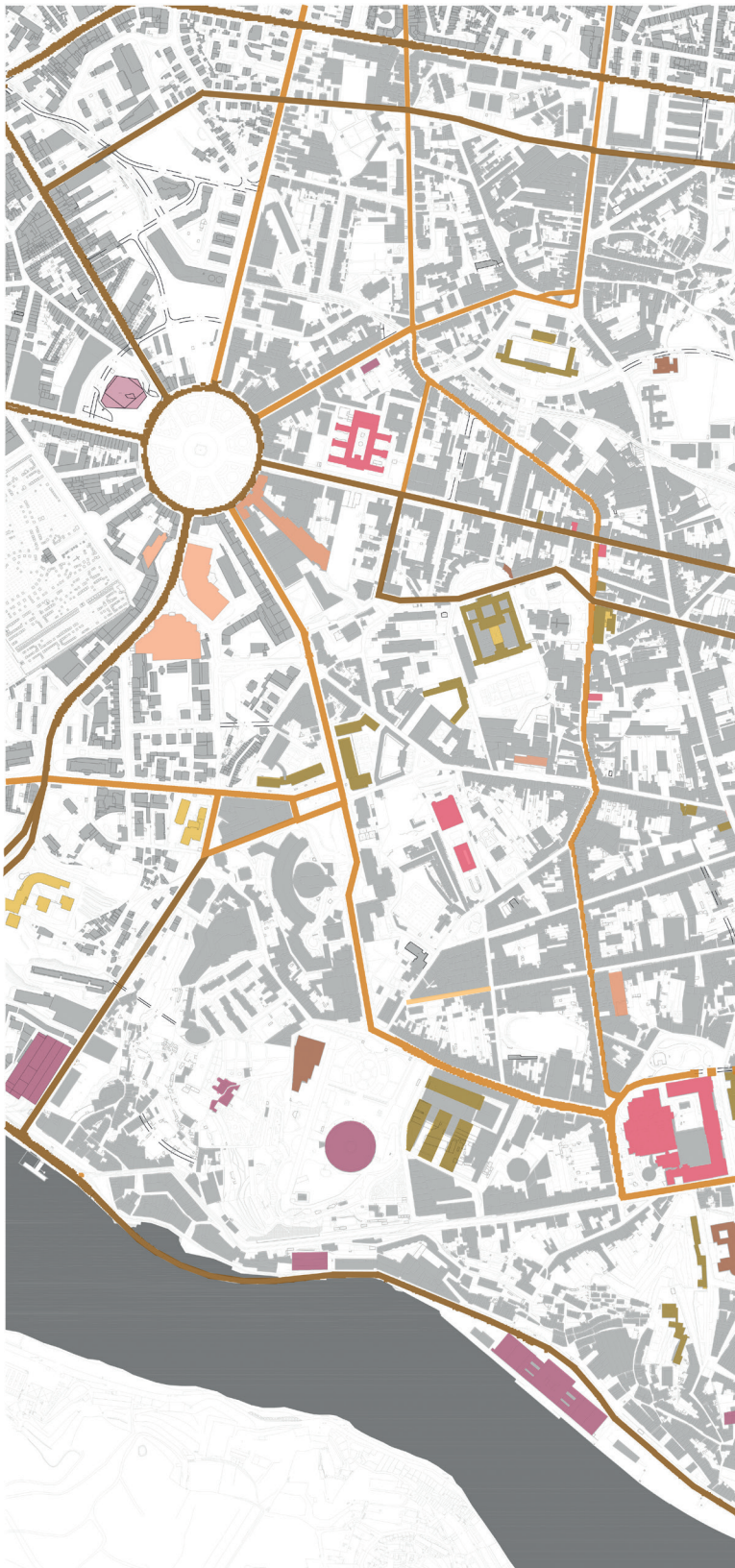
Na terceira escala viária considerada, a partir do recorte urbano analisado, foram destacadas as poucas e significativas vias dedicadas exclusivamente à pedestres. Entre elas, a Rua de Santa Catarina e a Rua de Cedofeita são as duas vias pedonais que mais se destacam

1 Disponível em <https://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/cidadaos/guiatematico/PlaneamentoOrdenamento/Documents/PO_Carta%20Hierarquia%20Rodoviaria.pdf>

em meio à rede viária envolvente, caracterizadas por sua relevância nas esferas comercial e de prestação de serviços.

No que diz respeito à análise dos edifícios de uso público, foram salientados nesta escala equipamentos destinados às áreas de saúde, assistência, educação e cultura; caracterizados por sua capacidade de concentração e dispersão de público tais como: hospitais, edifícios destinados à prestação de serviços públicos, escolas, centros comerciais, museus, teatros e sala de concerto.

- Escola
- Equipamento cultural
- Shopping
- Serviços públicos
- Hospital e unidade de saúde familiar
- Via pedonal
- Eixo estruturante local | Complementar
- Eixo estruturante | Ligação intermunicipal





Análise de Hierarquia Viária e Edifícios de Uso Público.
 Fonte: Mapa desenvolvido em grupo (C3) de estudo Projeto V - 2017/2018

3.1.2 Redes de Transportes Públicos

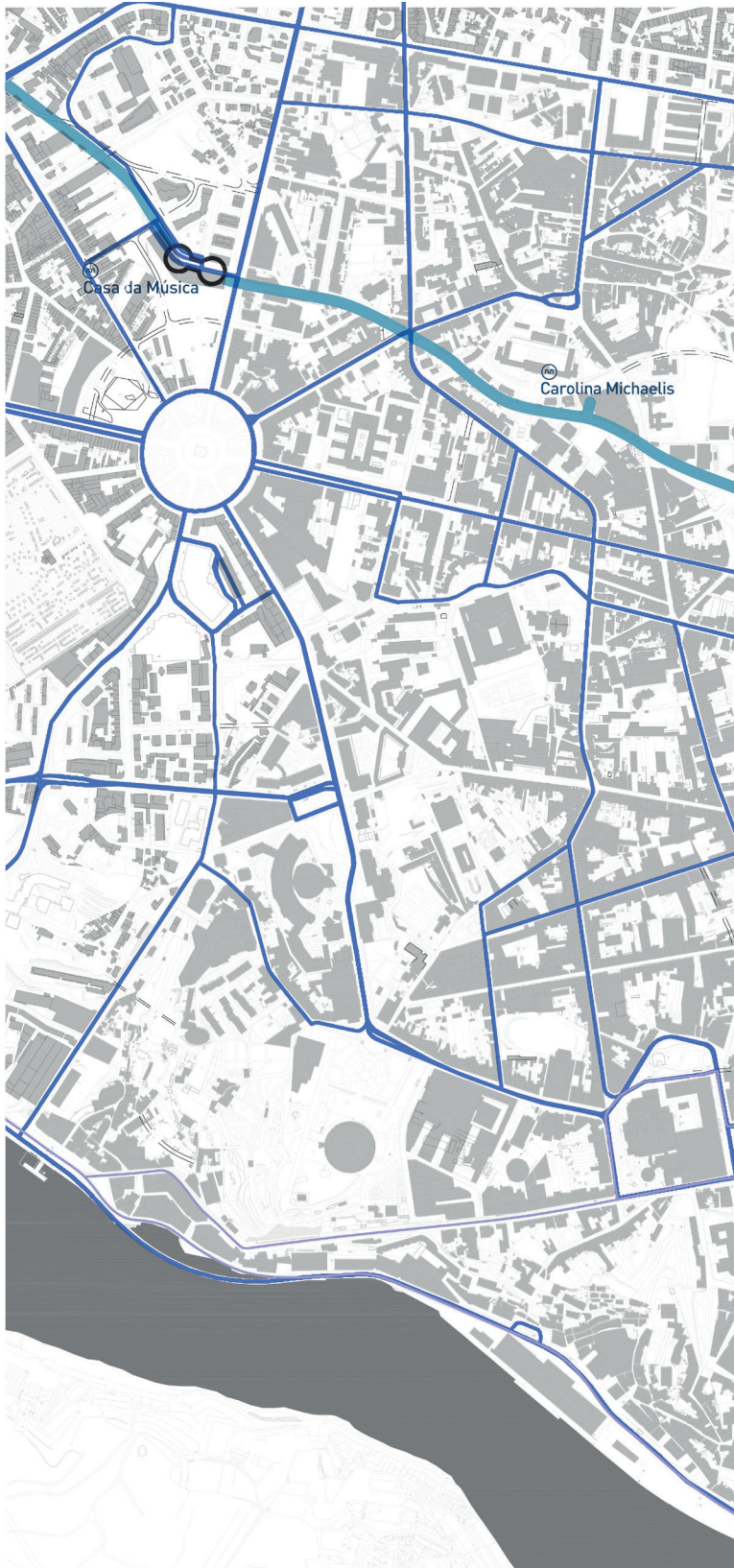
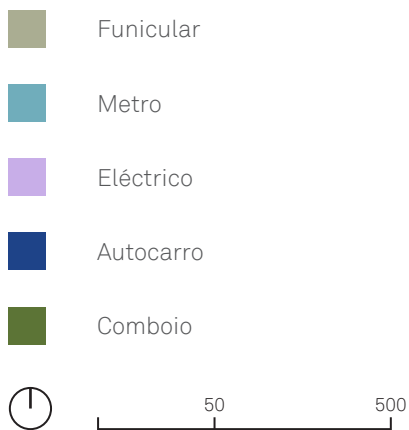
Atualmente, quatro sistemas de transporte público podem ser observados na região metropolitana do Porto com diferentes escalas de abrangência: o autocarro, o elétrico, o metro e o comboio. Apesar de todos eles serem administrados por diferentes empresas, a articulação entre estes diferentes meios é garantida pelo sistema ‘andante’ no qual, um título atrelado a um plano de assinatura mensal ou ao uso de um crédito de viagem com validade de uma hora garante ao usuário o seu deslocamento pela cidade de um modo mais fluído uma vez que pode desfrutar da interligação proposta. No entanto, é necessário mencionar que a integração do elétrico neste sistema único de articulação não é garantida integralmente como nos demais transportes. Ela depende exclusivamente do plano de assinatura mensal para a utilização do usuário, ou, em alternativa, o seu uso pontual implica na cobrança de uma tarifa única com valor superior aos demais transportes. Em um caso particular deve ainda ser mencionado o Funicular dos Guindais, transporte que vence a grande diferença de cotas conectando a zona baixa da cidade, a Ribeira, à zona alta, a Batalha.

O metro do Porto, inaugurado no ano de 2002, conta atualmente² com 67 km de extensão total de sua rede e 81 estações, distribuídos em seis linhas de deslocamento que se organizam figurativamente em um sistema antena: captando das periferias da região metropolitana e canalizando o maior fluxo para a região central do Porto, quando cinco das seis linhas compartilham o mesmo trecho da rede. No momento, estão em desenvolvimento dois novos trechos de extensão da rede metroviária, financiado por fundos europeus. O primeiro é a extensão de 3,15km da linha Amarela, iniciando após a estação de Santo Ovídio e se alarga até Vila D’este, com o acréscimo de 3 novas estações no total. O segundo e novo trecho é a linha Rosa, com 3km de extensão que conectará a estação de São Bento à Casa da Música, passando pelo Hospital de Santo António e pela Praça da Galiza; em um total de 4 novas estações subterrâneas.

No que diz respeito à rede de autocarros e sua conexão com a rede do metro, a construção de terminais de interface de ligação entre ambas as modalidades foram propostos desde o planeamento da construção do metro. Os terminais da Casa da Música e o do Campo 24 de Agosto se estabelecem como os principais em maior escala, conectando o metro, autocarros urbanos e intermunicipais.

2 Segundo os dados da própria companhia, disponíveis em <<https://www.metrodoporto.pt/pages/307>>

Ademais do sistema 'andante' existem ainda serviços de deslocação independentes conectando as cidades do Porto à Vila Nova de Gaia entre as duas margens do Rio Douro. São pequenas embarcações, marcadas por seu caráter predominantemente turístico, que partem tanto do cais da Estiva quanto do cais de Lordelo de Ouro em direção à V.N. de Gaia.





Análise Rede de Transportes Públicos.
Fonte: Mapa desenvolvido em grupo (C3) de estudo Projeto V - 2017/2018

3.1.3 Espaços Verdes e Linhas de Água

Como terceiro objeto de pesquisa temos a definição categorizada dos diferentes tipos de áreas verdes e marcação das linhas de água em meio à região central do Porto. Apesar da limitação gráfica representada, considero importante destacar as duas maiores manchas verdes da cidade, à oeste o Parque da Cidade do Porto e À leste o Parque Oriental da Cidade do Porto.

A categorização das áreas verdes sintetiza o diverso valor atribuído a cada uma delas em meio ao território urbano. No entanto, para tal estudo, dois critérios foram adotados para alargar a seleção de lotes que: apesar de posse privada (em raso parâmetro) estão desvalorizados e, em segundo lugar, grandes espaços remanescentes em interiores de quarteirões vastos; ambos compreendidos como áreas com melhor potencial de aproveitamento. Nesta análise também fica demarcada as existentes linhas de água, ainda que a sua maioria se encontra submersas ao nível do solo. Espalhadas pela cidade podem ser observadas fontes ou minas de águas que, justapostas à tais linhas de água, traduzem o acesso à maioria destas ribeiras que hoje estão canalizadas.

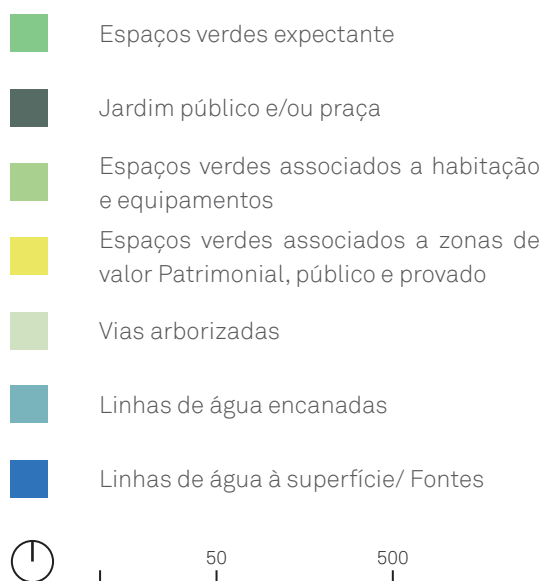
Desta forma, a categorização foi realizada de acordo com os seguintes temas:

- Espaços verdes expectantes;
- Jardins públicos e praças;
- Espaços verdes associados a habitação e equipamentos;
- Espaços verdes associados a zonas de valor patrimonial, público e privado;
- Vias Arborizadas;
- Ribeiras/Cursos de água.

Os espaços denominados por expectantes, são os que foram compreendidos neste exercício com melhor potencial de aproveitamento, pressupondo hipoteticamente sua maior conexão à dinâmica ambiental da cidade. Os demais tópicos destacados são mais compreensíveis à medida que dizem respeito aos jardins e praças públicas, podendo ou não

estar associados à habitação e/ou demais equipamentos sociais. Considerando esta última possibilidade, fica evidenciado o uso de tais espaços majoritariamente por residentes nas imediações. Na classe de valor patrimonial, destacam-se os lugares desta classe de interesse que detêm uma massa verde considerável à leitura na cartografia. Em último ponto, apesar de escasso na região central do Porto, foram grifados os poucos eixos viários que contam com a presença de arborização.

Em uma reflexão geral a cerca da região central portuense percebe-se uma malha urbana consolidada e a carência dos espaços verdes, principalmente associados à malha viária. A maior concentração de espaços construídos, acrescido das ruas e passeios públicos de menores dimensões, tornam estas zonas da cidade mais áridas e menos propícias ao plantio de árvores e plantas devido à falta de espaço suficiente e de qualidade para o seu desenvolvimento adequado.





Análise Espaços Verdes e Linhas de Água.
 Fonte: Mapa desenvolvido em grupo (C3) de estudo Projeto V - 2017/2018

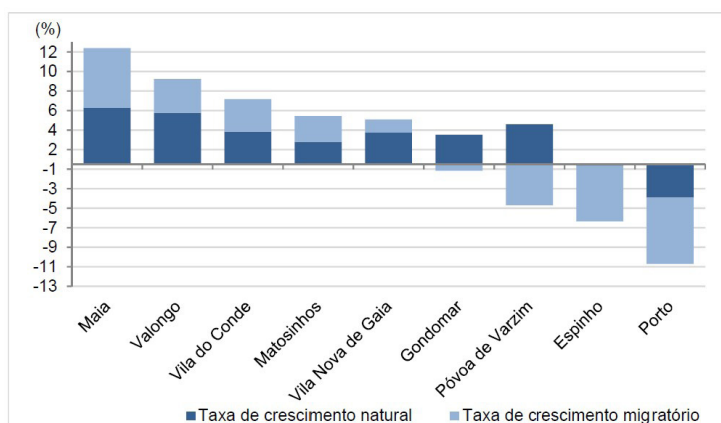
3.1.4 Demografia e Desenvolvimento Social

O quarto e último ponto a ser analisado está relacionado à evolução das estatísticas e informações sobre a população e a família portuense com o interesse de ressaltar as principais dinâmicas demográficas existentes no conselho do Porto. Os dados a seguir informados são baseados no documento produzido em abril de 2018 pela Direção Municipal de Urbanismo como um contributo à Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto, intitulado Pessoas e Atividades, Demografia e Desenvolvimento Social, Relatório de Caracterização e Diagnóstico.³ Os dados consideram as informações do Censo de 2011.

No que diz respeito à evolução populacional do concelho do Porto, apesar do registro do aumento populacional da região metropolitana do Grande Porto (englobando os concelhos de Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia) em 13% da população de 2001 à 2011, atingindo a marca de 1.300 mil habitantes, sua população vem decrescendo cada vez mais ao passar dos anos. Neste mesmo período de tempo houve um registro de uma variação da população residente entre os nove concelhos do Grande Porto, na qual o Porto obteve uma marca negativa de quase 10% de seus habitantes, seguido de Espinho com menos 6%; os demais concelhos em consequência marcaram variação positiva com exceção da Póvoa de Varzim que manteve sua população praticamente inalterada. Apesar do decréscimo populacional de residentes no concelho do Porto, a cidade recebe cerca de 154.000 usuários, vindos dos demais concelhos do Grande Porto, em deslocamento pendular diário com fins de trabalho, estudo, lazer ou mesmo para usufruir dos serviços oferecidos. A este número é ainda acrescido uma marca diária de 9.000 turista que dormem na cidade, segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) de 2016.

A diminuição populacional do Porto, constatada no último Censo, é resultado entre os saldos natural e migratório demográficos. O balanço entre os nascimentos e óbitos, e as entradas e saídas do território registraram, entre os anos de 2001 a 2010, índices negativos tanto em relação ao crescimento natural quanto ao migratório da população.

3 FÁRIA, Alexandra; OLIVEIRA, Carlos, ROCHA, Eugénia; LAGE, Graça; GOMES, Marta – **Pessoas e Atividades, Demografia e Desenvolvimento Social, Relatório de Caracterização e Diagnóstico / Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto**. Porto: Direção Municipal de Urbanismo; Departamento Municipal de Planeamento Urbano; Divisão Municipal de Planeamento e Ordenamento do Território, Abril 2018. Disponível em: https://www.cm-porto.pt/assets/misc/img/PDM/ECD/51_PDMP_ECD_Demog_Desenv_Soc.pdf

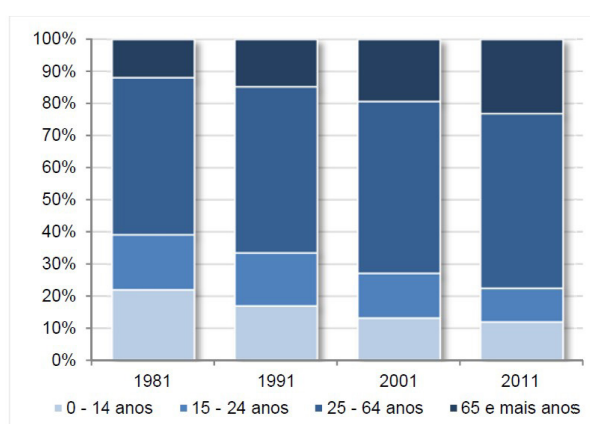


Componentes da variação populacional na década de 2001/2010.

Fonte: INE

Os dados indicam ainda, conforme a progressão das últimas três décadas, que a população idosa (65 e mais anos) do concelho do Porto vem aumentando à medida que os jovens (0 a 14 anos) estão diminuindo. Na esfera metropolitana, o envelhecimento demográfico no Porto vem se agravado quando comparado aos demais concelhos uma vez que seus crescimentos natural e migratório tem saldos negativos. Em um último levantamento de 2015, foi revelado a relação de 223 idosos para cada 100 jovens residentes. Esta dinâmica reflete ainda no nível de dependência tanto dos idosos quanto dos jovens sob a população em idade ativa, marcando um aumento no número de idosos e uma diminuição de jovens em dependência.

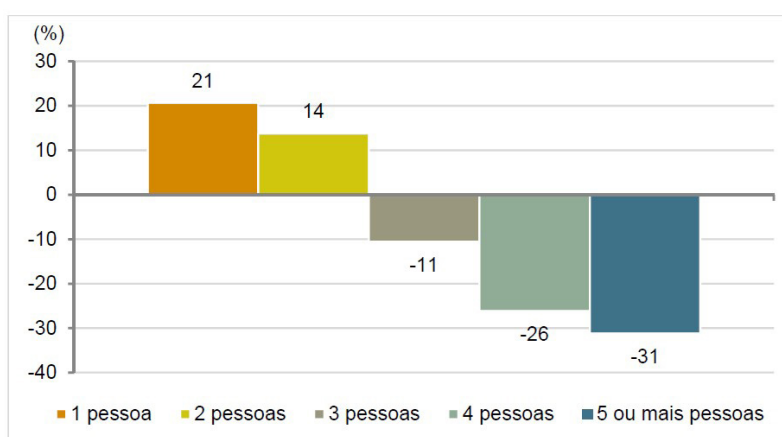
“Um desafio que o envelhecimento populacional coloca às sociedades contemporâneas é a garantia da substituição da sua população ativa,” (Op. Cit., p.12)



População residente no Porto, segundo o grupo etário.

Fonte: INE

Apesar do concelho Porto não ter sofrido variações em relação ao número de família na última década, houve uma mudança acerca da estrutura familiar com a diminuição na dimensão média das famílias. A análise indica uma diminuição das famílias numerosas (5 ou mais pessoas) em menos 31% e sua evolução gradual ao aumento de 21% das famílias unipessoais. Para estas famílias de apenas uma pessoa, ficou ainda registrado o elevado índice de idosos morando sós. Outra característica importante na alteração da estrutura familiar é o aumento no índice de núcleos monoparentais, no qual o filho(a)(s) mora(m) apenas com um dos pais, traduzindo um aumento no nível de divórcios e um decréscimo na taxa de fecundidade.



Variação na dimensão das famílias entre 2001 e 2011.

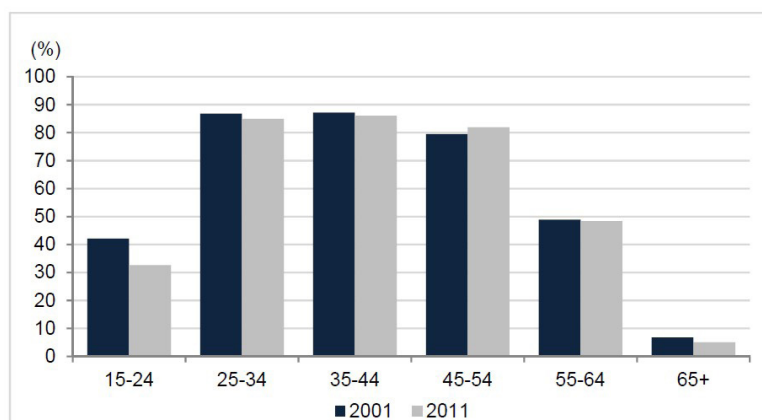
Fonte: INE

No âmbito da educação, este mesmo documento em análise traz à luz que este “é um tema do qual está dependente o desenvolvimento social e económico de um país, de uma região e de uma cidade. A empregabilidade e atratividade de uma região estão diretamente correlacionados com o grau de competências que os cidadãos da mesma região possam ter.” (Op. Cit., p. 20).

O concelho do Porto registra taxas de escolarização superiores tanto às da região metropolitana quanto ao próprio continente. O reforço no atendimento ao ensino pré-escolar, destinado a crianças entre os três anos de idade e o ingresso no ensino básico, garantem uma educação de base e sucessiva evolução à todas as crianças. Tal esforço pode ser observado também nas taxas de escolarização do ensino básico e secundário, também superiores quando comparadas ao restante do território português.

No que diz respeito à educação superior dentro do concelho do Porto, o que se pode observar é uma concentração maior de população residente com ensino superior concluído em freguesias de maior poder aquisitivo como Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, com índice de 40%, seguidos por Lordelo de Ouro e Massarelos, e Ramalde com 33% e 31% respectivamente; em oposição aparece a freguesia de Campanhã com o menor índice de apenas 11% da população com índice superior concluído.

A análise feita acerca ao mercado de trabalho no cenário portuense é também um tópico de relevância para este exercício uma vez que clarifica a colocação da população empregada de acordo com suas faixas etárias e o remanescente populacional em situação de desemprego. Os dados obtidos a partir do último recenseamento em 2011 indicam que aproximadamente um terço da população entre os 15 e 24 está ativa, enquanto a grande parcela está enquadrada entre os 25 e 54 anos de idade. Entre os 55 e 64 anos de idade os índices começam a cair até serem praticamente mínimos entre pessoas com mais de 65 anos. Em contraponto foi registrado um índice superior a 40% da população inativa, representado por reformados e pensionistas, estudantes, domésticas e pessoas que já desistiram de procurar um emprego. Em 2011 a taxa de desempregados alcançou a marca de 18% da população ativa entre os 15 e 64 anos, superior à região metropolitana do Porto e ao continente.



Taxa de atividade por escalão etário no Porto.

Fonte: INE

3.2 O Programa Arquitetônico

Para a elaboração do programa de arquitetura do Sesc Porto foi utilizado como referência o edital do Concurso Sesc Limeira de 2017, através do documento intitulado “Termo de referências para processo seletivo de estudo preliminar arquitetônico para equipamento de lazer sociocultural e desportivo”¹. Assim como já dito na introdução desta dissertação, a expansão de novas unidades da instituição Sesc é realizada, para além da demanda e de sua viabilização, através de concursos de arquitetura na qual a instituição elege uma proposta vencedora e consequentemente o gabinete de arquitetura que desenvolverá o projeto arquitetônico para a posterior execução. Desta forma, o documento acima referido foi de extrema importância para a orientação no desenvolvimento do programa arquitetônico da unidade Sesc Porto. Através dele foi possível compreender as atividades realizadas pela instituição e como ela se acomoda espacialmente e quais usos e funções são destinados aos seus “espaços, ambientes e instalações culturais, desportivas, e de saúde.

No que diz respeito à funcionalidade dos espaços, eles são divididos em dois grandes núcleos principais, diversos e complementares em si: o núcleo programático e o núcleo de apoio administrativo. O primeiro núcleo engloba as atividades que são realizadas pela instituição, sendo destinado ao público em geral; já o segundo núcleo é destinado a todo o setor administrativo e operacional da instituição, aos funcionários e colaboradores. O núcleo programático é ainda subdividido por outros três núcleos de acordo com suas esferas de atuação:

- **Cultural e Socioeducativo:** núcleo destinado ao convívio social e ao enriquecimento cultural e intelectual; contempla centrais de atendimento aos usuários, áreas de convivência, exposição, oficinas culturais e de tecnologia, biblioteca, brinquedoteca e auditório.

- **Recreativo e Físico-desportivo:** reúne atividades físicas destinadas à todas as faixas etárias e que visam o bem estar e a saúde, para tal atuação este núcleo contempla campos de jogos, quadras poliesportivas, ginásio, salas de dança, salas multiuso e um complexo aquático composto por uma piscina semiolímpica, uma piscina infantil e um tanque para hidroginástica.

1 Disponível em: https://gcl.sescsp.org.br/licitacao_internet/mostra_detalhe_concurso.cfm?concurso_id=8

- **Saúde e Alimentação:** núcleo destinado à uma melhor qualidade de vida através de uma alimentação saudável e nutritiva e a educação para a saúde, contempla salas de atendimento odontológico, restaurante e cafeteria e cozinha.

Na sequência, segue o programa arquitetônico desenvolvido para a unidade Sesc Porto de acordo com os núcleos de atuação acima descritos e o resultante quadro de áreas.

Programa arquitetônico Sesc Porto (dividido por Núcleos) / m²

Área de terreno	30000
1. Cultural e Socioeducativo	5695
1.1 Área de Convivência	290
1.2 Central de Atendimento	60
1.3 Salas para oficinas culturais - 2 unid. 60 m ² cada	120
1.4 Salas de tecnologia e Internet - 2 unid. 60 m ² cada	120
1.5 Galpão múltiplo/exposições	460
1.6 Salas de uso educativo flexível - 2 unid. 60 m ² cada	120
1.8 Sala Biblioteca / Midiateca - acervo e área de leitura	195
1.9 Brinquedoteca / Área infantil interna	185
1.10 Sala de Teatro/Música/Artes Cênicas/Cinema - 336 lugares	2390
1.10.1 Caixa cênica	400
1.10.2 Plateia - 336 lugares	450
1.10.3 Foyer	450
1.10.4 Sala de ensaio - 2 unid. 300 m ² cada	600
1.10.5 Camarins	175
1.10.6 Bengaleiro	55
1.10.7 Depósito	260
1.11 Sanitários	195
2. Recreativo e Físico-desportivo	9260
2.1 Atendimento	60
2.2 Convivência	310
2.3 Sala específica para ginástica multifuncional	370
2.4 Salas para atividades físicas - 4 unid. 110 m ² cada	440
2.5 Ginásio poliesportivo com duas quadras	1870
2.6 Pátio lúdico multiuso e quadra poliesportiva - externo	1870
2.7 Parque lúdico infantil - 2 unid. 120m ² cada	240
2.8 Conjunto aquático coberto	1870
3.8.1 Piscina semi-olímpica	375
3.8.2 Piscina infantil	175
3.8.3 Tanque para hidroginástica	105

2.9	Setor de técnicos esportivos	120
2.10	Cafeteria / Espaço de estar	300
2.11	Vestiários e sanitários	970
3.	Serviços e programas em saúde e nutrição	1230
3.1	Clínica Odontológica	450
3.2	Restaurante e Cafeteria	370
3.3	Cozinha Geral	260
3.4	Loja SESC	150
4.	Administração e Setor de apoio operacional	1315
4.1	Setor Gerencial	845
4.1.1	Sala fechada - gerente	120
4.1.2	Sala de reuniões - 2 unid. 50 e 60m² respectivamente	110
4.1.3	Salão de uso comum	335
4.1.4	Sala de programação	90
4.1.5	Sala de tesouraria	40
4.1.6	Sala para informática	40
4.1.7	Consultório	40
4.1.8	Copa	70
4.2	Setor de apoio: manutenção, serviços, paisagismo, estrutura predial	470
4.2.1	Sala para manutenção predial e paisagismo	100
4.2.2	Sala de apoio	50
4.2.3	Sala de CFTV + apoio	40
4.2.4	Almoxarifado geral	70
4.2.5	Depósito de bens patrimoniais	70
4.2.6	Espaço estar	90
4.2.7	Sanitários	50
5.	Áreas técnicas	255
6.	Estacionamento (subsolo) - 521 vagas	21400
Área Construída TOTAL (incluindo circulação)		39300
	Subsolo	22000
	Acima da cota natural do terreno	17300

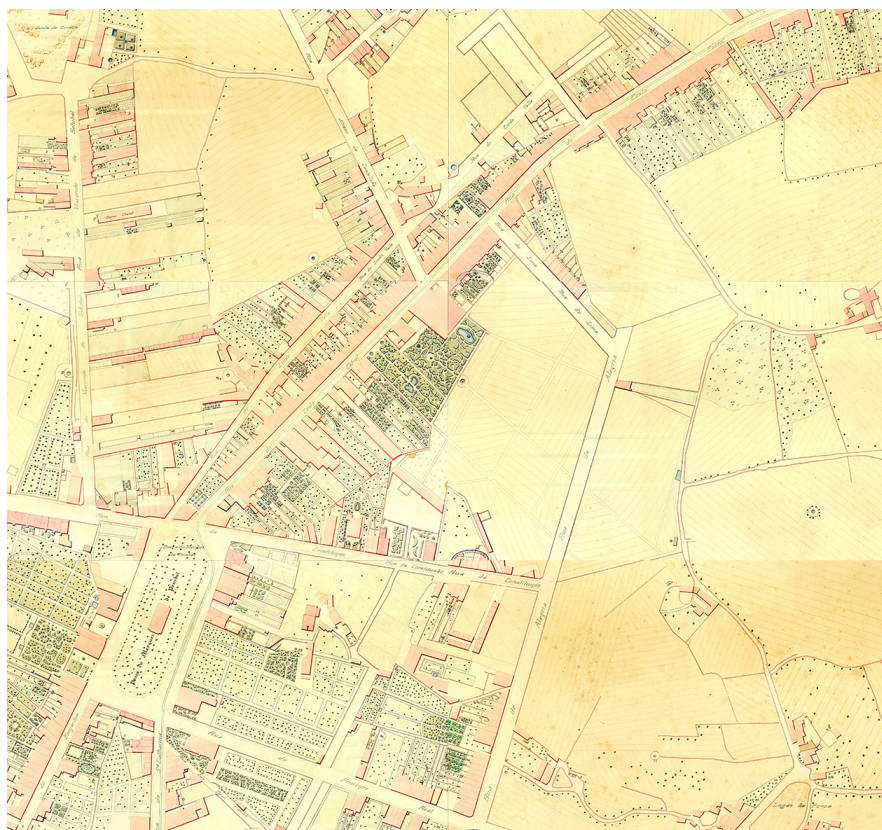
3.3 O Terreno do Antigo Estádio do Lima

O local escolhido para o desenvolvimento do exercício projetual relativamente a unidade Sesc Porto foi o terreno baldio localizado no cruzamento da rua da Alegria com a rua do Lima. Em suas proximidades estão outros pontos importantes da cidade tais como: a praça e metro do Marquês a sudoeste, a estação de metro Combatentes a norte e o Jardim Dr. Francisco Sá Carneiro a oeste, passando pela alameda pedonal de Eça de Queirós.



Imagem aérea com destaque para o terreno do antigo Estádio do Lima.
Fonte: Apple Maps © TOMTOM OpenStreetMap and other data providers

A partir da análise da Carta Topográfica da cidade do Porto de 1892, elaborada pelo militar Augusto Gerardo Teles Ferreira como a primeira planta do concelho a ser produzida com a maior precisão científica para fins sociais, foi possível constatar que o terreno em questão já ali existia, envolto pelas ruas da Alegria e do Lima. Seu parcelamento urbano e dimensões permaneceram as mesmas até os dias atuais. Nesta mesma cartografia ainda é possível notar a presença da Praça do Marquês e uma maior concentração de edificações ao longo da rua Costa Cabral.



Cartografia Teles Ferreira 1892.

Fonte: CM Porto

Em pesquisa acerca da história deste terreno, foi possível descobrir que neste local, na altura propriedade da Santa Casa da Misericórdia do Porto, existia o Estádio do Lima, este por sua vez de propriedade do Académico do Porto, fundado em 1911 por um grupo de estudantes do Liceu Alexandre Herculano. A construção do estádio foi iniciada logo após o arrendamento da Quinta do Lima, no ano de 1923 e teve sua inauguração no ano seguinte, “era um recinto multidisciplinar, com bancada central coberta, bancada de cimento no topo Norte, zonas de peão, pistas de atletismo, de ciclismo e campo de basquetebol, para além de um pavilhão.”¹ Foram realizadas partidas da seleção nacional contra a Itália, em 1931, e contra a Áustria, em 1936. Posteriormente, no ano de 1937, teve o arrelvamento do seu campo sendo, juntamente com o antigo campo das Salésias, em Lisboa, o primeiro campo relvado de Portugal. O estádio foi palco ainda de muito jogos do F.C. Porto da década

1 FRIAS, Rui – **“Abandonado” há 50 anos, velho Estádio do Lima tem nova vida projetada.** Porto: Diário de Notícias, 30 de setembro de 2018. Disponível em <<https://www.dn.pt/cidades/abandonado-ha-50-anos-velho-estadio-do-lima-tem-nova-vida-projetada-9923959.html>>

de 1940, principalmente contra os times do Benfica e Sporting. Foi da arquibancada do Lima que o locutor Pedro Moutinho fez o relato radiofónico do Porto vs. Sporting para o filme *O Leão da Estrela*, em 1947. Na sua imediação, atravessando a rua da Alegria, existiu também o Campo do Luso destinado às partidas de handebol e hóquei de campo, para além, periodicamente o “Circo Mariano” montava a sua tenda, no amplo espaço que lá havia. Ambos os campos, o Estádio do Lima e o do Luso, pertenciam ao ainda existente Académico Futebol Clube.²

No início dos anos de 1960 o campo do Luso cedeu lugar à construção do conjunto habitacional do Luso – Lima 5, projeto de autoria dos arquitetos José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos. Na sequência, nos anos de 1970, o Estádio do Lima foi demolido pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, se mantendo um terreno sem uso e descampado há 50 anos. Ainda hoje, apenas uma pequena parte da arquibancada em completo estado de deterioração do estádio e o grafitti pintado no muro “*Football history was here*” (A história do futebol esteve aqui) restam como memórias materiais no local.



Chegada de uma etapa da Volta a Portugal em 1965, na pista do Estádio do Lima.

Fonte: Diário de Notícias © Arquivo Global Imagens

2 Informações retiradas do texto “**63 – O Estádio do Lima e o Campo do Luso**”, publicado em 1 de março de 2011 no Blog A Vida em Fotos. Disponível em <<http://portojoefotos.blogspot.com/2011/03/63-o-estadio-do-lima-e-o-campo-do-luso.html>>



Imagem aérea do Estádio do Lima (1970).

Fonte: Blog A Vida em Fotos © J. Portojo

Em adição à futura história do terreno do antigo Estádio do Lima, o qual foi comprado a alguns anos pela empresa Habiserve, está em curso o planeamento de implantação de um empreendimento multiuso no local, o qual contempla um hotel, uma superfície comercial e habitação; em desenvolvimento pela promotora imobiliária Vidór. Apesar do projeto ainda estar em apreciação pelos serviços de urbanismo da Câmara Municipal do Porto, este dado não será obstáculo para o exercício desta dissertação.

Após a análise territorial feita nos arredores, considerando um raio de quinhentos metros, sendo esta uma distância percorrida por um peão no tempo médio de 6 minutos, foi possível constatar que a zona tem um uso misto com finalidade residencial, comercial, empresarial e educacional; para além da proximidade da praça do Marquês, da Quinta do Covelo e do Jardim Francisco Sá Carneiro. Uma característica bastante notável é a presença de duas estações de metro nas proximidades, Marquês e Combatentes, para além das linhas de autocarros, as quais atendem satisfatoriamente o local no âmbito do transporte público.

Na continuidade da análise, foi possível perceber a quantidade de instituições educacionais que estão presentes dentro desta área de abrangência, entre elas escolas secundárias, de ensino superior, colégios e externatos. No entanto, chamou a atenção também a ausência de equipamentos culturais, de saúde ou de atendimento à população, não apenas dentro da área de análise, mas como nas proximidades subsequentes.

Em suma, face à esta escassez de equipamentos socioculturais nesta zona da cidade do Porto, a qual ocasiona uma carência humana à espaços qualificados dedicados ao lazer, à educação, ao desenvolvimento físico e moral do indivíduo; acrescidos à boa articulação tanto viária quanto de transporte públicos com as demais zonas da cidade e ao histórico do terreno relacionado às práticas esportivas, a implantação do Sesc se mostrou pertinente nesta área como uma instituição destinada a melhoria do bem-estar de quem nela vive, habita e se desloca.



Imagem aérea do terreno do Antigo Estádio do Lima (2020).
Fonte: © Google Maps

3.4 Projeto Sesc Porto

A partir da elaboração do programa arquitetônico para o Sesc Porto e da escolha do local de sua implantação, o desenvolvimento do projeto teve início com a diretriz de que a unidade deveria ser aberta à cidade e ao público em geral. Do ponto de vista de integração com a comunidade, o local escolhido é de fácil acessibilidade por seus futuros usuários, sejam eles: pedestres, ciclistas, ou por aqueles que se deslocam através de transporte público ou privado. Uma outra potencialidade encontrada no terreno é a sua abertura de frente para três diferentes vias públicas, sendo elas: Rua da Constituição, Rua da Alegria e Rua do Lima; este fator permitiu o desenvolvimento de um projeto com maior permeabilidade e conectividade com o tecido urbano. O não fechamento por barreiras físicas dos limites do lote ocupado pela unidade, a exemplo: muros, grades, ou mesmo através de soluções paisagísticas; foi uma decisão com o intuito de não criar impedimento visual e ao livre fluxo interno/externo dos transeuntes. Desta forma, a unidade Sesc Porto se integra à cidade demonstrando sua abertura à um diálogo urbano e com a comunidade.

Ainda em relação ao terreno escolhido, foram considerados nele alguns edifícios pré-existent, dois deles em estado de ruína, que não representaram nenhuma potencialidade para este exercício projetual. Portanto, a opção pela demolição deles foi compreendida como uma forma de trazer mais contributos ao projeto em questão. Desta forma, a grandeza da área do terreno atingida conta com um valor aproximado aos 30.000m². A abertura de uma nova e pequena rua, quase que de caráter interno ao Sesc, foi estabelecida de forma a conectar as Ruas da Constituição e do Lima.

O desenvolvimento do projeto teve continuidade com a adição de uma outra diretriz primordial para a sua concretização. Optou-se pela construção dos novos edifícios na periferia do lote de modo a liberar um vazio central em respeito à memória do terreno, e à história que ali já teve lugar. O grande espaço concebido por tal diretriz, rodeado pelos edifícios da instituição, foi caracterizado com um grande relvado de modo a manter suas características geográficas e de área verde, proporcionando assim um local de possibilidades inúmeras.

O conjunto Sesc foi objetivado para que ele se mostre como um equipamento público de conhecimento da população, representando através de sua arquitetura um espaço de cidadania e de fortalecimento das relações entre pessoas. O princípio ético, na qual estão baseadas as diretrizes da instituição, se fez presente no desenvolvimento do

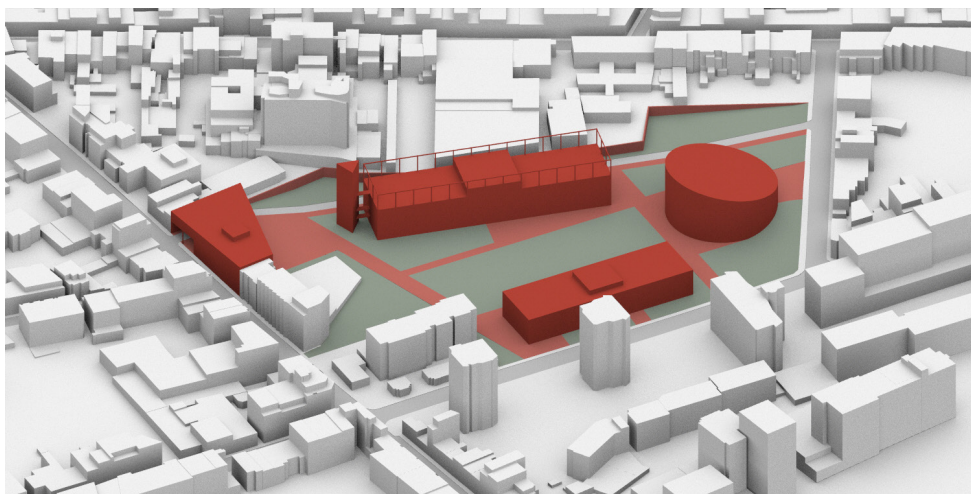
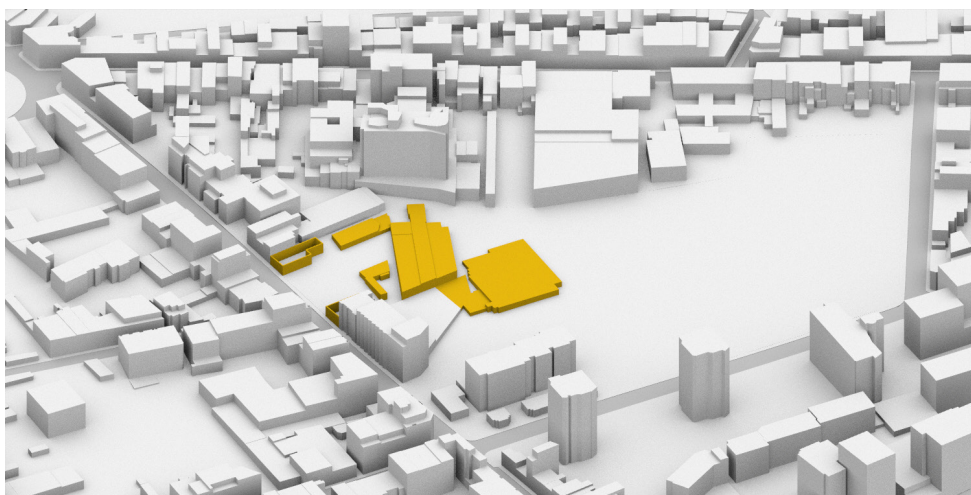
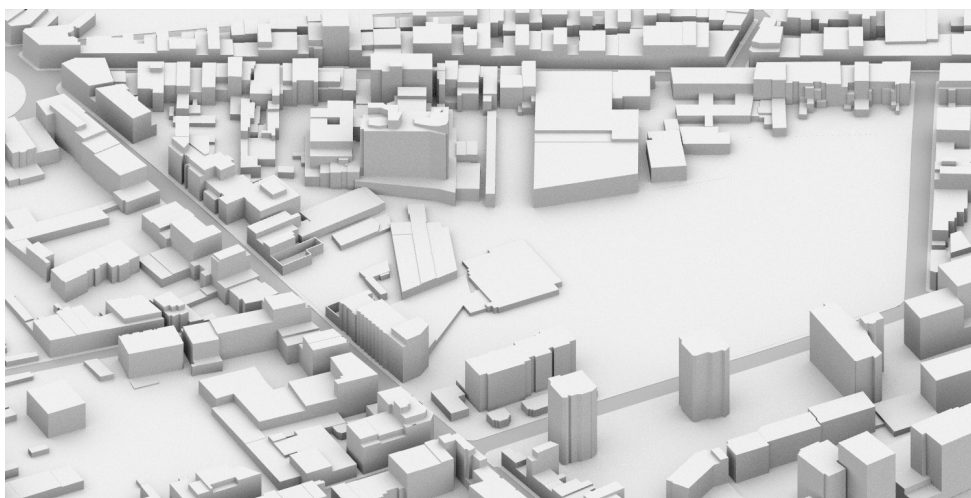


Diagrama de intervenção: situação existente, demolição e construção.

projeto arquitetônico de modo a ser coeso à intervenção social proposta; enfatizando a importância da cultura, da educação, da saúde para um lazer qualificado.

Portanto, ao considerarmos que o equipamento concebido é um lugar para o desenvolvimento pessoal, para os encontros e convivência; alguns princípios (requeridos pelo edital de concurso do Sesc) foram levados em consideração:

Visibilidade: a opção pelo uso de grandes panos envidraçados acaba por proporcionar ao usuário maior transparência das atividades realizadas pela instituição e a facilidade do reconhecimento destas ações no edifício; sendo um convite à sua participação.

Transitividade e Acessibilidade: possibilita a fácil circulação – por usuários e funcionários – de um modo natural e fluído. A acessibilidade foi pensada de modo a garantir o acesso a todos os espaços, principalmente por pessoas com dificuldades locomotoras.

Receptividade e hospitalidade: Todo o conjunto foi pensado de modo a acolher todos os usuários de acordo com suas preferências e necessidades.

Reversibilidade funcional: a racionalidade e a funcionalidade permitiram atingir espaços destinados aos usos múltiplos e em alguns casos à flexibilidade na diminuição ou ampliação de suas áreas de acordo com a capacidade de público.

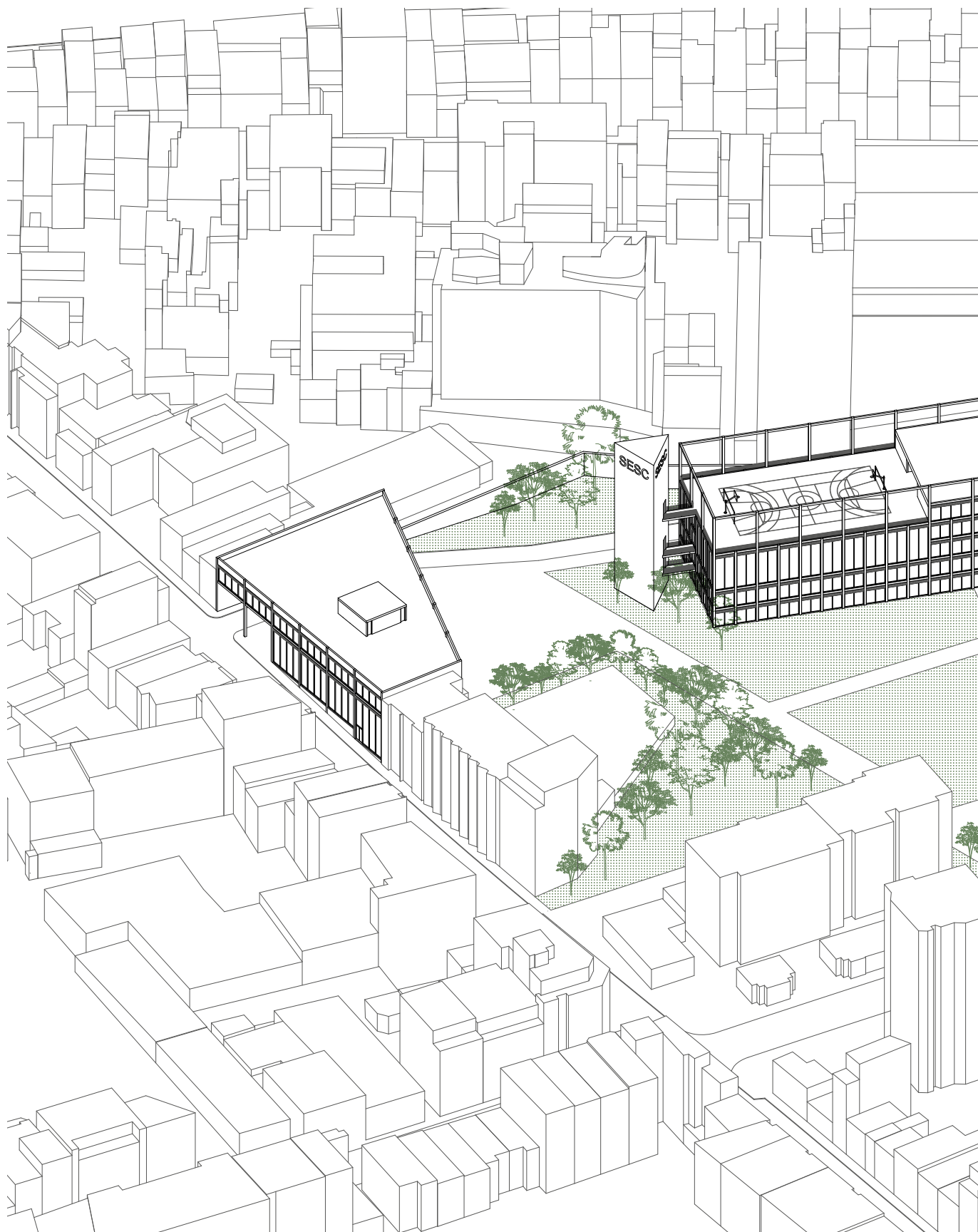
Compatibilidade da estética com a ética institucional: a escolha pelos elementos construtivos procurou atender as funções do equipamento em questão de modo a não permitir que a materialidade sobressaísse às atividades programadas pelo Sesc. A opção pelos materiais predominantes no projeto: betão aparente, alumínio e vidro; pretenderam uma estética simples e clara, permitindo assim a arquitetura transparecer os valores da entidade.

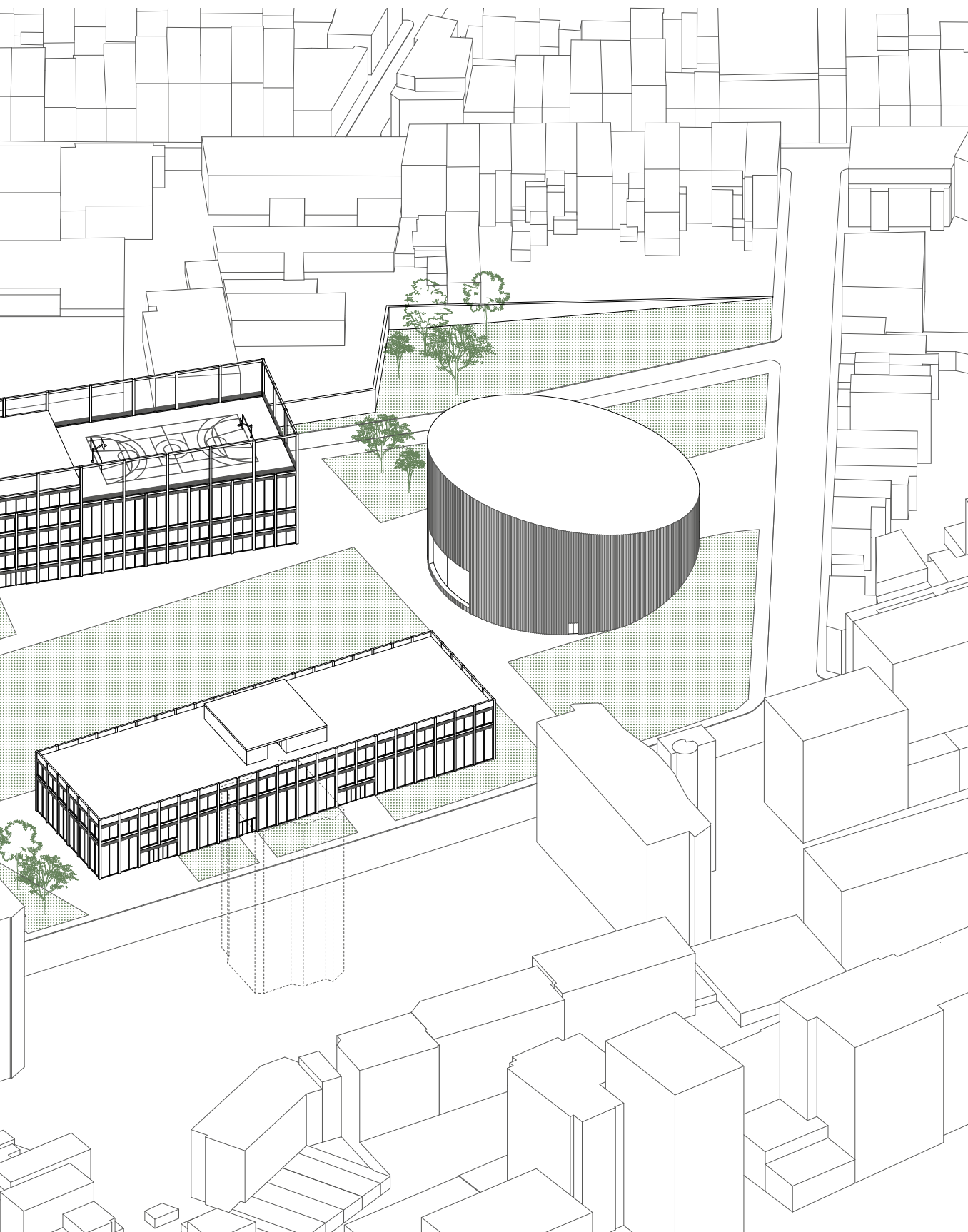
A categorização dos diferentes núcleos programáticos e administrativo da instituição foram importantes no auxílio do desenvolvimento do projeto. No entanto, não foram determinantes no sentido da definição e segregação das funções dos espaços de acordo com os edifícios projetados. Foram idealizados quatro edifícios, independentes entre si e articulados por seu subsolo comum a eles, este último destinado ao parque de estacionamento de veículos (acesso pela Rua da Constituição e do Lima) e às áreas técnicas. O partido arquitetónico adotado procurou estabelecer soluções harmoniosas e de estética

semelhante entre o conjunto enquanto a racionalidade construtiva e a funcionalidade davam direção ao projeto.

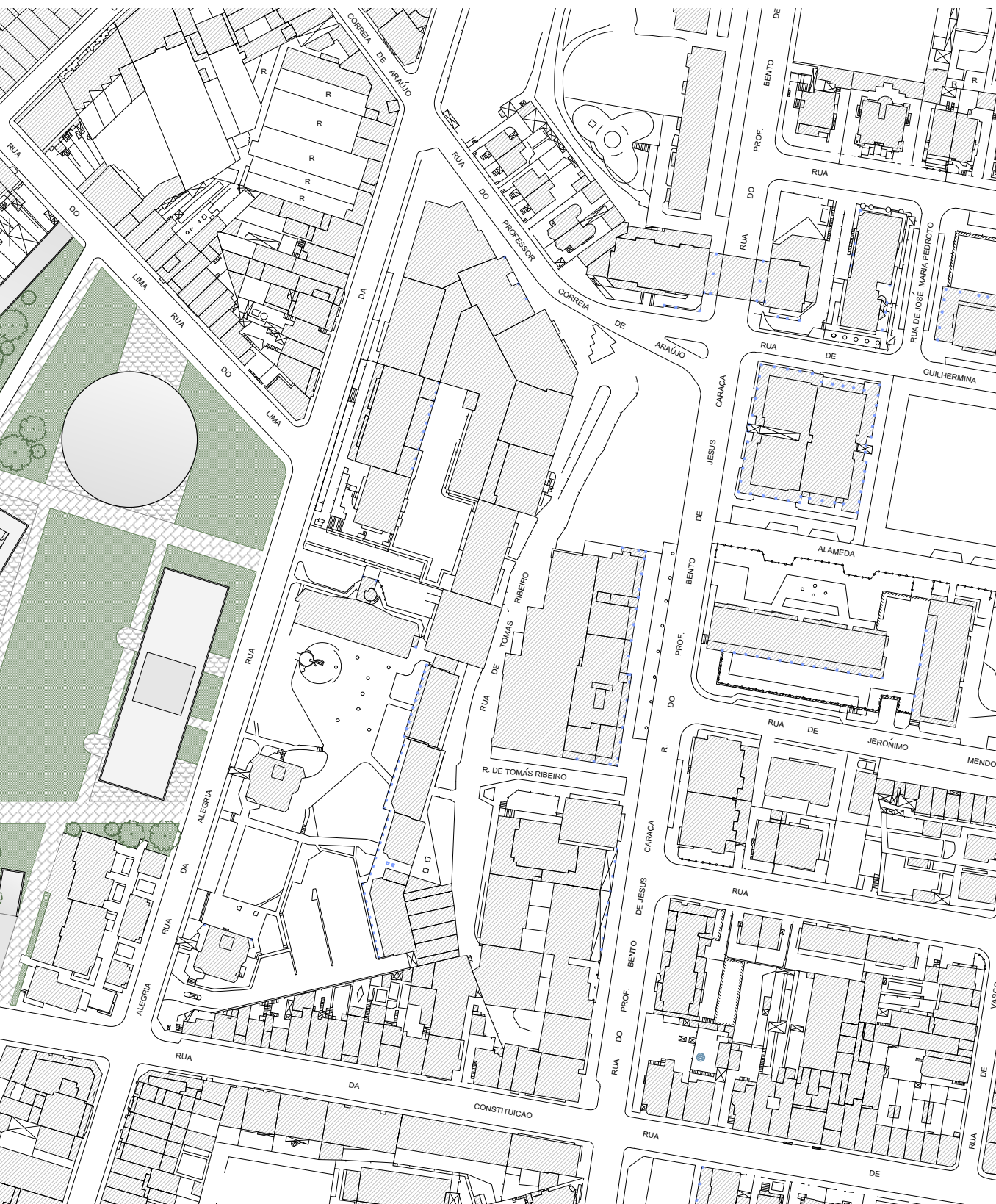
Os quatro edifícios do conjunto são definidos em: Complexo de Atividades Físico-desportivas, projetado com base em um grid estrutural de 8m x 8m é o maior entre os demais do conjunto; Complexo Sociocultural, semelhante ao complexo esportivo porém em menores dimensões de comprimento e altura; Auditório, apesar da semelhança estética nos acabamentos escolhidos, este equipamento é singular no conjunto tanto por sua função quanto por sua forma cilíndrica, a cobertura inclinada faz uma relação visual entre as altura dos complexos esportivo e sociocultural além de proporcionar espaço suficiente para o urdimento da caixa cênica, seu palco atente tanto à plateia interior quanto exterior; Complexo Administrativo e Apoio Operacional, de estética semelhante aos dois primeiros complexos, este edifício integra uma frente urbana contínua à Rua da Constituição e possui um vão livre em seu rés-do-chão por onde passam os veículos e os pedestres.

Na sequência serão apresentados diversos produtos gráficos para a melhor compreensão do projeto Sesc Porto.

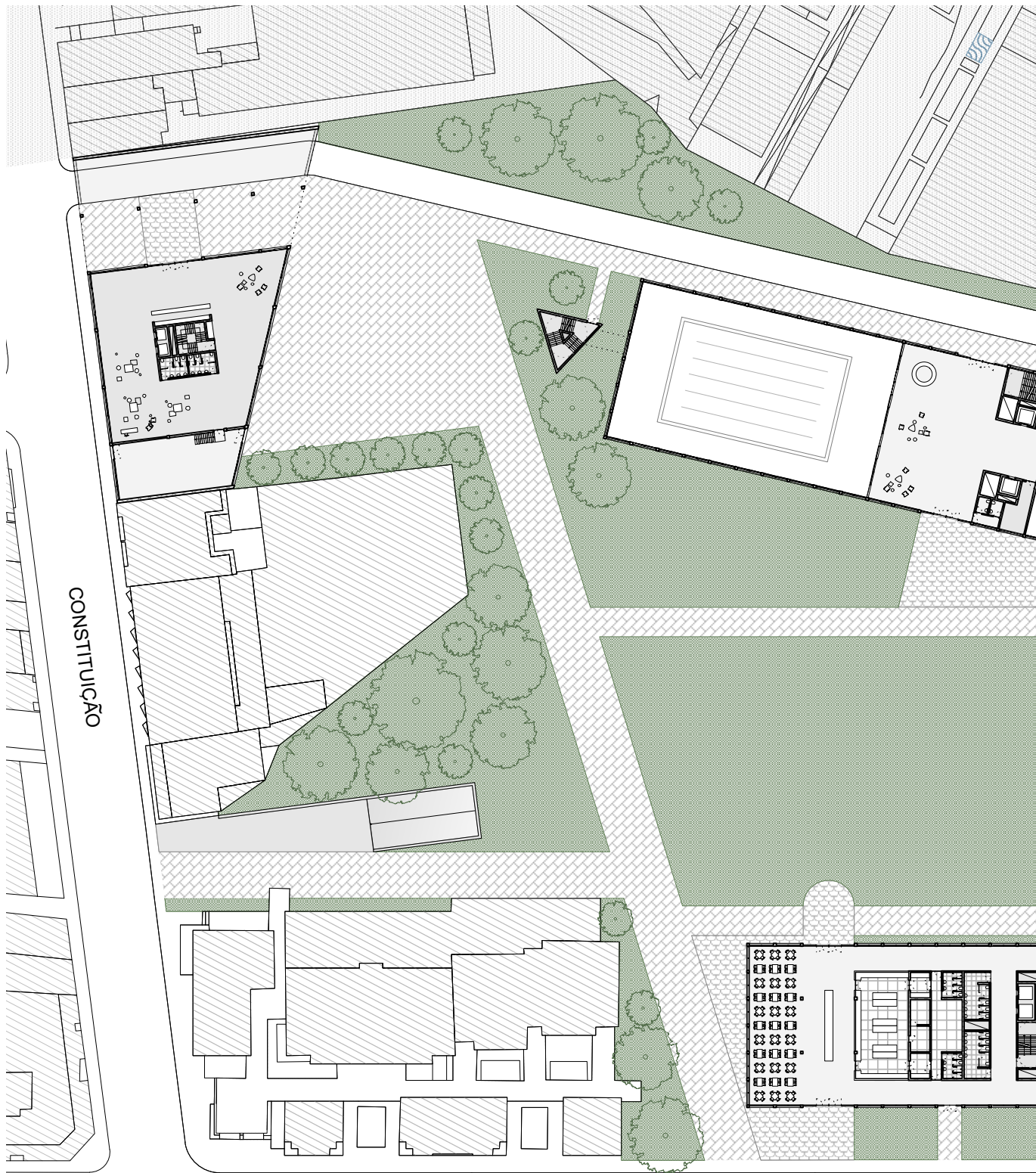








Planta de Situação.



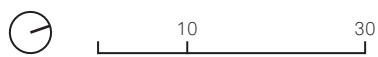
CONSTITUIÇÃO

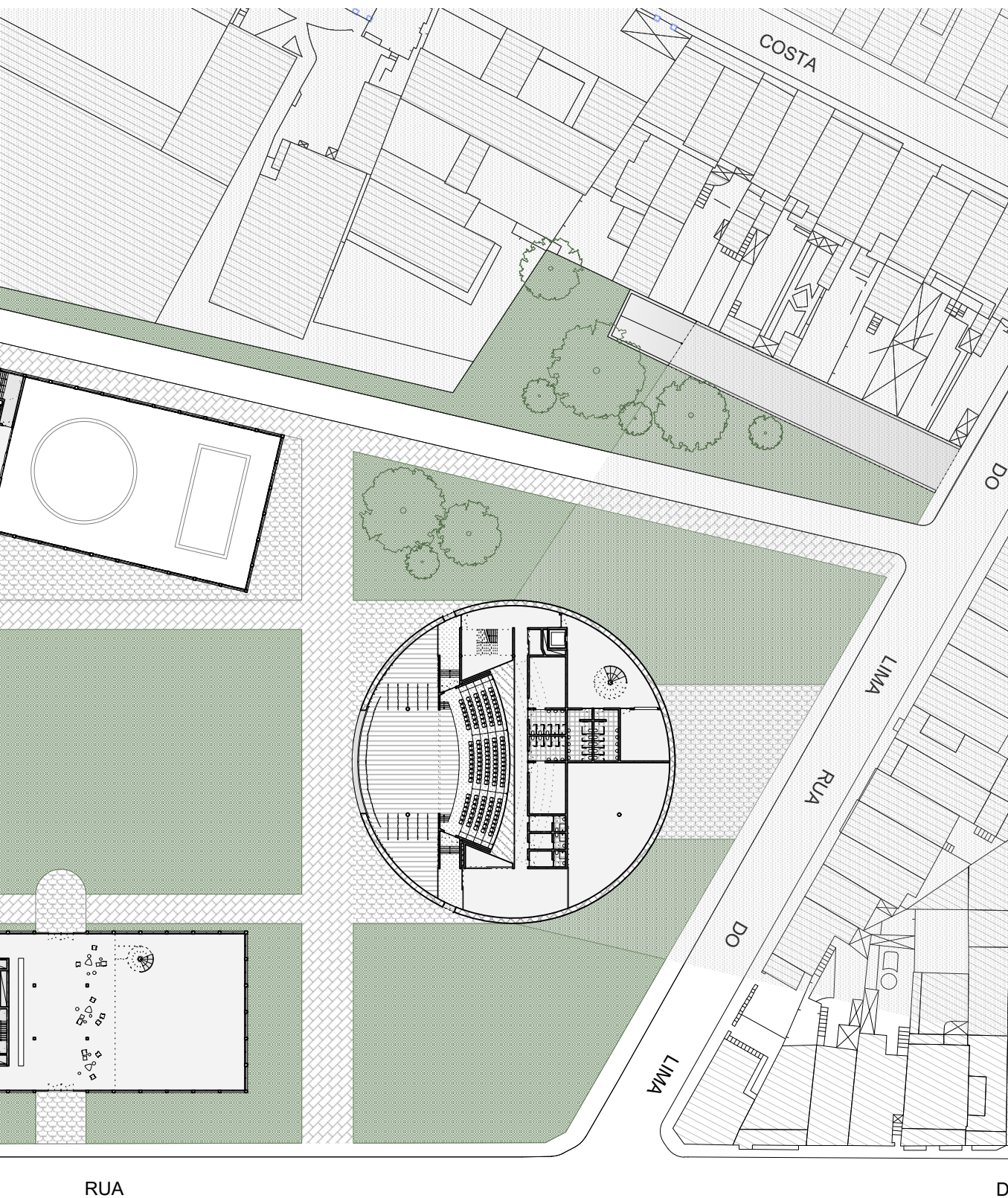
ALEGRIA

RUA

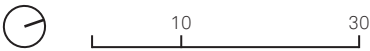
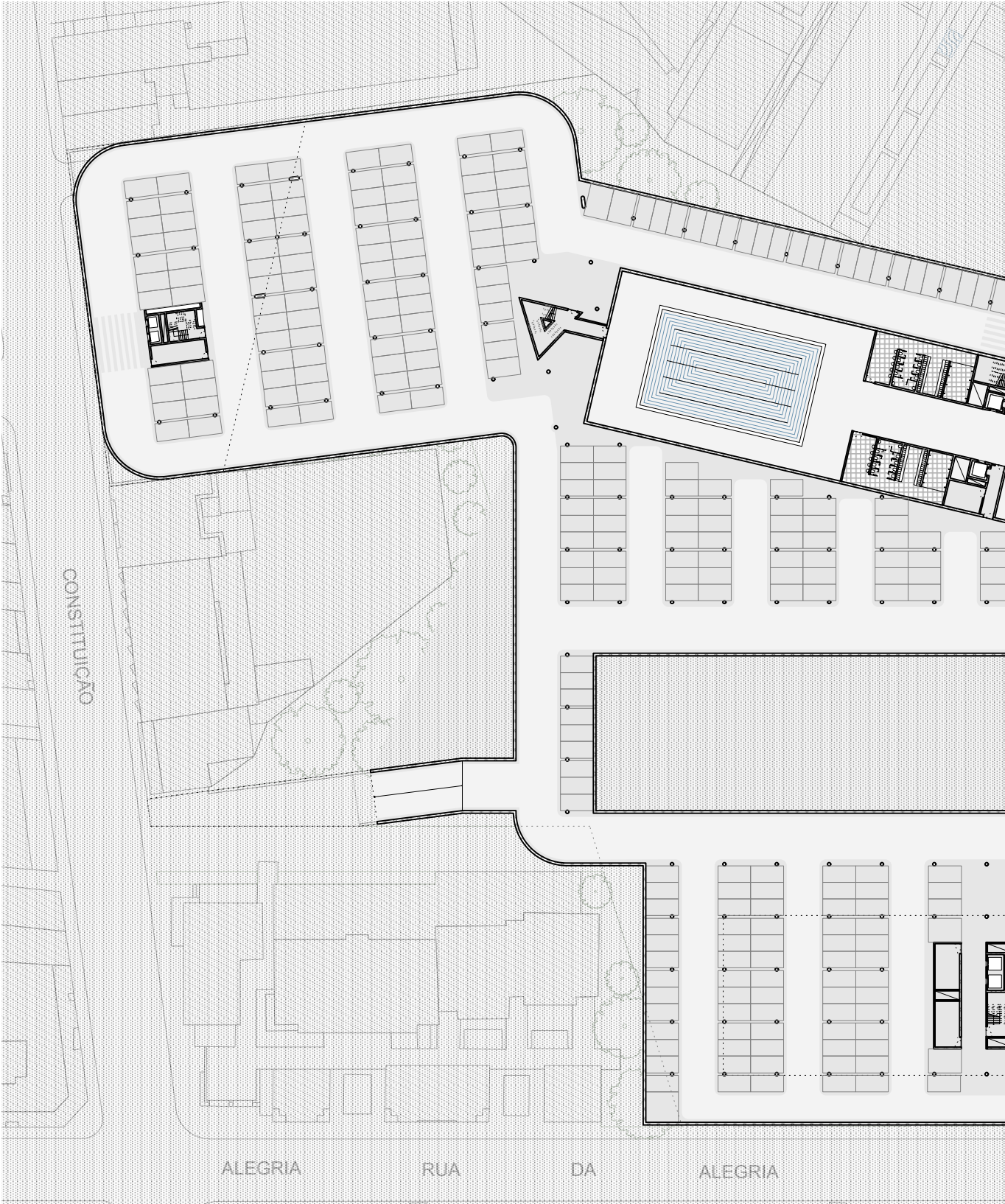
DA

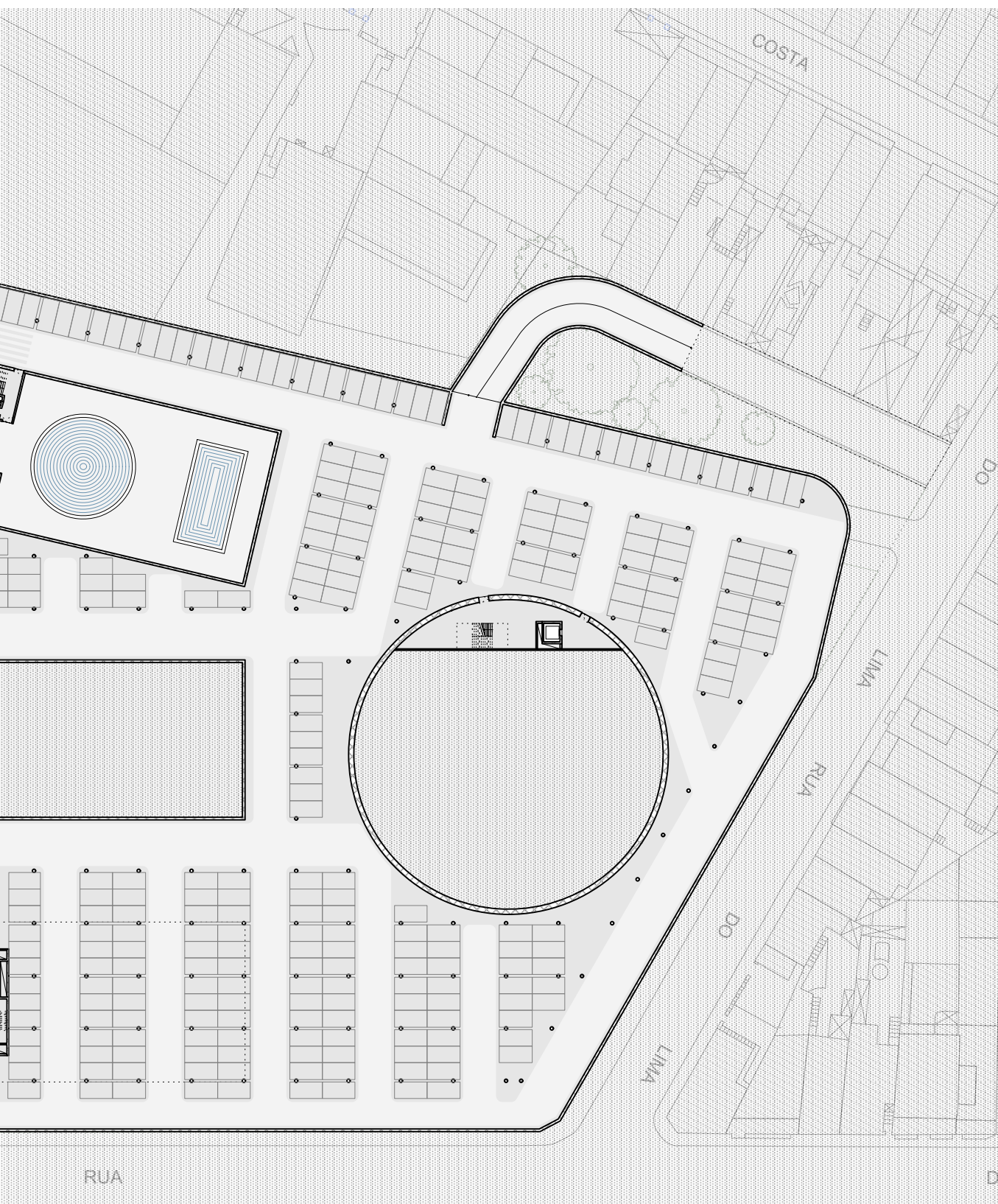
ALEGRIA



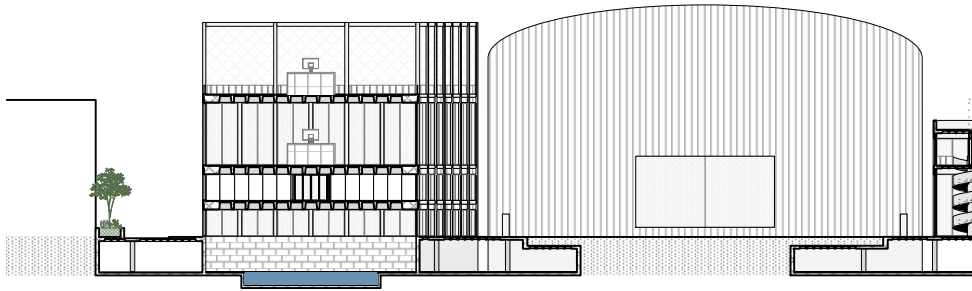


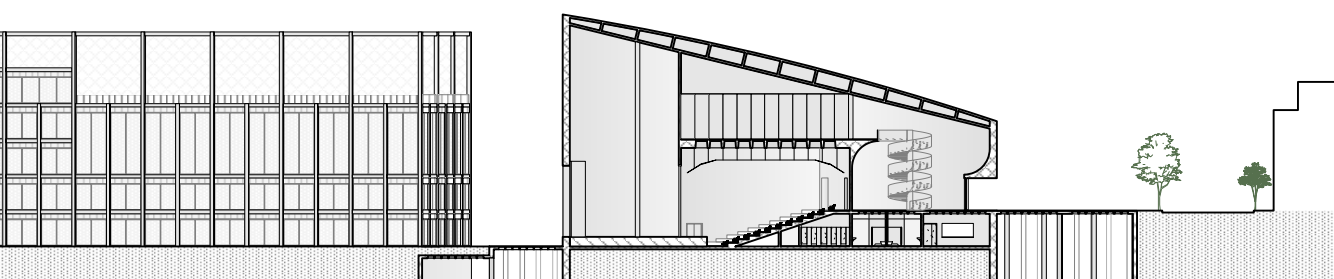
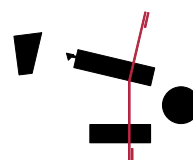
Implantação.





Planta de Subsolo.



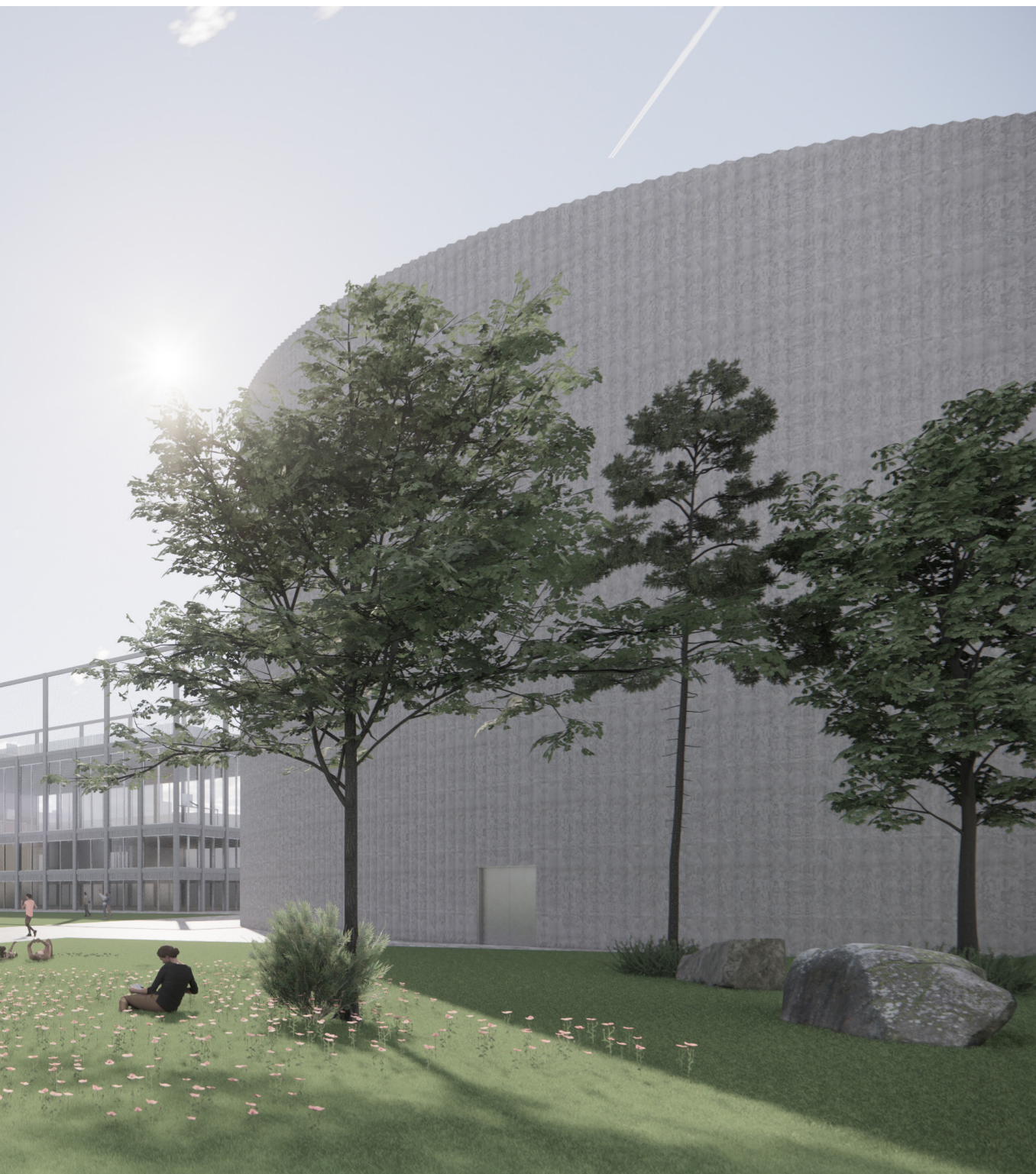


Cortes gerais.



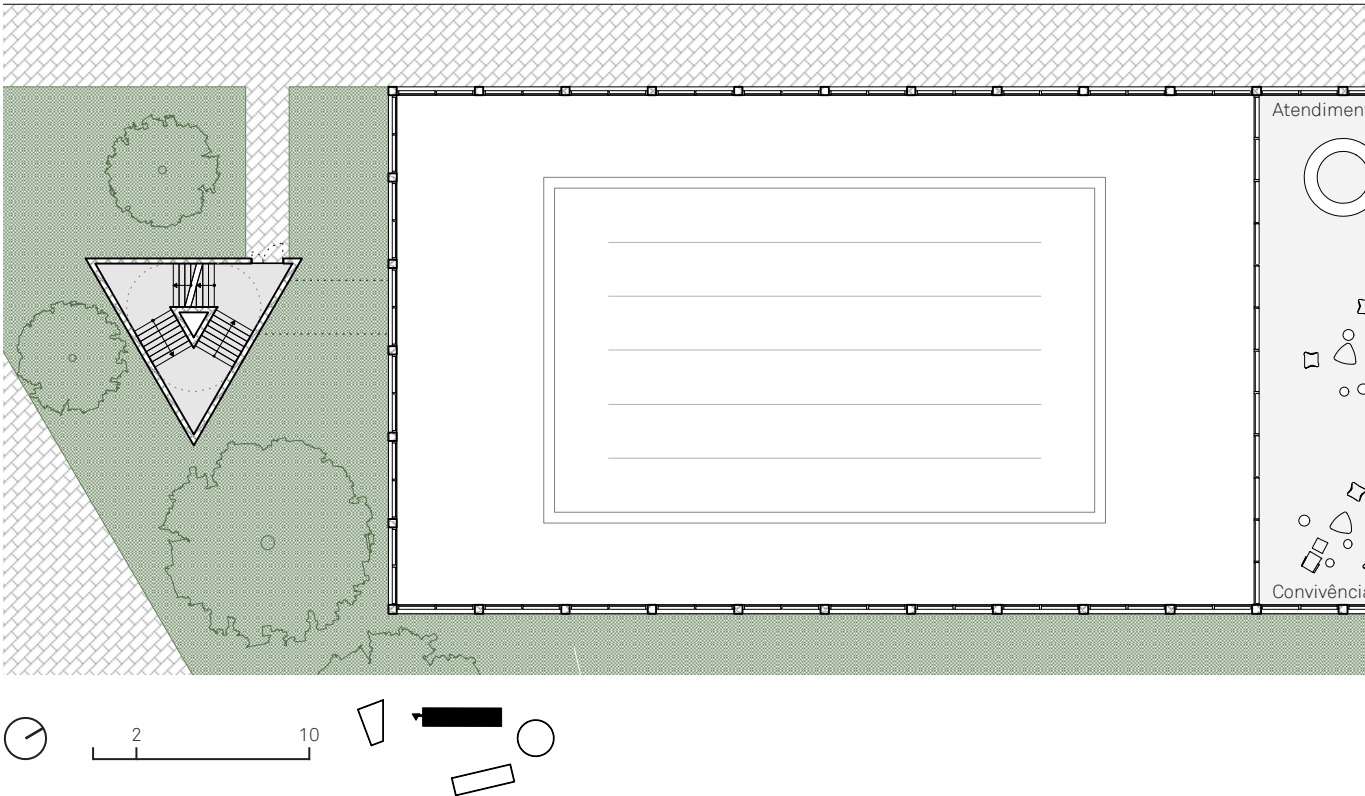
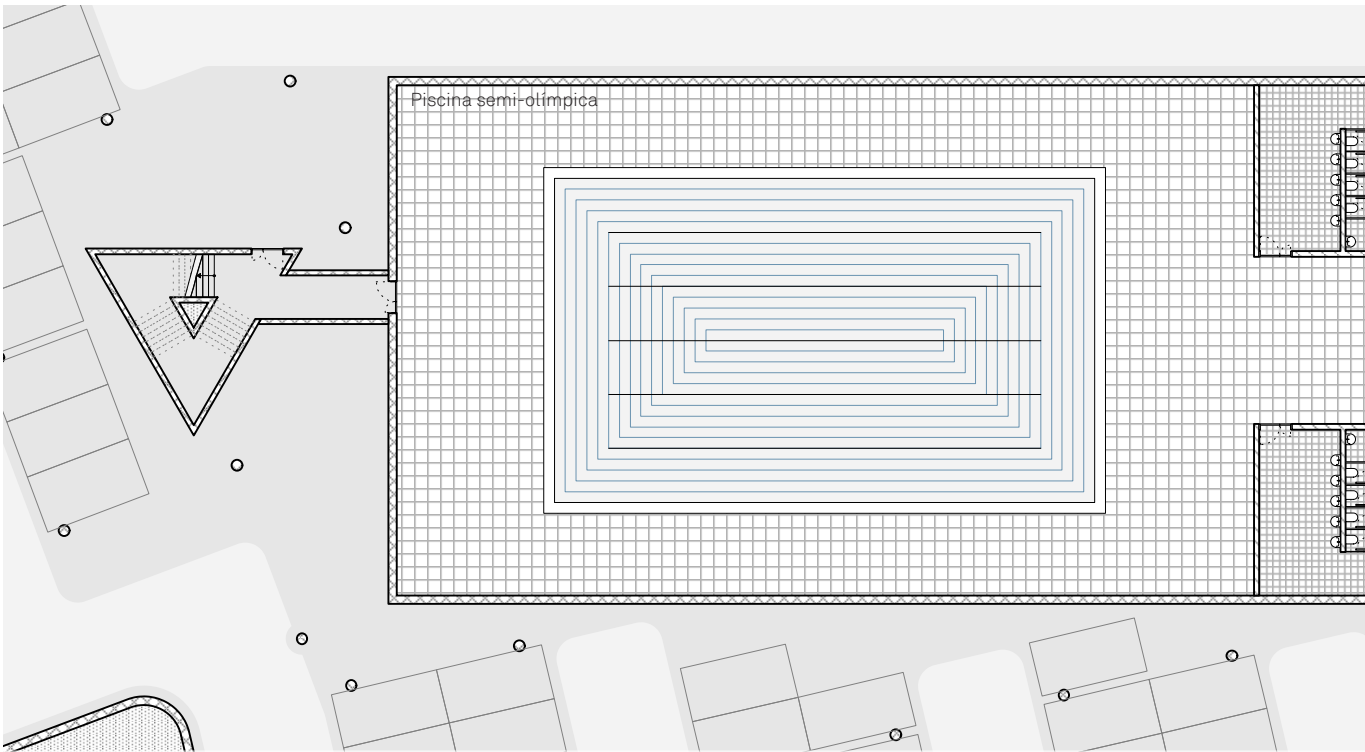


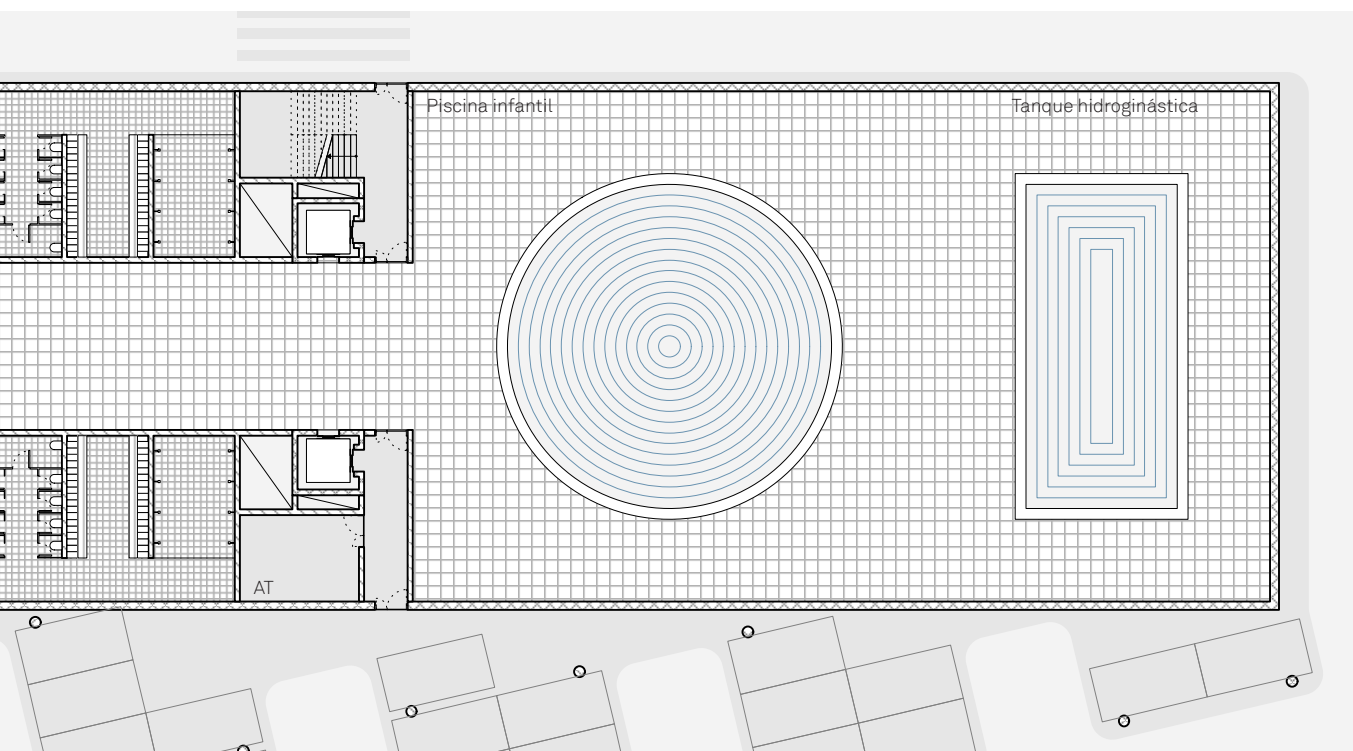




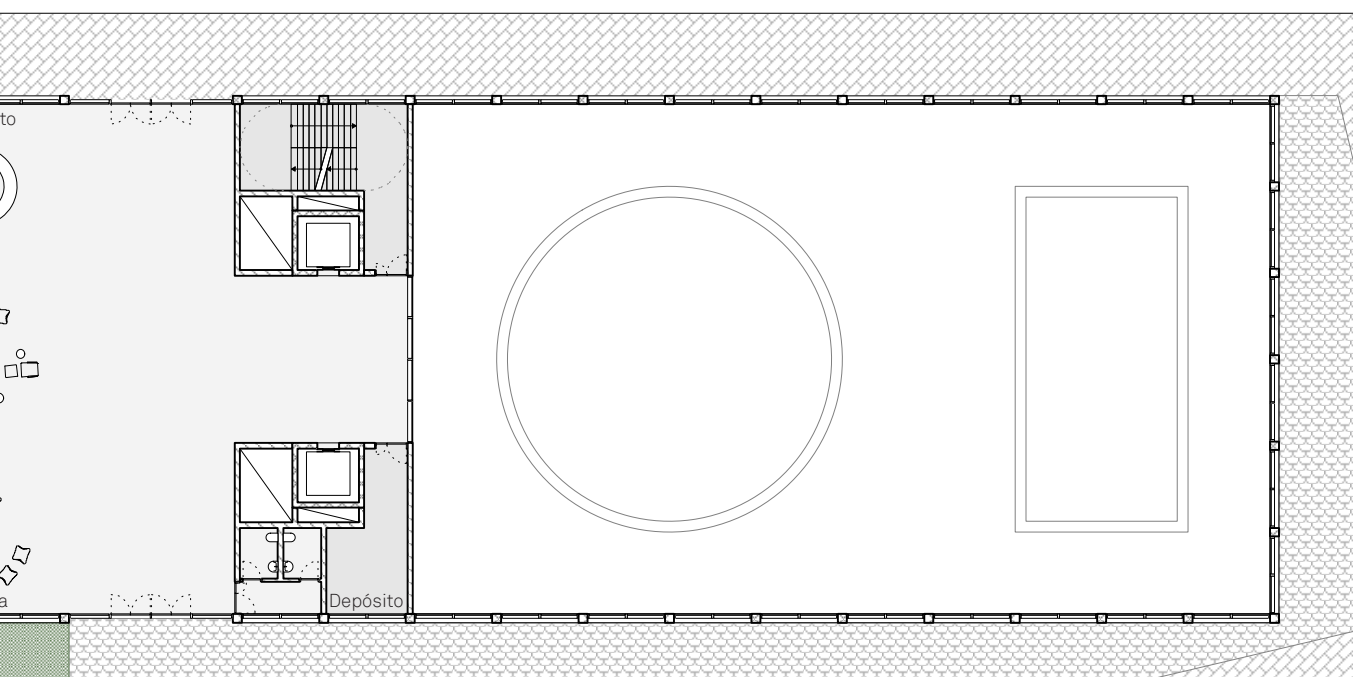




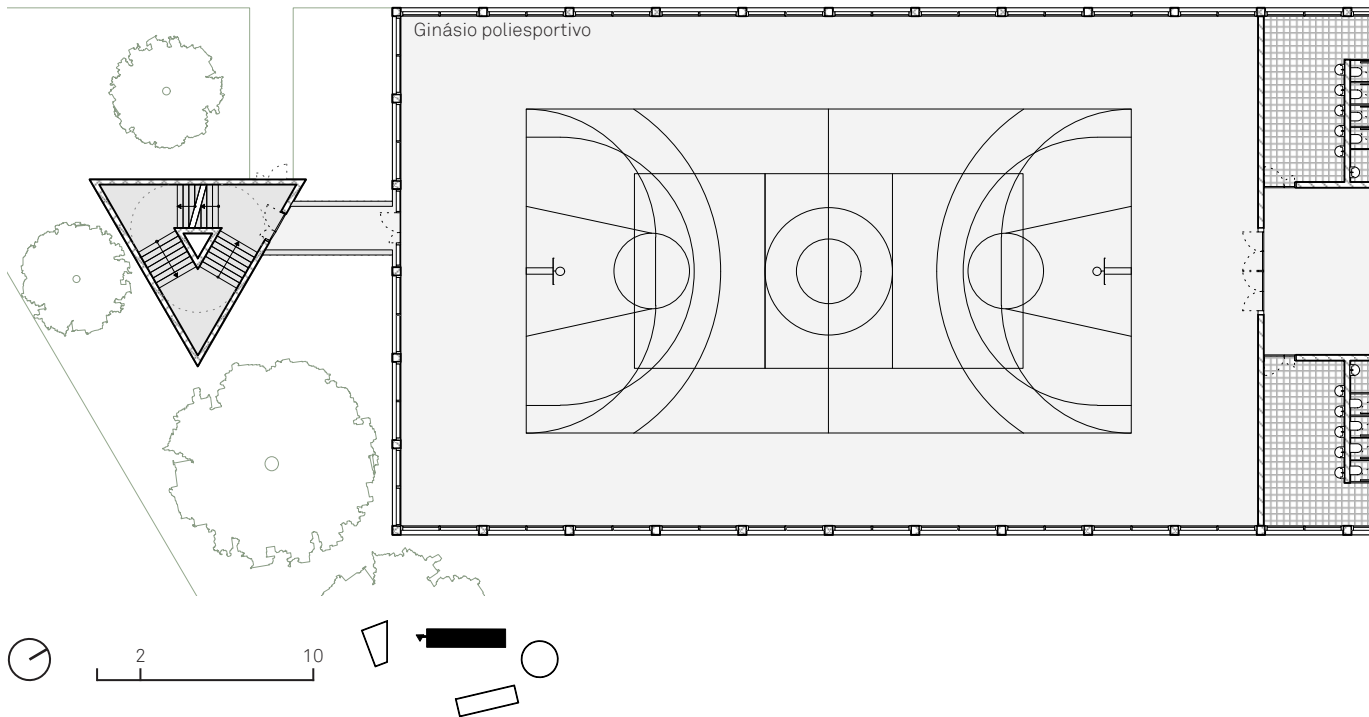
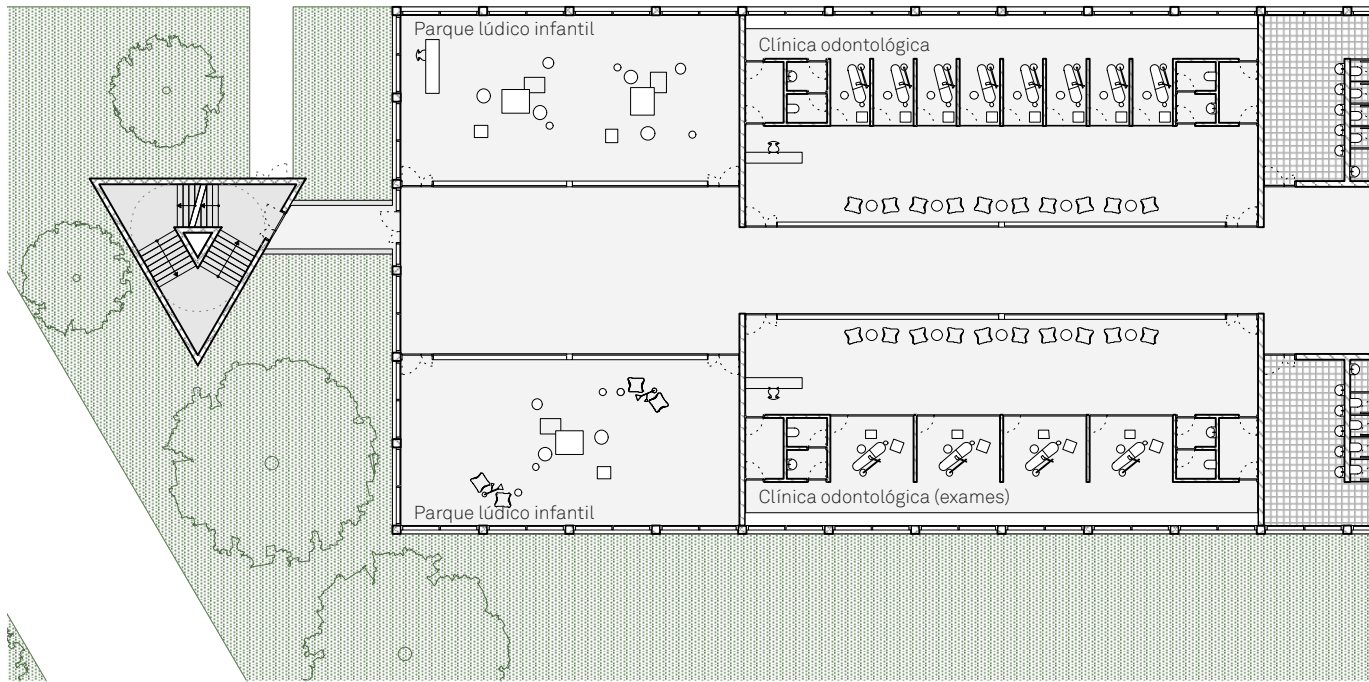


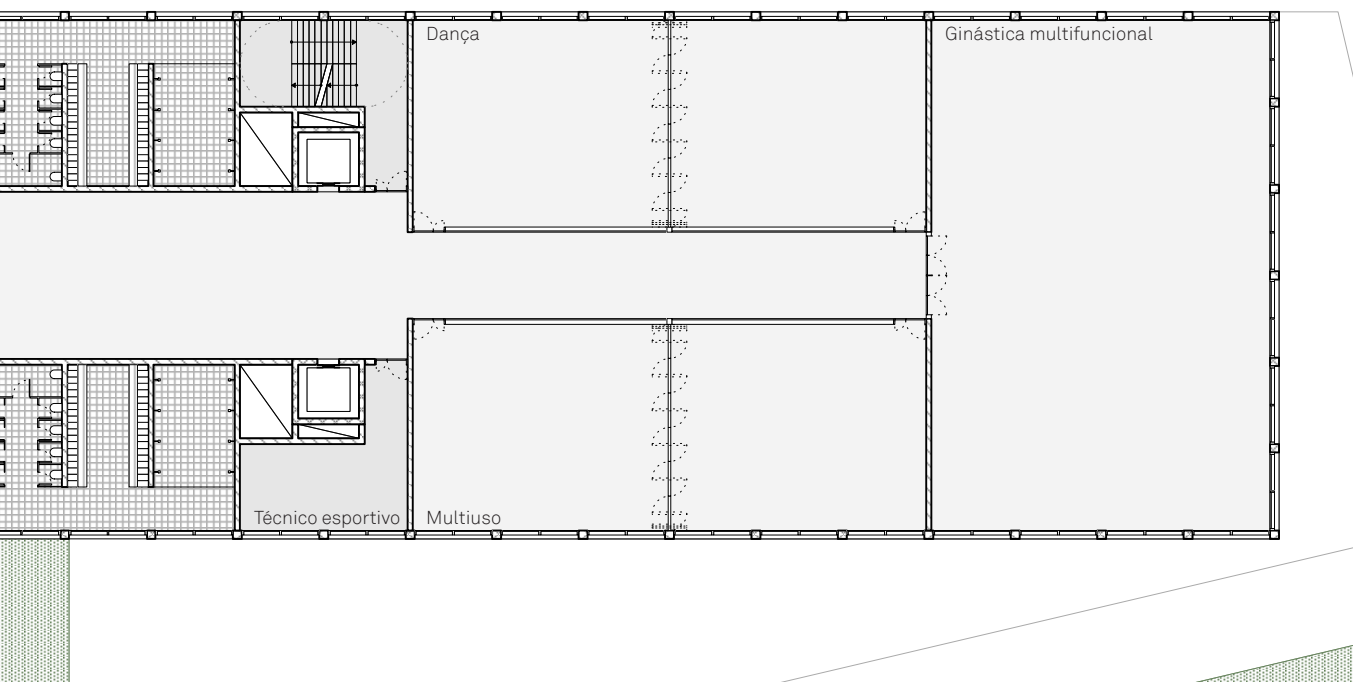


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta de Subsolo (-4.00m).

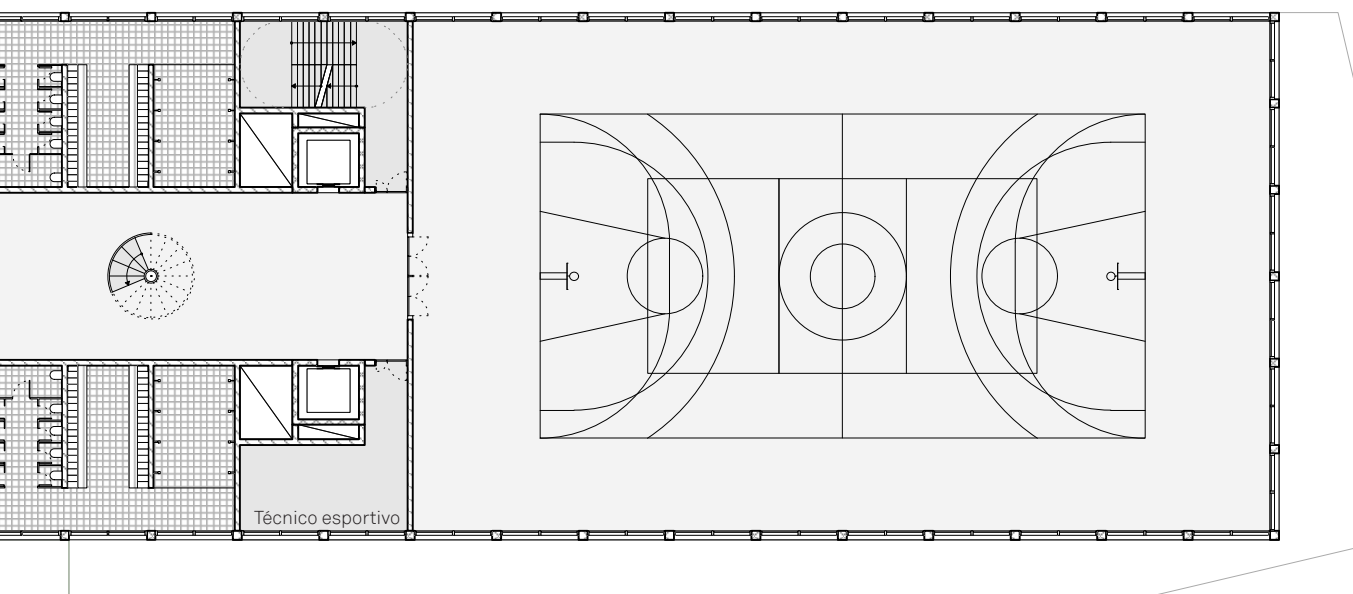


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta Rés-do-chão (0.00m).

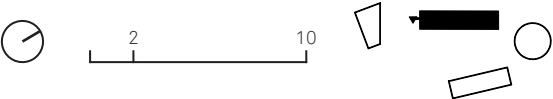
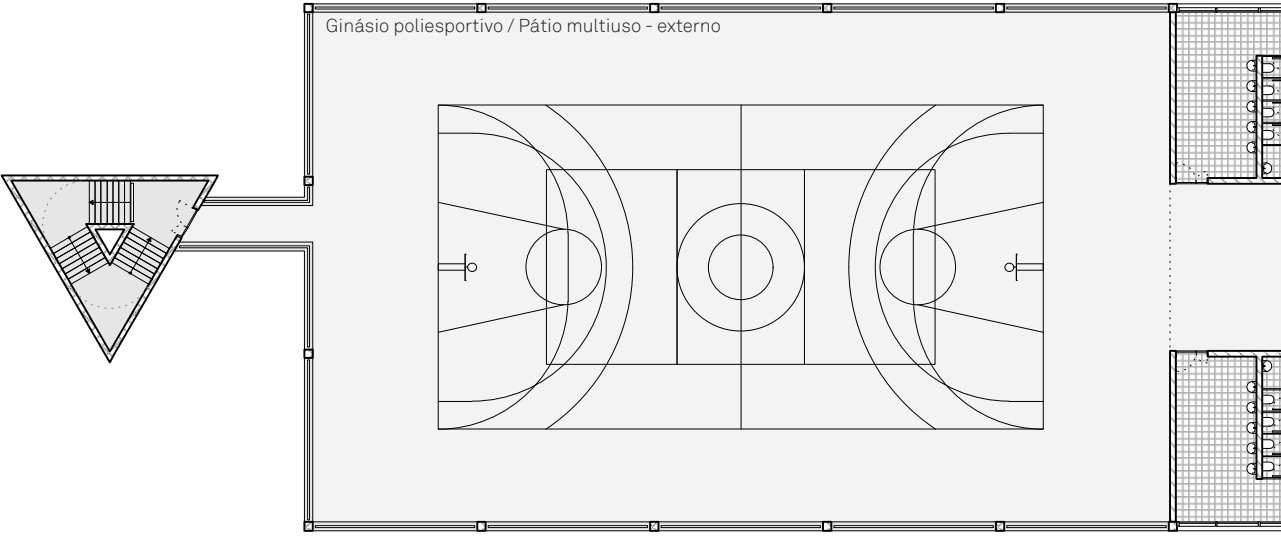
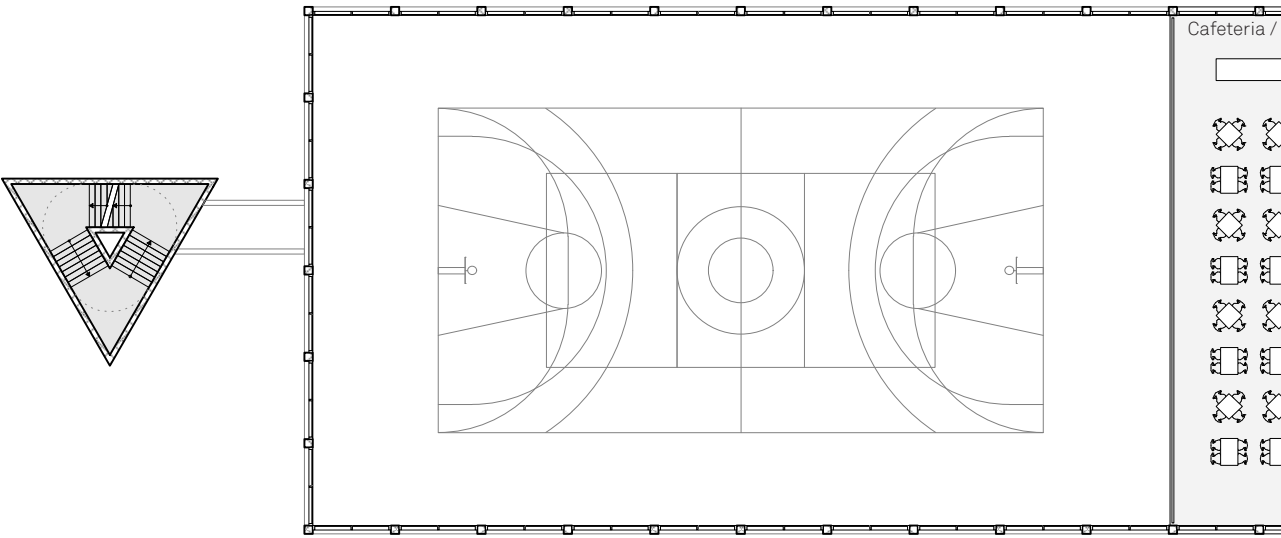


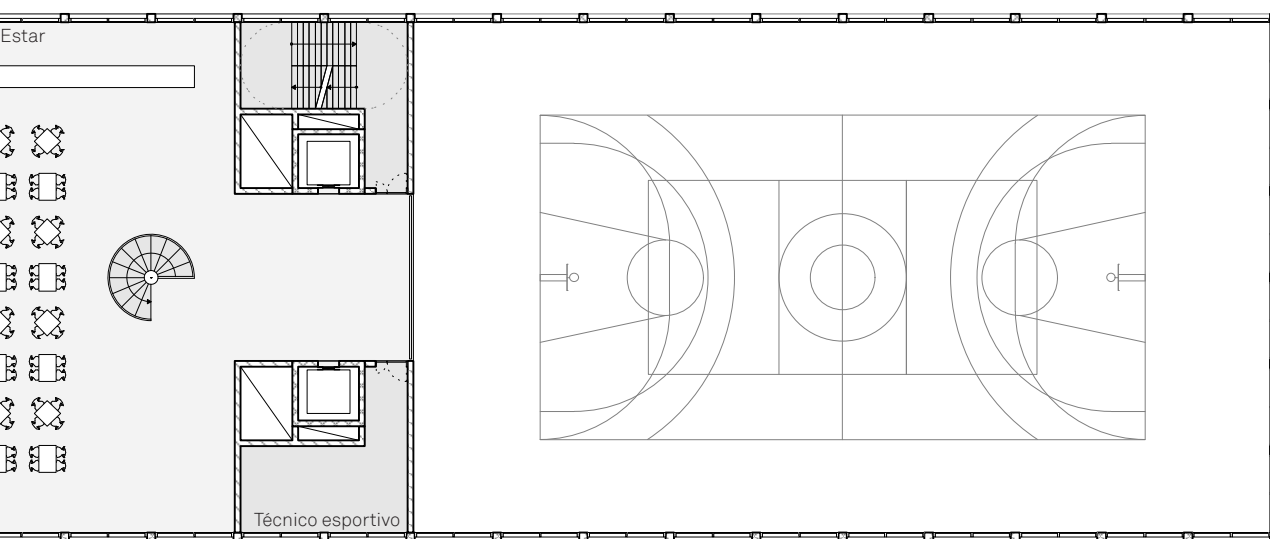


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta 1º andar (4.00m).

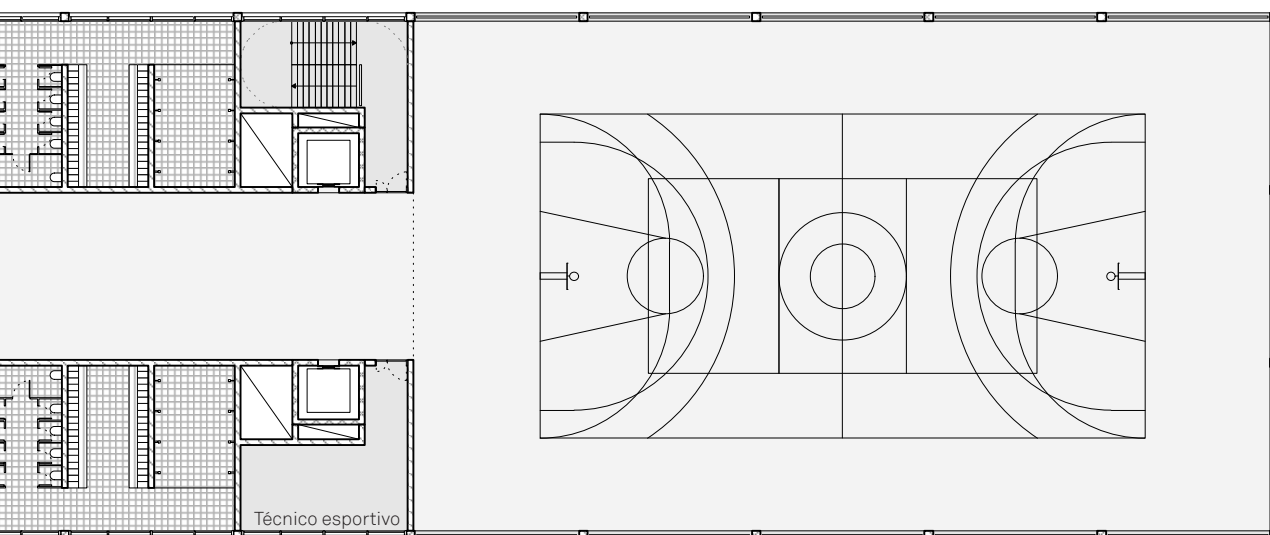


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta 2º andar (8.00m).

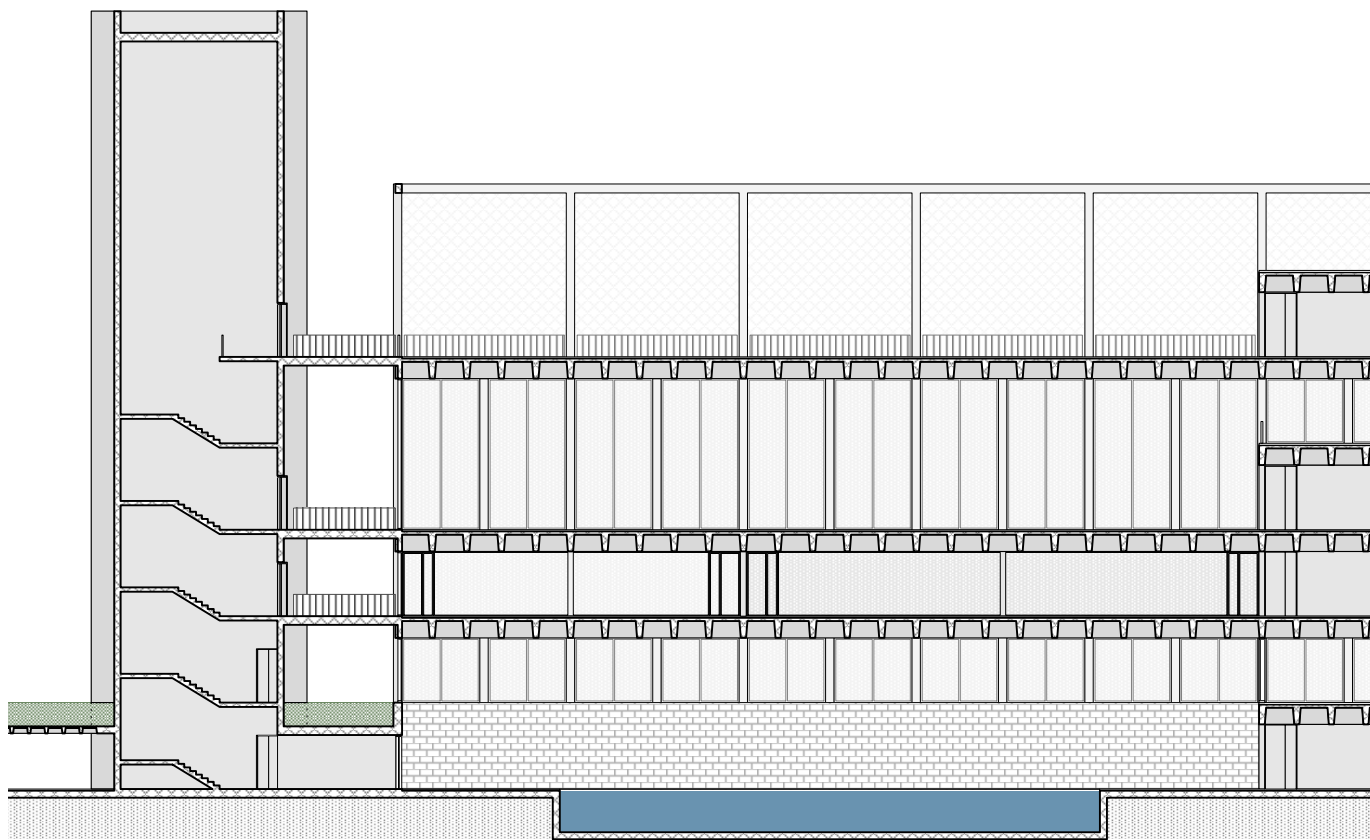


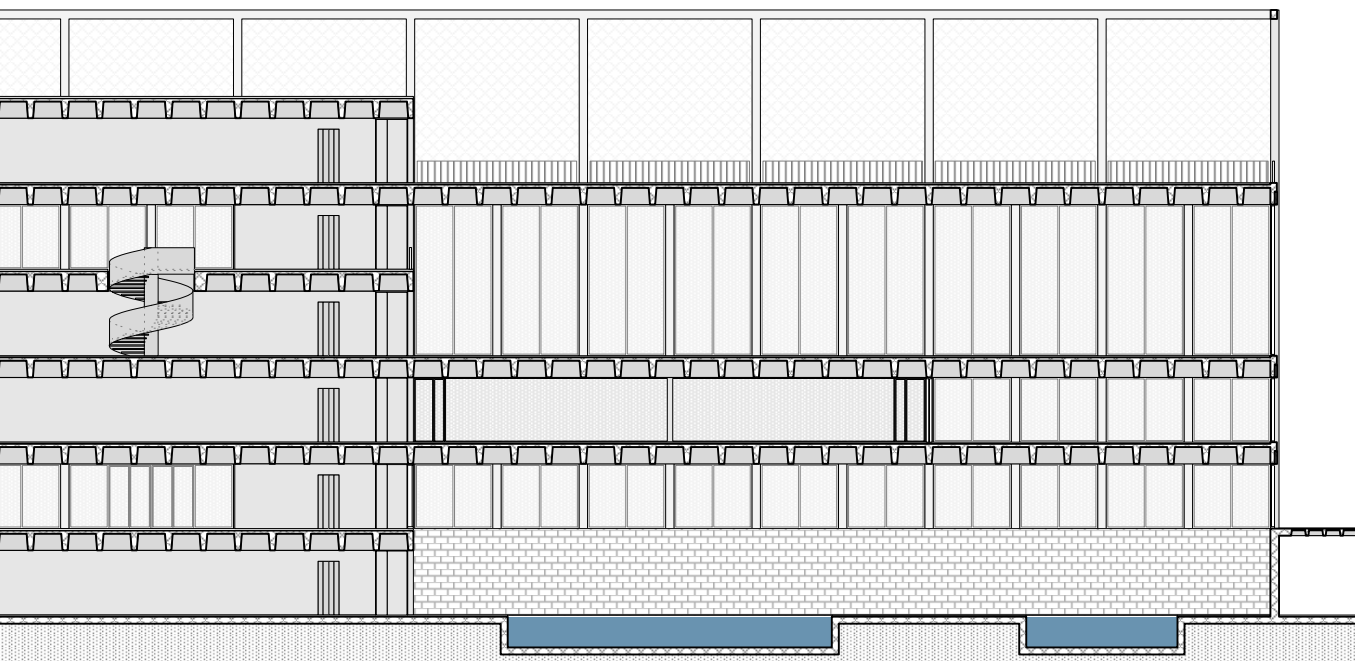


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta 3º andar (12.00m).

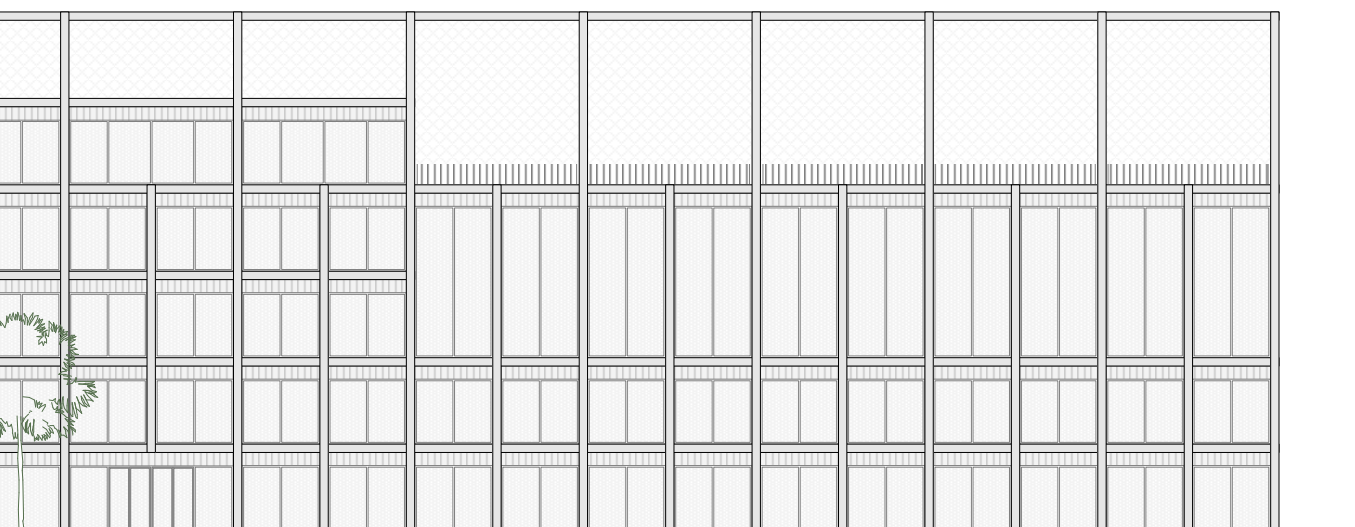


Complexo de atividades físico-desportivas | Planta 4º andar - Cobertura (16.00m).





Complexo de atividades físico-desportivas | Corte Longitudinal.



Complexo de atividades físico-desportivas | Alçado Leste.



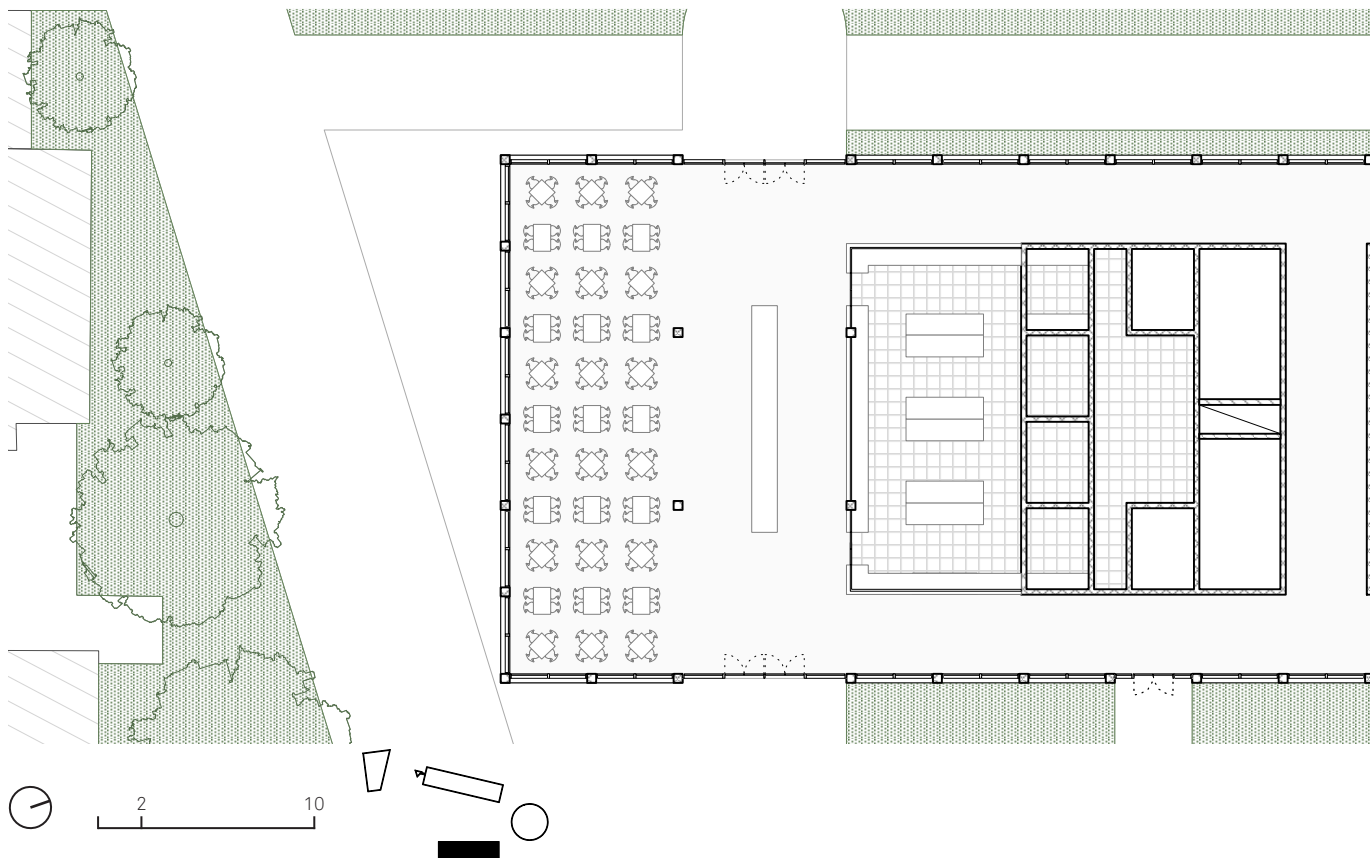
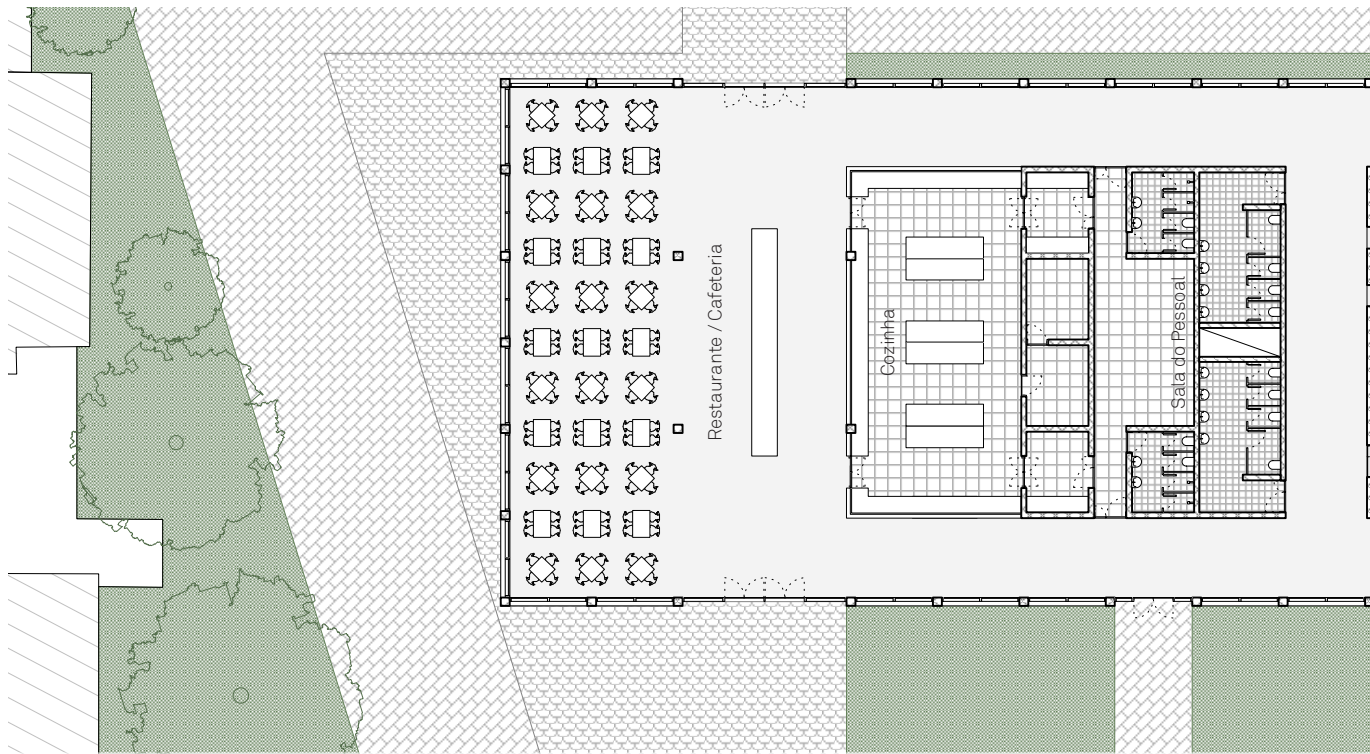


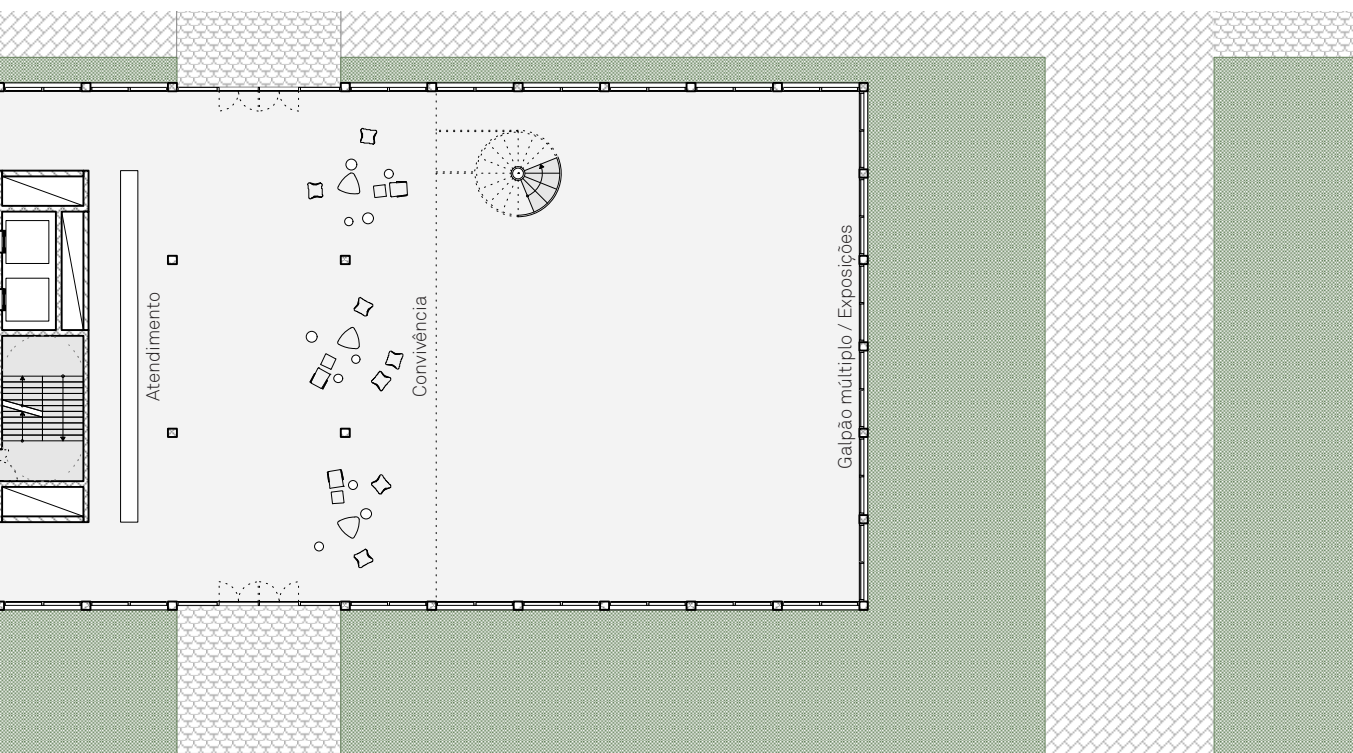




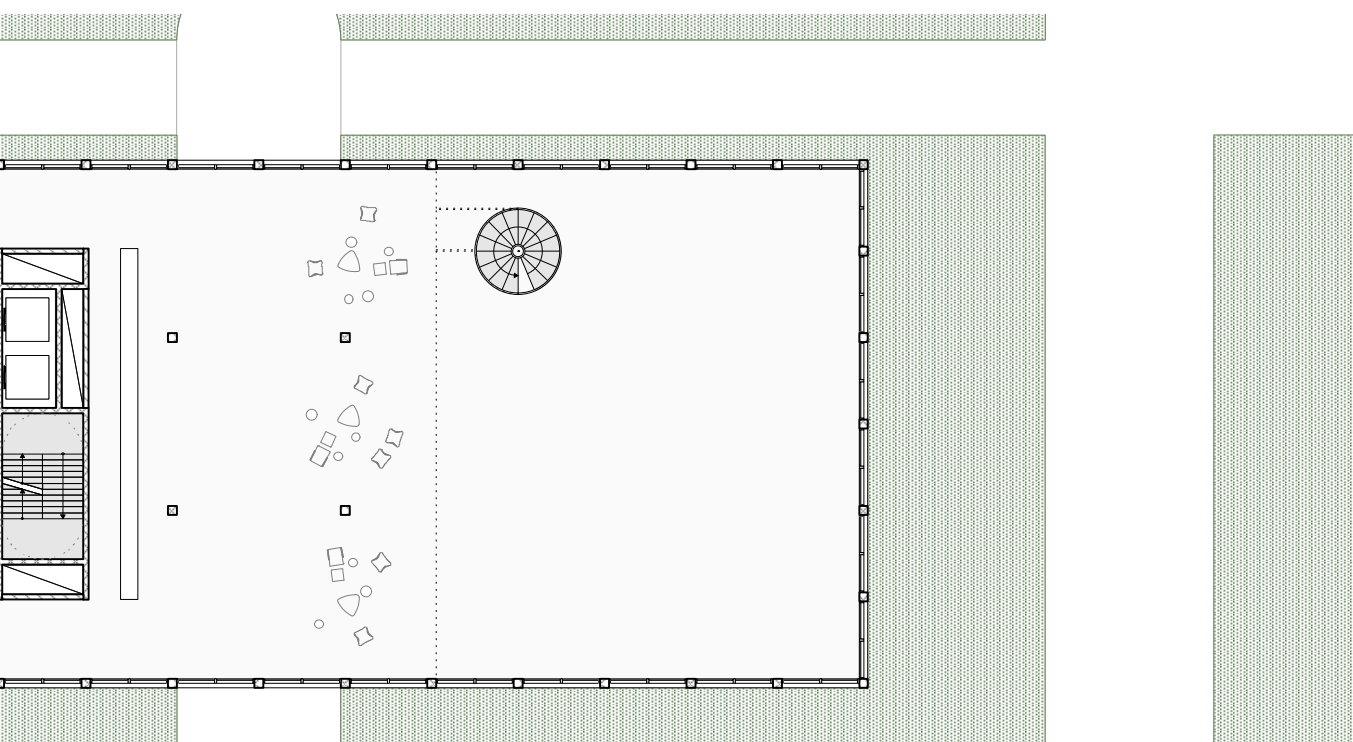




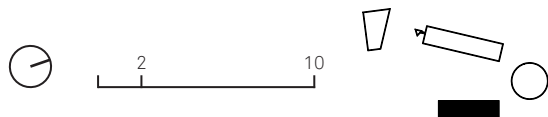
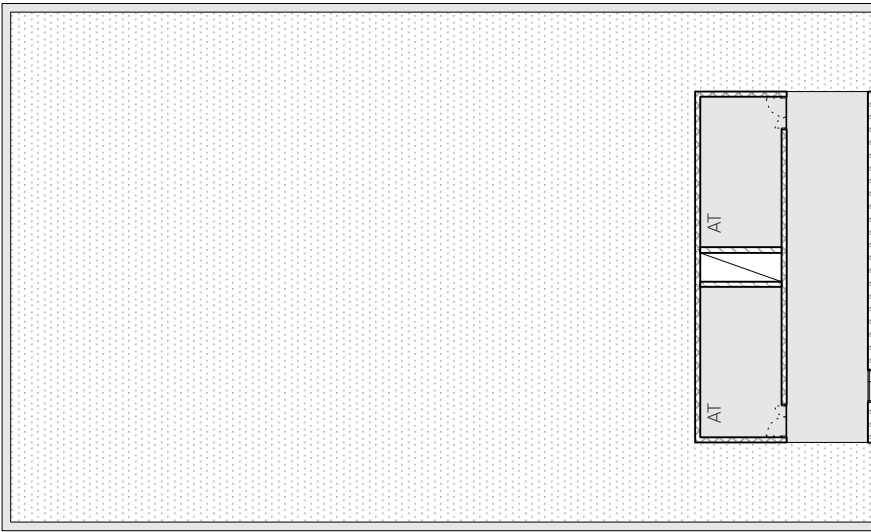
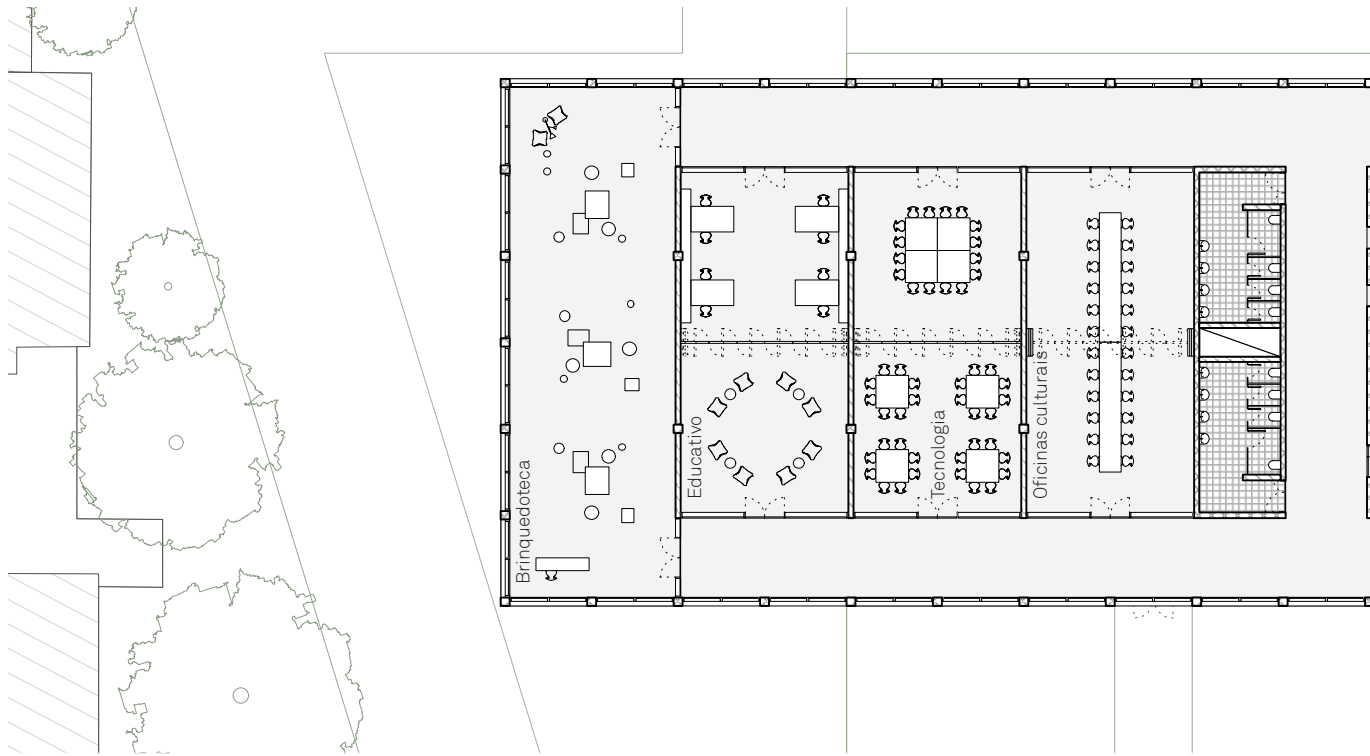


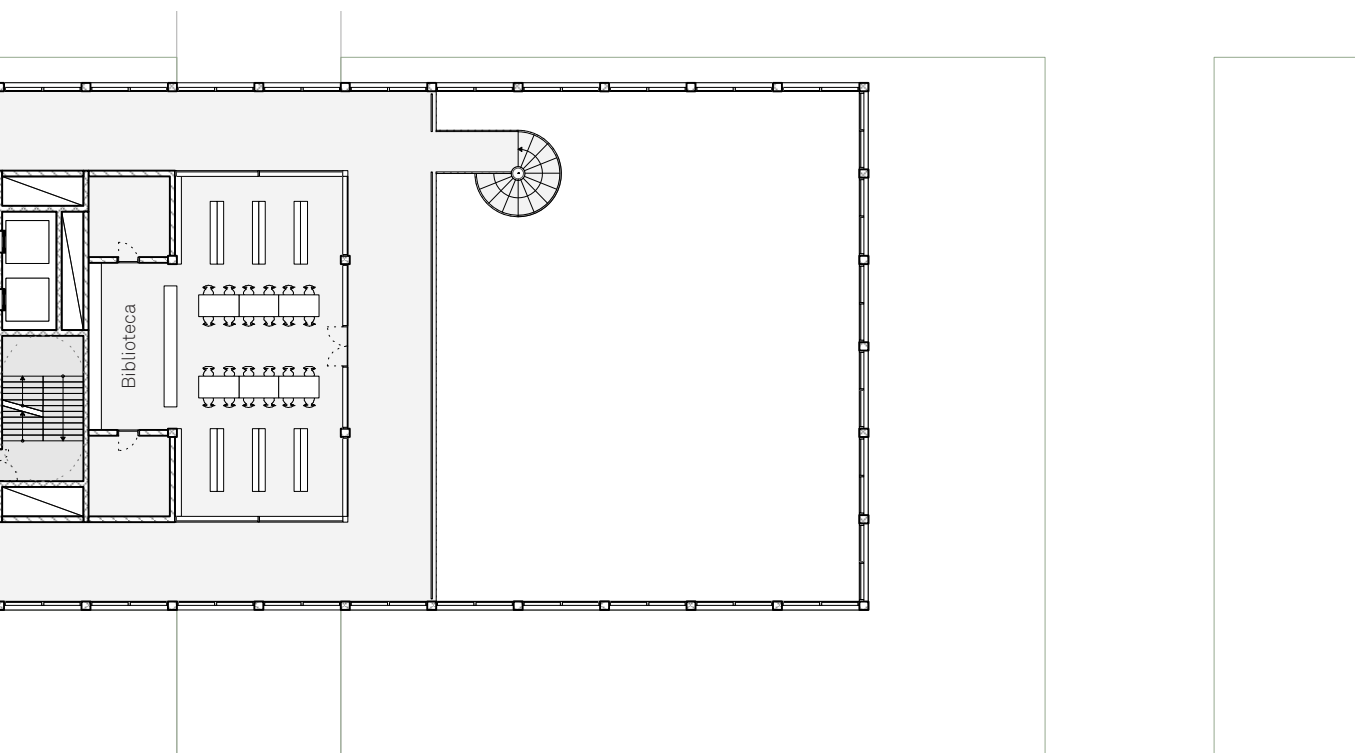


Complexo sociocultural | Planta Rés-do-chão (0.00m).

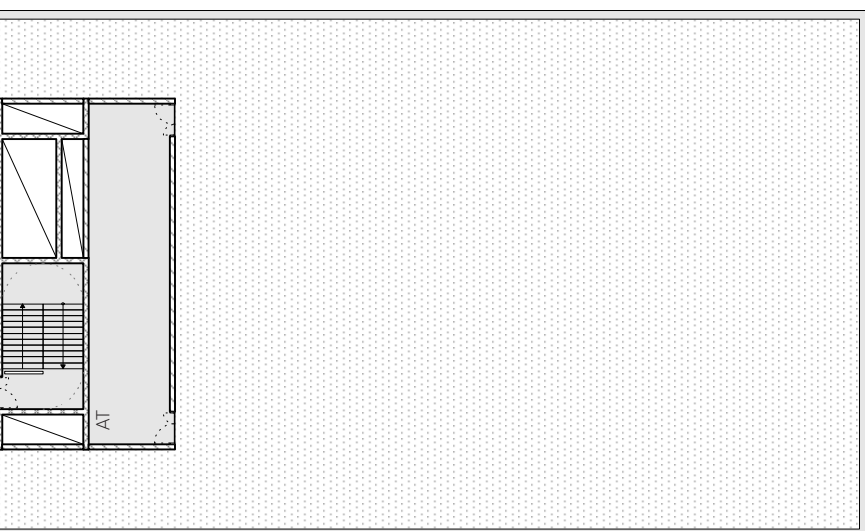


Complexo sociocultural | Planta pé-direito duplo Rés-do-chão (4.00m).

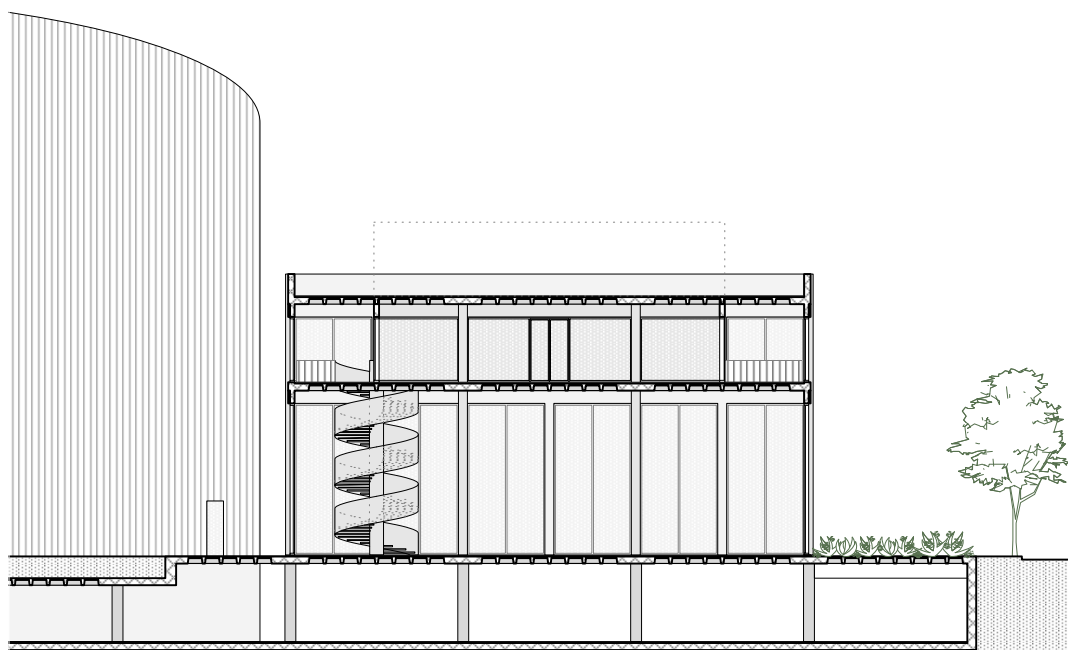


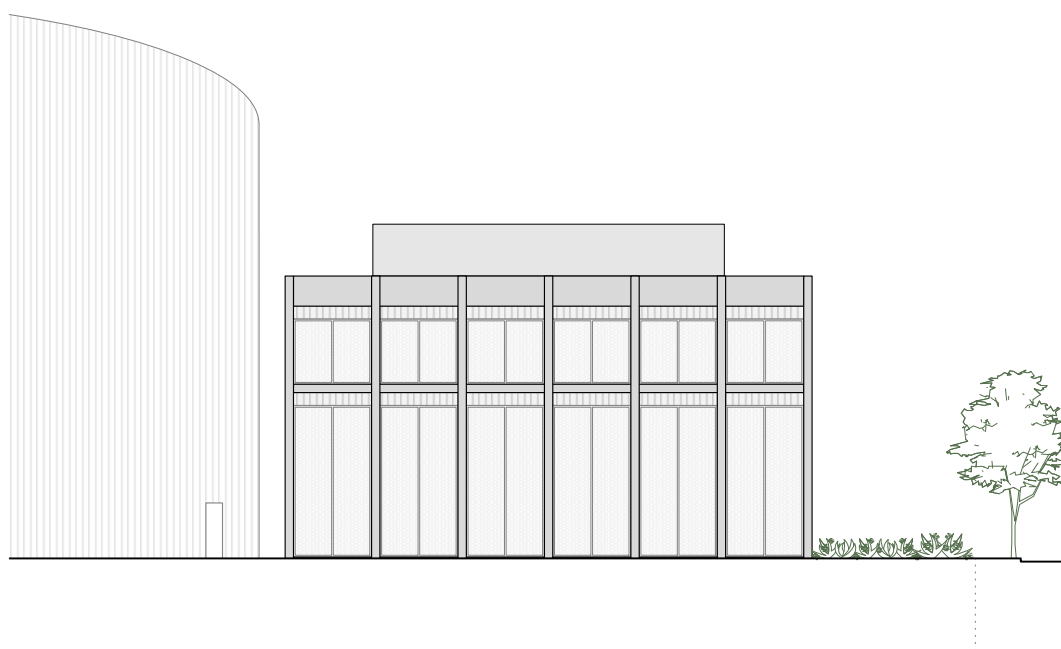


Complexo sociocultural | Planta 1º andar (8.00m).



Complexo sociocultural | Cobertura (12.00m).

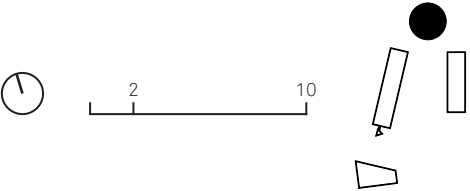
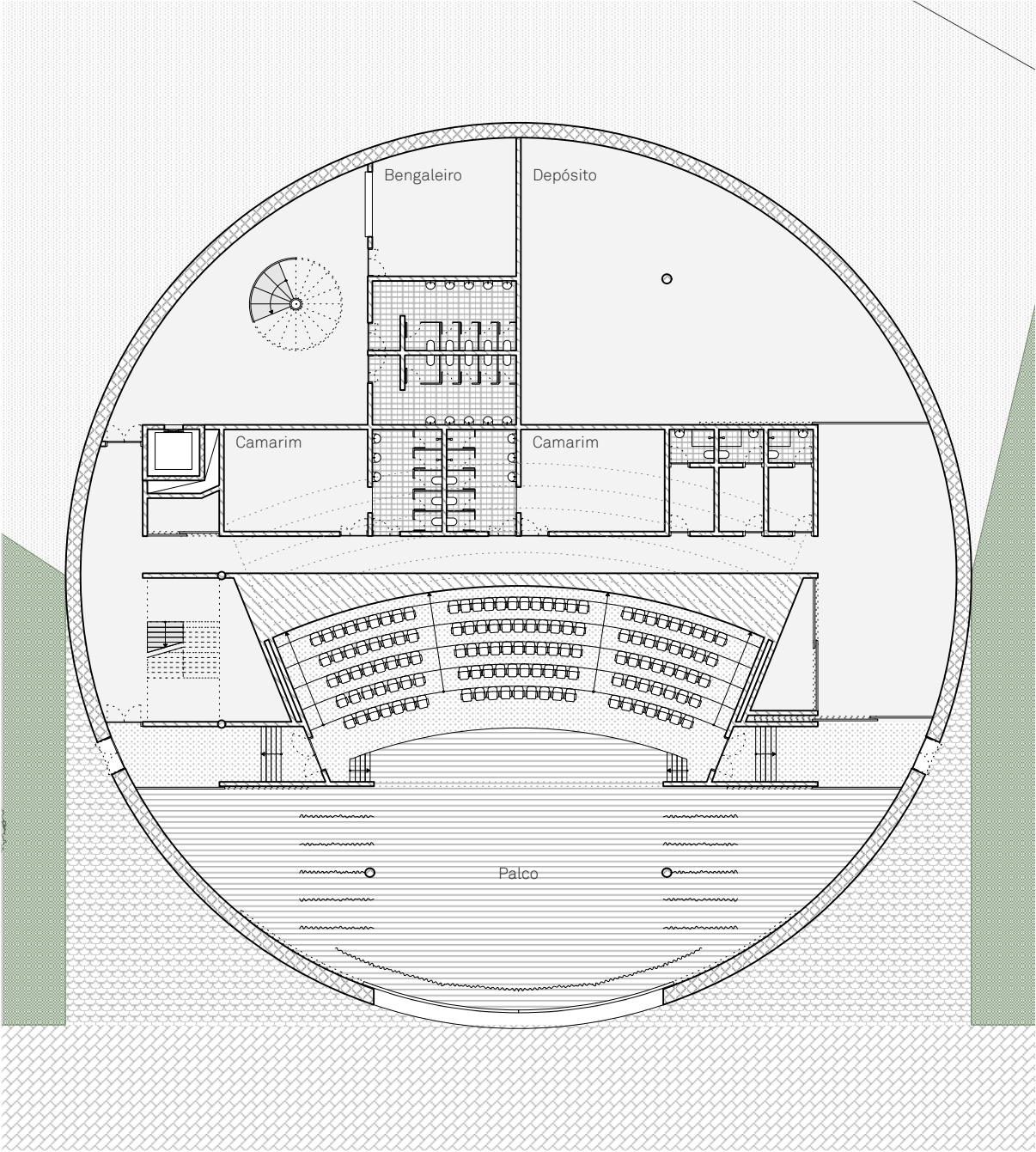


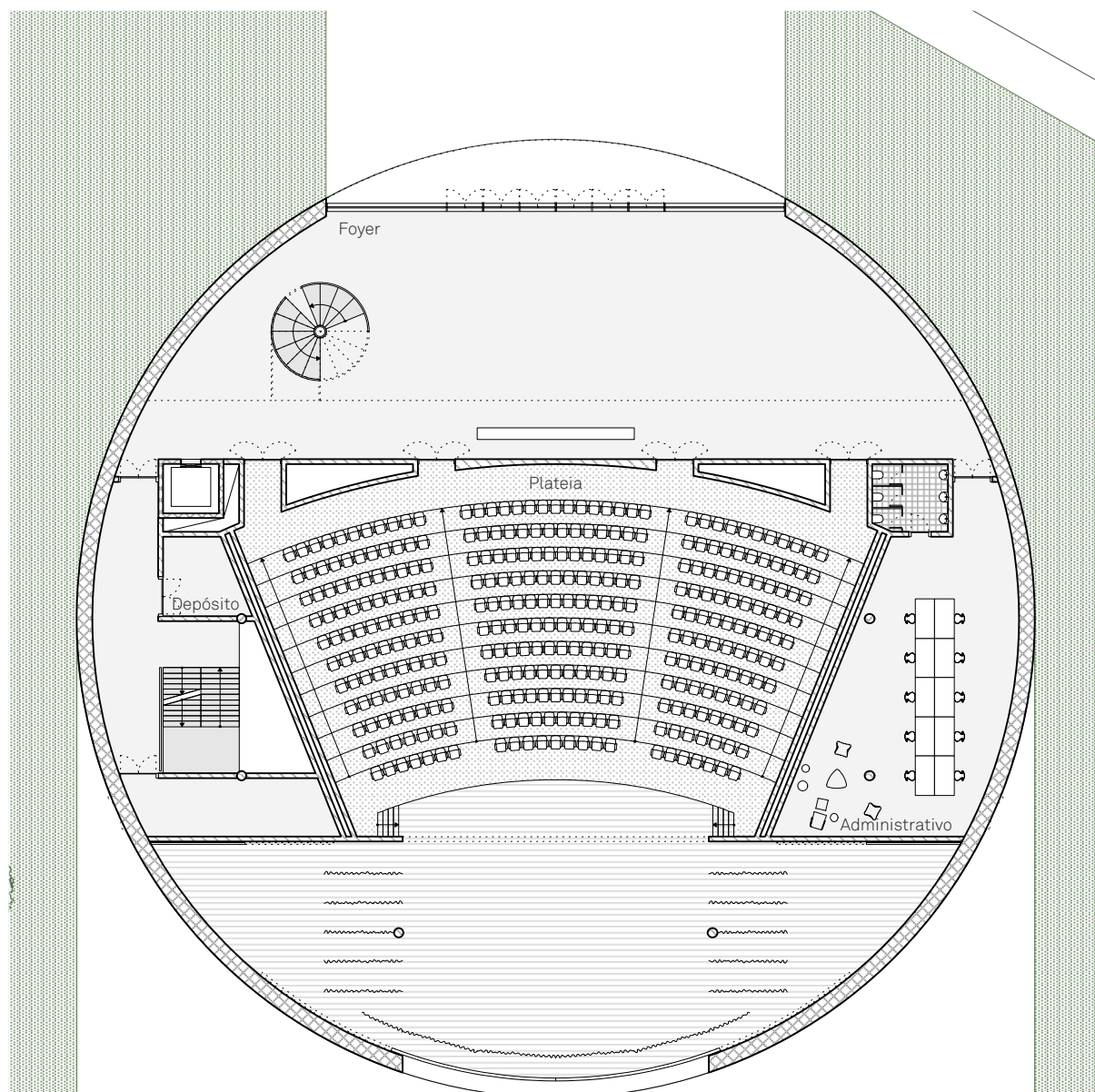


esq. Complexo sociocultural | Corte Transversal.
Complexo sociocultural | Alçado Sul.

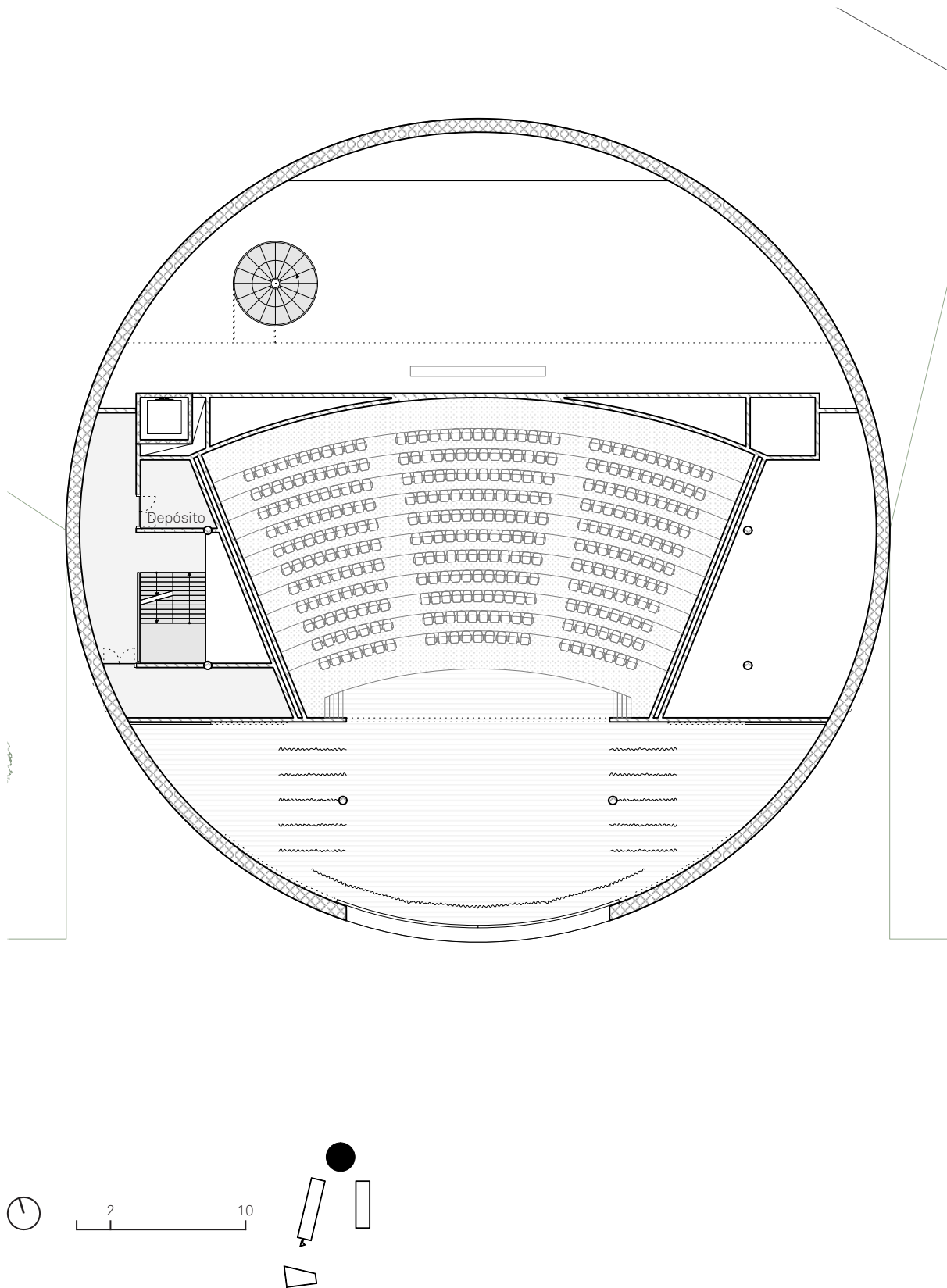


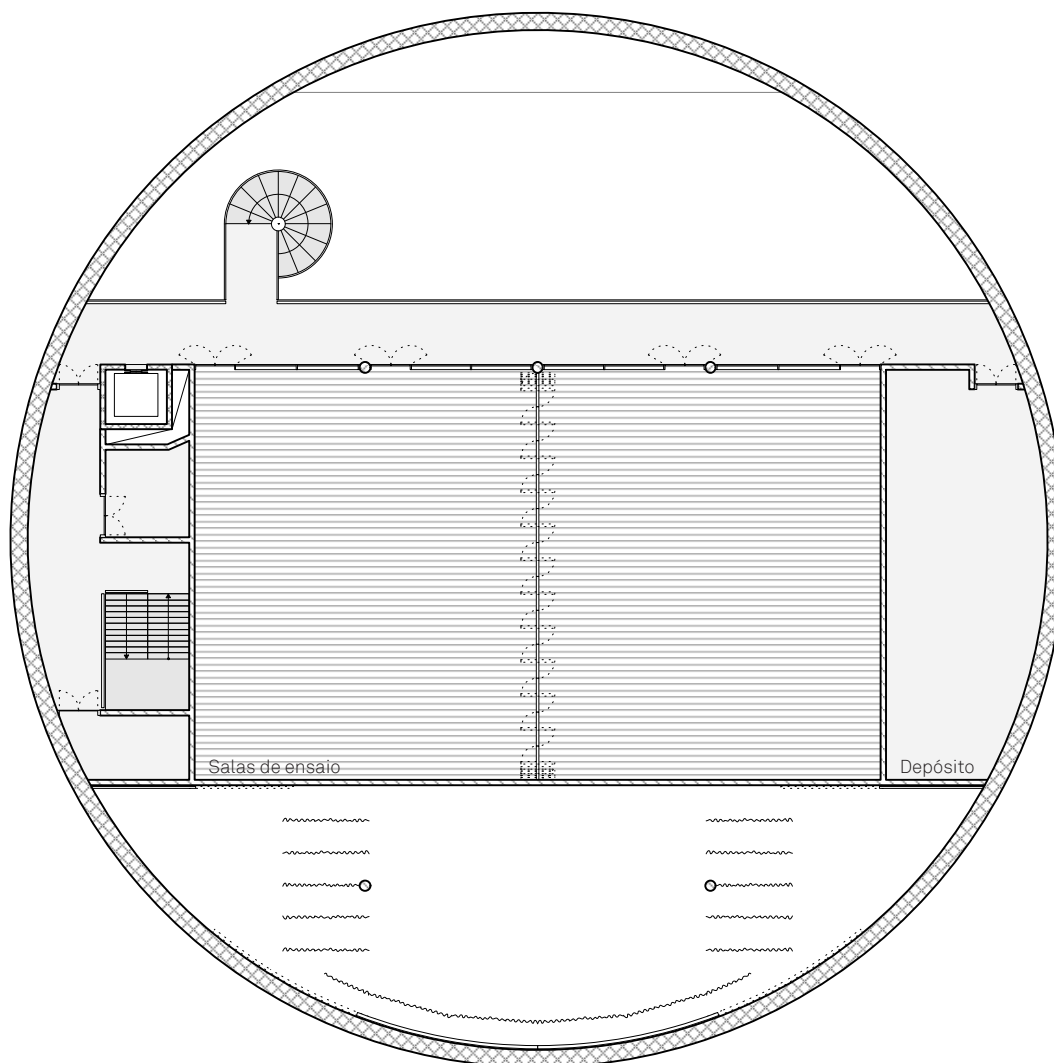




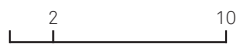
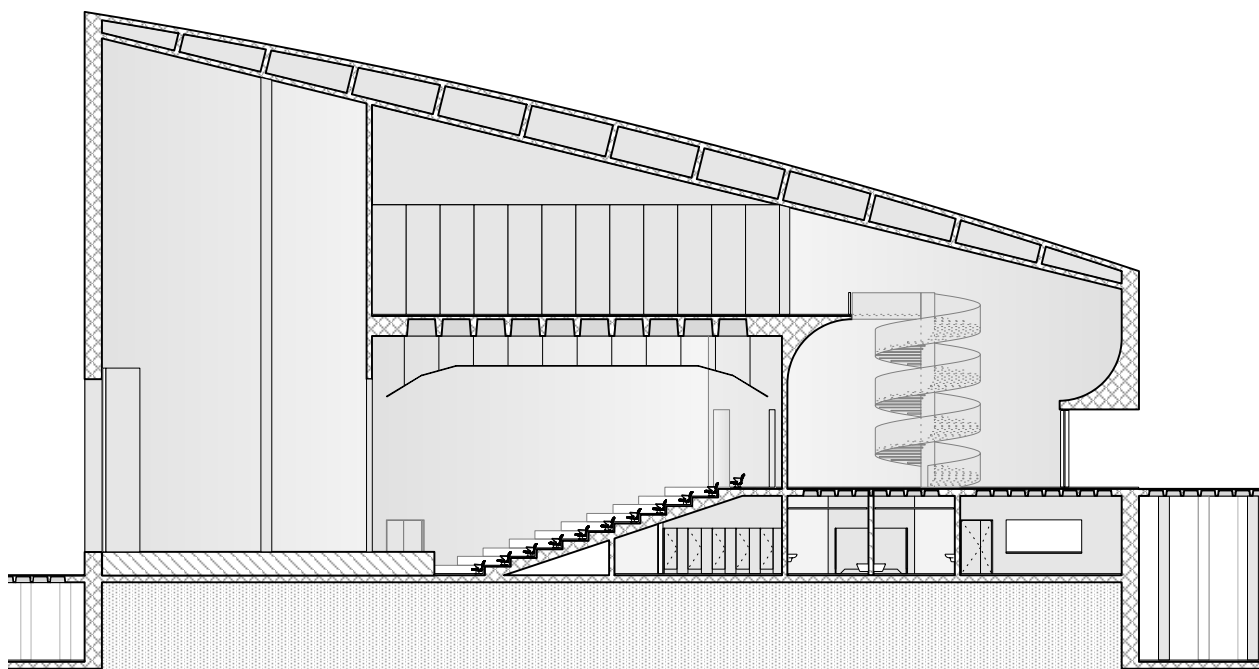


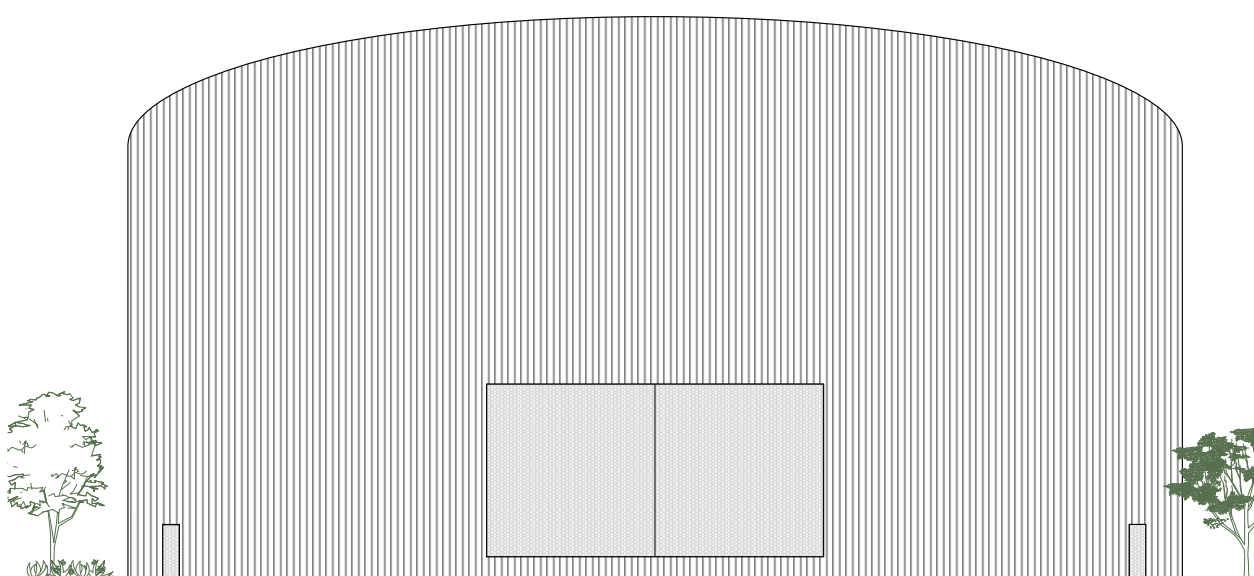
esq. Auditório | Planta Rés-do-chão (0.00m).
Auditório | Planta 1º andar (4.00m).



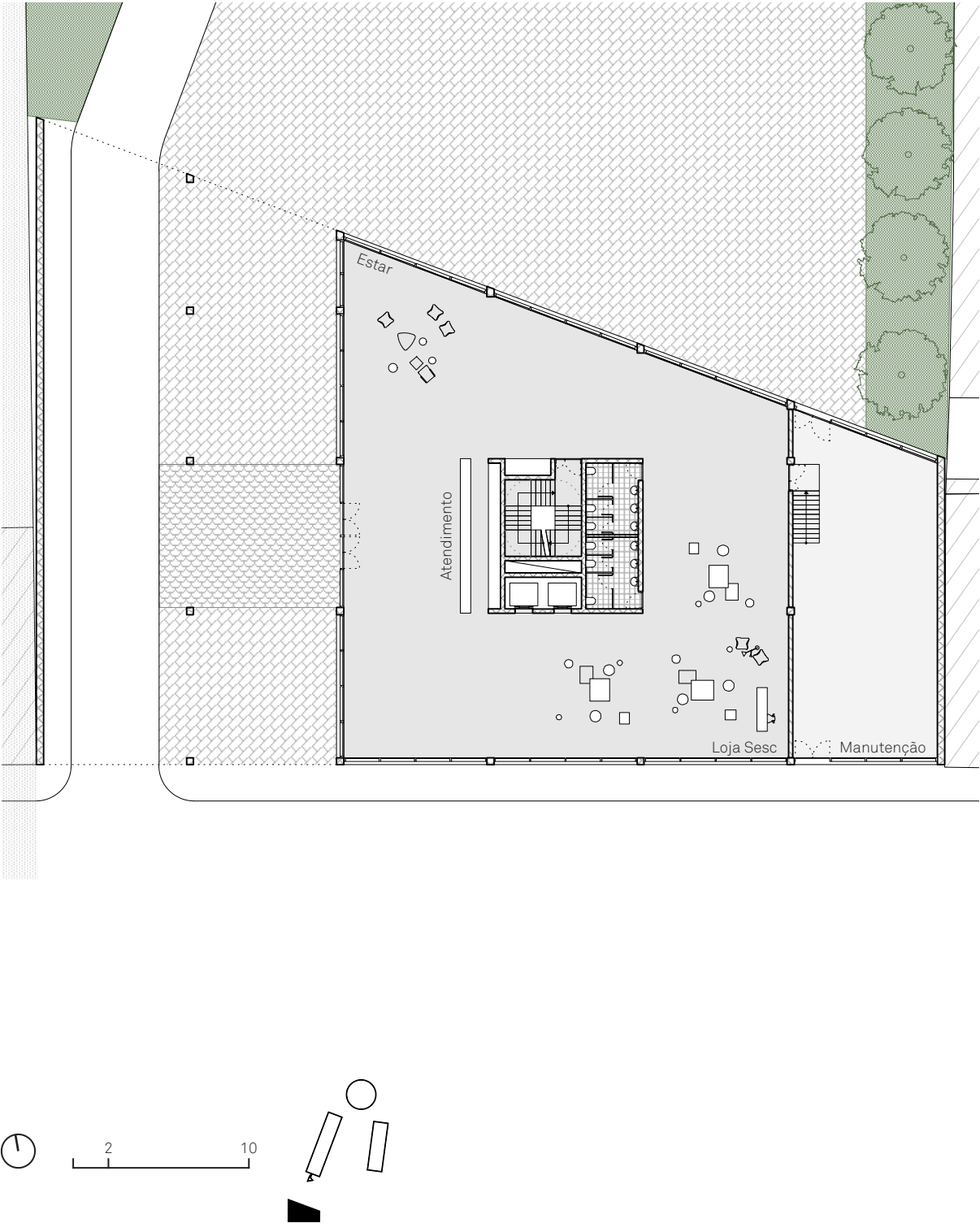


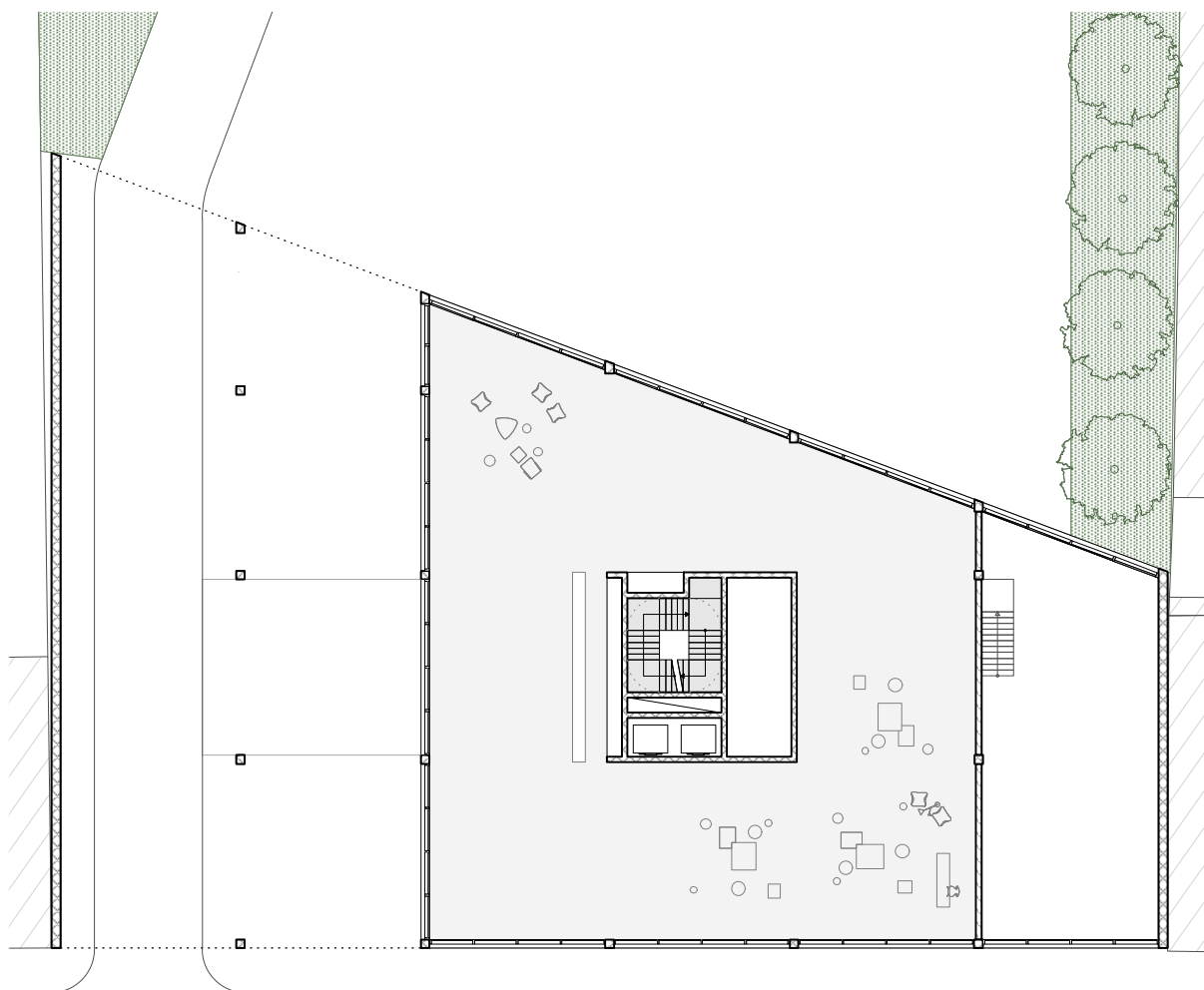
esq. Auditório | Planta 3º andar (8.00m).
Auditório | Planta 4º andar (12.00m).



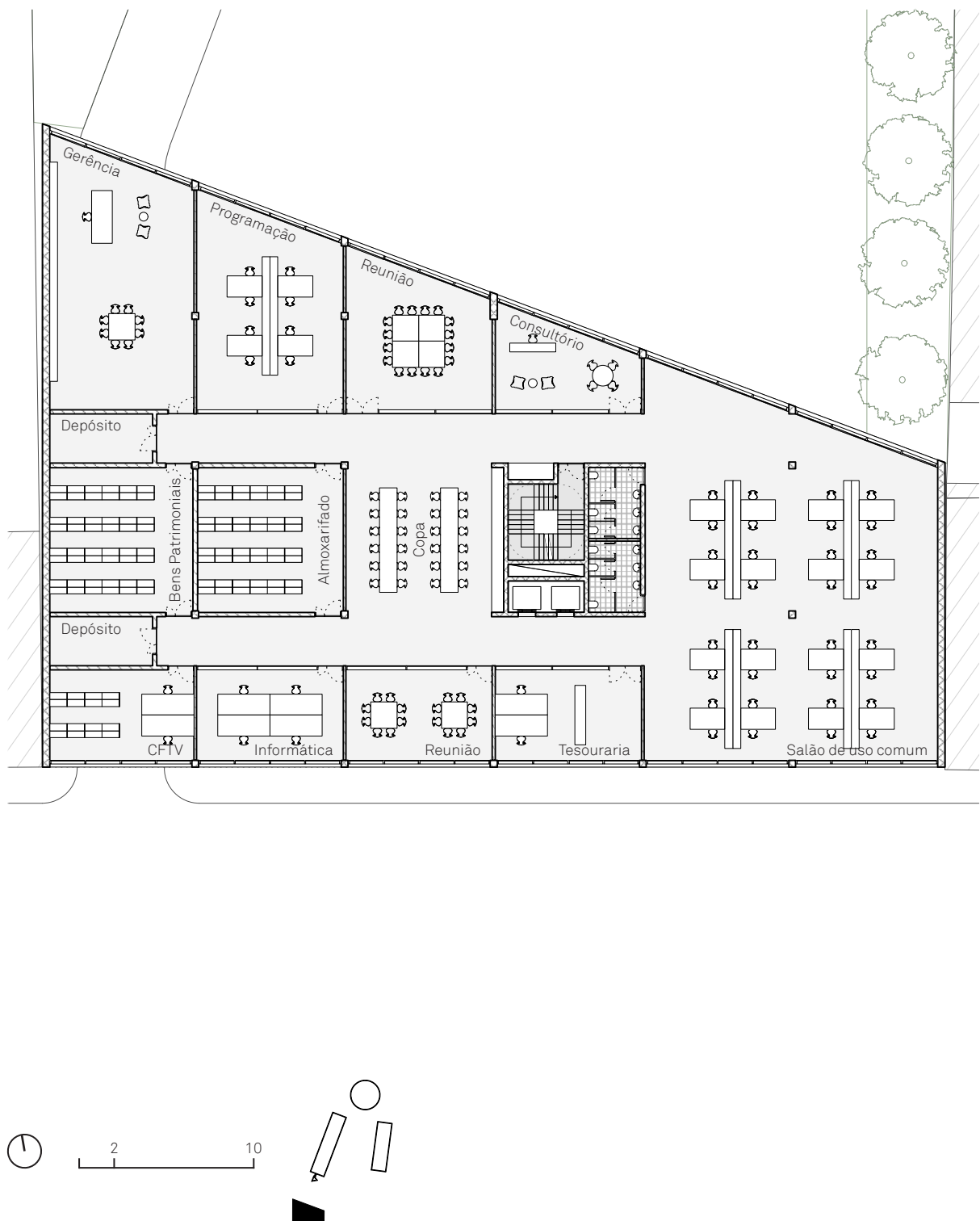


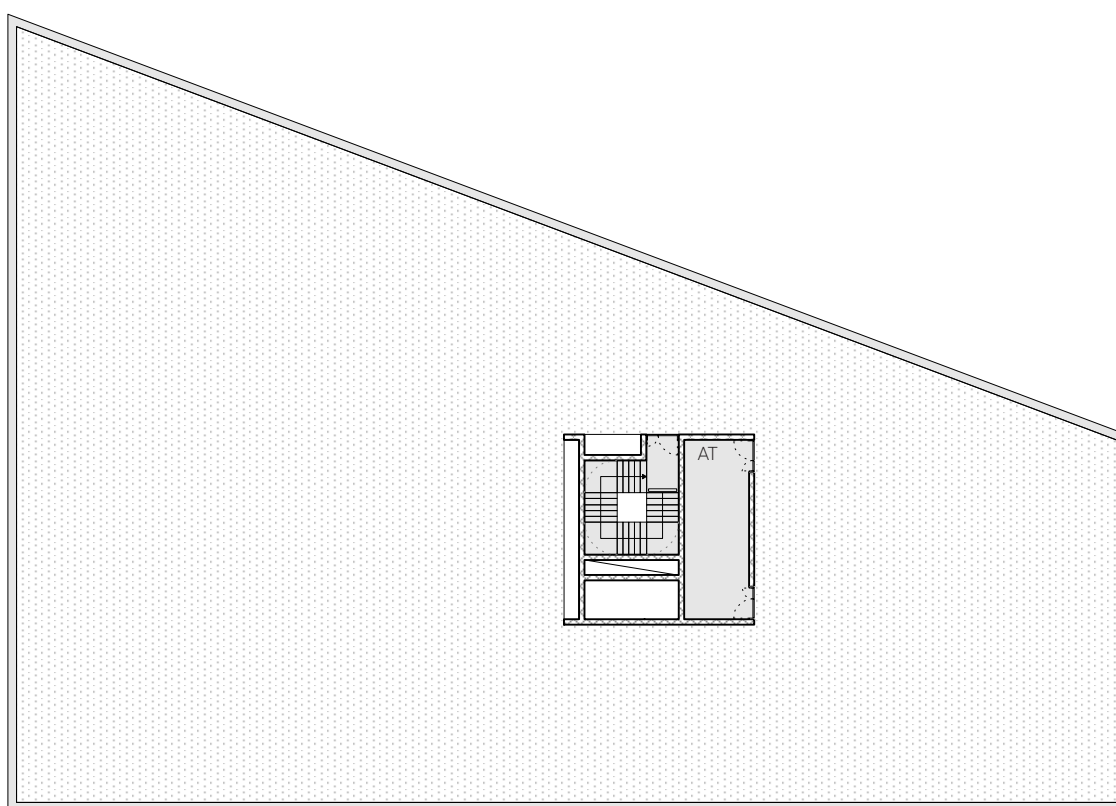
esq. Auditório | Corte Transversal.
Auditório | Alçado Sul.





esq. Complexo administrativo e apoio operacional | Planta Rés-do-chão (0.00m).
Complexo administrativo e apoio operacional | Planta pé-direito duplo Rés-do-chão (4.00m).





esq. Complexo administrativo e apoio operacional | Planta 1º andar (8.00m).
Complexo administrativo e apoio operacional | Cobertura (12.00m).





esq. Complexo administrativo e apoio operacional | Corte Longitudinal.
Complexo administrativo e apoio operacional | Alçado Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso deste exercício acadêmico me permitiu a aproximação e a aquisição de novos conhecimentos sobre dois temas que tenho um profundo interesse, o primeiro deles diz respeito à componente teórica deste ensaio, a qual analisou os conceitos de “tempo livre” e “lazer”, e o segundo sobre o histórico e a atuação da instituição Sesc, um modelo bem sucedido no território brasileiro e que acredito também poder funcionar bem em tantos outros países, assim como foi proposto a importação deste modelo para Portugal.

Uma vez que nos referimos ao tempo livre e ao lazer, automaticamente e indiretamente estamos nos referindo ao trabalho e ao momento dele liberado. Assim como foi dito no primeiro capítulo desta dissertação, através de uma citação de Karl Marx, o trabalho se faz a necessidade primeira e básica à medida que ele proporciona o acesso material à nossa subsistência, o capital. A partir da vida particular de cada indivíduo, atravessando suas relações sociais formais e informais, tudo fica marcado pelos valores que resultam do trabalho. Posto isto, fica cada vez mais evidente que o desemprego, a informalidade, o ócio, o não trabalho e o tempo livre emergem não apenas como uma questão individual, porém, como coletiva. Devendo ser encarada por uma força que a direcione ao desenvolvimento, caso contrário, será uma causa certa ao desequilíbrio de uma sociedade e sua economia.

Ainda sobre a ética do trabalho, é notável em sua evolução histórica que as jornadas a ele dedicada diminuíram desde a era industrial do final do século XIX. São três os fatores que contribuíram para este ocorrido e contribuem até hoje para a mudança da perspectiva sobre o trabalho, conformando continuamente um novo cotidiano à sociedade geral. Em primeiro lugar é destacado o fator tecnológico, que devido aos avanços e inovações da tecnologia possibilitam a otimização do trabalho, aumentando sua produção à medida que reduz o tempo a ela dedicado. Na sequência fica apontado o fator social, que, através dos sindicatos em defesa dos trabalhadores, está sempre reivindicando os seus direitos, a diminuição das jornadas de trabalho, a instituição do descanso semanal e férias anuais remuneradas e a garantia de sua reforma. E o terceiro fator é de caráter cultural, traduzido pela importância que o tempo livre tem tomado na vida das pessoas uma vez que ele é entendido como uma possibilidade para a investigação de suas personalidades e aprimoramento de suas potencialidades. No entanto, para este último fator, o que podemos constatar atualmente é uma imposição de consumo de bens materiais ou a realização de atividades pré-estipuladas pela dinâmica do capitalismo, a exemplo: shoppings, consumo e uso de bens eletrônicos (celulares, computadores, TV, vídeo games etc.).

Portanto, a incógnita que paira nesta dissertação é sobre o futuro do trabalho e do consequente tempo livre que emerge na contemporaneidade à medida que avançam os fatores elencados acima. Em resposta, como já dito, seria desejável um futuro que estivesse

mais conectado com a emancipação do indivíduo do que com a sua servidão coletiva. Um futuro não alienado e que nos permita a sermos levados sempre para lugares melhores, tendo tempo livre para nos constituirmos como seres humanos.

Em um cenário portuense, baseado na análise sociodemográfica realizada, foi possível constatar que nos últimos anos houve uma redução da população residente no Porto e compreender que a dinâmica da comunidade está caminhando para uma diminuição da população jovem e ao consequente aumento da população idosa que remanesce na cidade. Em adição, apesar de não ter ocorrido uma grande mudança no número de famílias que residem no Porto, o que ocorreu foi uma oscilação na estrutura familiar devido ao aumento das famílias unipessoais e à redução das famílias numerosas. O resultado deste processo impactou diretamente na considerada população ativa e inativa (que trabalha ou não) da cidade. A análise também trouxe à luz que grande parte dos trabalhadores estão compreendidos em uma faixa etária entre os 25 e os 54 anos de idade, desta forma a população inativa (composta por idosos, pensionistas, estudantes, profissionais informais e pessoas que já desistiram de procurar por um emprego) acumula um percentual expressivo superior aos 40%.

Neste contexto foi então proposto o estabelecimento de uma unidade Sesc no Porto. Ela emerge com o compromisso de intermediar os anseios de desenvolvimento da população através das suas diferentes formas de atuação e atendimento ao público. A sua arquitetura se mostra aqui como um coadjuvante neste processo de experiência pública, promovendo um equilíbrio entre a sua espacialidade estética, a programação cultural à que cede espaço e a transmissão dos valores éticos da instituição. Os contributos que traz à sociedade são compostos pela sua qualificação e revitalização sociocultural; traduzidos pelo desenvolvimento humano, o exercício da cidadania e a melhor convivência na diversidade. O Sesc Porto surge com a responsabilidade em ser uma alternativa ao consumo desenfreado e à banalização do tempo livre, em defesa dos princípios da “educação para o lazer” e “educação pelo lazer”.

“O mais importante não é a arquitetura, mas a vida, os amigos e este mundo injusto que devemos modificar”

Oscar Niemeyer

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. - Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOTELHO KLOCKER, Carolina Arruda – Gestão do processo de projeto no SESC-SP; orientador: Prof. Dr. Silvio Burratino Melhado. EP/USP. São Paulo, Brasil.

CUNNINGHAM, J. - An Essay on Trade and Commerce. Londres, S. Hooper, 1770.

DE GRAZIA, Sebastian – Of Time, Work, and Leisure. New York, Twentieth Century Fund, 1962.

DE MASI, Domenico - O Ócio Criativo / Domenico De Masi; entrevista a Maria Serena Palieri. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. ISBN 85-86796-45-X1.

DUMAZEDIER, Joffre - Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre – Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FARIA, Alexandra; OLIVEIRA, Carlos, ROCHA, Eugénia; LAGE, Graça; GOMES, Marta – Pessoas e Atividades, Demografia e Desenvolvimento Social, Relatório de Caracterização e Diagnóstico / Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto. Porto: Direção Municipal de Urbanismo; Departamento Municipal de Planeamento Urbano; Divisão Municipal de Planeamento e Ordenamento do Território, Abril 2018. Disponível em: https://www.cm-porto.pt/assets/misc/img/PDM/ECD/51_PDMP_ECD_Demog_Desenv_Soc.pdf

FUENTES SUÁREZ, María Belén – Intervenção em edificação preexistentes: o projeto de Lina Bo Bardi para o SESC Fábrica da Pompeia / María Belén Fuentes Suárez; orientador Rodrigo Cristiano Queiroz. 2016. FAU/USP. São Paulo, Brasil.

LAFARGUE, Paul – O Direito à Preguiça [em linha]. eBooksBrasil.com. Fonte digital: RocketEdition de 1999, 2005. [21 Mai. 2018]. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/direitopreguica.pdf>

LAKATOS, Silvia – Cultura, Esportes e Arquitetura de braços dados. Móbile; Revista do CAU/SP. São Paulo. ISSN 2448-3885. Nº 11 (Nov/Dez. 2017), p. 30-37.

LEPIK, Andres; TALESNIK, Daniel – Access for All, São Paulo's Architectural Infrastructures / Andres Lepik e Daniel Talesnik; fotografias Ciro Miguel. Zurich: Park Books, 2019. ISBN 978-3-03860-163-0.

MAH, Sérgio; B. COSTA, Nuno – Public Without Rhetoric: Pavilhão de Portugal, 16ª Exposição Internacional de Arquitetura. 1ª Edição.

MARX, Karl - Ouvres: Économie. Paris: Gallimard, t. 1, 1963, 1819 p.; t. 2, 1967, 1970 p.; edição organizada por M. Rubel.

OLIVEIRA, Olivia de – Lina Bo Bardi: obra construída Built work / Olivia de Oliveira; fotografias Nelson Kon. 1ª Edição. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

PISANI, Daniele – Paulo Mendes da Rocha: obra completa / Daniele Pisani; fotografias Leonardo Finotti; [tradução Alexandre Salvaterra]. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

POMPOLO, Camila de Aguiar – Um Percurso pelos SESC'S: uma leitura das transformações tempo-espaciais / Camila de Aguiar Pompolo; orientador Gelson de Almeida Pinto. 2007. EESC/USP. São Carlos, Brasil.

SERAPIÃO, Fernando; WISNIK, Guilherme – Infinite Span, 90 Years of Brazilian Architecture / Fernando Serapião e Guilherme Wisnik; [tradução Anton Stark e Mário Seabra]. Casa da Arquitectura, Portugal e Lars Müller Publishers, Swiss, 2019. ISBN Casa da Arquitectura 978-989-96790-9-2; ISBN Lars Müller Publishers 978-3-03778-589-8.

SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Administração Regional no Estado de São Paulo – Sesc Pompeia. São Paulo: Sesc Pompeia, 2013. Disponível em: https://issuu.com/sescsp/docs/folhetohistorico_port/10

SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional, Assessoria de Divulgação e Promoção – Carta da Paz Social. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: SESC, Fevereiro 2012

SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional – Diretrizes para o Quinquênio 2016 - 2020. Rio de Janeiro: SESC, 2016.

SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Departamento Nacional – Referencial Programático do Sesc. Rio de Janeiro: SESC, 2015.

TÁVORA, Fernando. Da Organização do Espaço, Porto: FAUP – Faculdade de Arquitectura da

Universidade do Porto, 2008. ISBN 9789729483226.

VARAGNAC, André - Civilisation Traditionnelle et Genres de Vie. Paris: Albin Michel, 1948

VAUBAN, Sébastien Le Prestre de - La Dîme Royale. Paris: Bureaux de la Publication, 1872.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

VÍDEO:

Domenico de Masi. [registro vídeo]. Realização Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 21/01/2013. Disponível em YouTube pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=MSEUPqHnv14&t=149s> (78 min).

Sesc 24 de Maio – Paulo Mendes da Rocha + MMBB Arquitetos. [registro vídeo]. Realização Galeria da Arquitetura. São Paulo, 06/02/2018. Disponível em YouTube pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=VfkeBvKc_il (4min40s.)

WEB:

<http://www.ct-escoladacidade.org/sesc-campo-limpo-3/curso/ensaios/>

<http://www.sesc.com.br/>

<http://www.sesc.com.br/portal/site/mesabraisesc/home/>

<http://www.tate.org.uk/art/art-terms/b/bloomsbury/lifestyle-lives-and-legacy-bloomsbury-group>

<http://culturadbolso.blogspot.com/2011/04/ocio.html>

<http://www.visitar-porto.com/pt/eventos/porto-eventos.html>

https://gcl.sescsp.org.br/licitacao_internet/mostra_detalhe_concurso.cfm?concurso_id=8

<https://artsandculture.google.com/asset/the-harvesters/PAH1oMZ5dGBkxg?hl=pt-PT>